



KÉSIA APARECIDA TEIXEIRA SILVA

**A LUZ “VERMELHA” NO FIM DO TÚNEL:
SENTIDOS SUBJETIVOS DO TRABALHO
NA PROSTITUIÇÃO**

**LAVRAS - MG
2013**

KÉSIA APARECIDA TEIXIERA SILVA

**A LUZ “VERMELHA” NO FIM DO TÚNEL: SENTIDOS SUBJETIVOS
DO TRABALHO NA PROSTITUIÇÃO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora

Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle

**LAVRAS – MG
2013**

**Ficha Catalográfica Elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca da UFLA**

Silva, Késia Aparecida Teixeira.

A luz “vermelha” no fim do túnel : sentidos subjetivos do trabalho na prostituição / Késia Aparecida Teixeira Silva. – Lavras : UFLA, 2013.

162 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2013.

Orientador: Mônica Carvalho Alves Cappelle.

Bibliografia.

1. Trabalho. 2. Prostituição. 3. Sentidos subjetivos. I. Universidade Federal de Lavras. II. Título.

CDD – 331.76130674

KÉSIA APARECIDA TEIXIERA SILVA

**A LUZ “VERMELHA” NO FIM DO TÚNEL: SENTIDOS SUBJETIVOS
DO TRABALHO NA PROSTITUIÇÃO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 28 de fevereiro de 2013

Dr. Mozar José Brito	UFLA
Dra. Maria de Lourdes Sousa Oliveira	UFLA
Dr. Marcus Vinicius Soares Siqueira	UNB

Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle
Orientadora

**LAVRAS – MG
2013**

PARA MATHEUS

Você foi a maior inspiração durante a realização deste trabalho! Porque você, meu amado filho, me inspira sempre a ser alguém melhor. Você me dá coragem e força para superar qualquer desafio! Eu sei que foi um período difícil para você também, mas superamos juntos, assim como superaremos todos os outros que vierem. Obrigada, por significar tudo em minha vida!

Com amor.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é a concretização de mais um sonho, e realizar sonhos não é nada fácil! Exige dedicação, esforço, renúncia, paciência, criatividade... Sozinha seria impossível chegar até aqui, por isso agradeço imensamente a Deus, pela vida, saúde, inteligência e força para realizar meus sonhos e lutar pelas coisas nas quais acredito.

A minha mãe, Ledinha, pelo amor incondicional, pela sabedoria com que me educou, repassando valores essenciais para a vida, por me fazer ver que meus limites sou eu quem os determina. Você será sempre meu exemplo de perfeição!

Ao meu esposo, Alan, pelo cuidado, pelo carinho, pelo amor a mim dedicado, pela agradável companhia em todos os momentos, por tornar seus os meus sonhos, pela compreensão de perder a esposa para o Mestrado quinze dias após o casamento, pela dedicação a nossa família. Amo muito você!

À Mônica Cappelle, que eu tanto desejei ter como orientadora e que tive o prazer de me orientar nesta dissertação. Obrigada, pela confiança, pelo aprendizado, pelo respeito, pela boa convivência e por colaborar substancialmente para o engrandecimento deste trabalho. Obrigada, pelas correções tão detalhadas e por me fazer refletir cada vez mais sobre a temática a que nos propusemos trabalhar. Você será sempre uma referência profissional para mim no decorrer de minha carreira!

A minha banca examinadora, professores Mozar, Maroca e Marcus, pelas considerações que tanto colaboraram para melhorar o trabalho. Obrigado por estarem presentes neste momento!

Agradeço à FAPEMIG, agência que financiou meus estudos, pela oportunidade de cursar o Mestrado como bolsista. Esse financiamento foi fundamental para que eu pudesse me dedicar exclusivamente ao curso.

Ao PPGA-UFLA, por fornecer o suporte necessário para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Aos professores, com quem tanto aprendi, agradeço pelo conhecimento compartilhado nesses dois anos. Em especial a Prof.^a Flávia Naves, que me despertou para a temática elucidada nesta pesquisa.

Aos meus colegas nos grupos de pesquisa NEORGS e LETRA, pela troca de conhecimento nas pesquisas, nos artigos, nos eventos, pela convivência agradável, pelas ideias, pelo apoio nos momentos de tensão. Foi muito bom estar com vocês!

O Mestrado não nos dá apenas o título de Mestre! Agradeço aos amigos que fiz durante o curso e que serão sempre lembrados carinhosamente: Guilherme Borges, Soll Riveli, Mário Almeida, Cleiton Duarte, Cintia Loos, Adriano Tonelli, Lucas Canestri, Lauisa Barbosa, Luiz Augusto Bronzatto, Eliza Zwick e Rodrigo Cass. Vocês tornaram essa caminhada muito mais tranquila!

As minhas companheiras de república, Chris Nogueira, Soll Riveli, Marcília Teixeira e Marília Teixeira. Obrigada, pelos bons momentos, pelas risadas, pela amizade compartilhada, pela convivência agradável. Em especial à Marília Teixeira, pelo carinho, pelos cafunés no sofá, pelas longas conversas e momentos felizes que vivemos. Posso sentir sua felicidade pela concretização de mais esta etapa em minha vida. Sinto muitas saudades, amiga!

Aos meus amigos que estão sempre ao meu lado, compartilhando momentos e alegrando os meus dias: Isabel Silva, Isaac Arantes, Cleisse Ribeiro, Mauri Couto, Fabiana Ávila, Heiner Francisco, Kelly Gonçalves, Kelisson Santos, Luciana Arantes, Álisson Arantes, Heloísa Torres, Édson Teixeira, Aline Gonçalves e Stella Andrade. Obrigada, por serem tão essenciais em minha vida, pelo carinho demonstrado, pelos recadinhos no *Facebook*, pelas mensagens de apoio no celular, pelos momentos de descontração e por sempre torcerem por mim. Obrigada Bell, pelas visitas na boate comigo, por sempre me incentivar a

continuar pesquisando esta temática e por revisar o trabalho a cada etapa concluída!

Aos meus primos e primas, Gleissiane, Gleidson, Gleiber, Marciênio, Viviane e Neila, mais chegados que um irmão! Pelo carinho, pela presença mesmo estando ausentes, por compartilharmos nossas vidas desde sempre. Por estarmos unidos por este laço tão importante que é nossa família! Agradeço pela torcida!

Aos meus familiares que me auxiliaram nesse momento de ausência para dedicar-me ao Mestrado, especialmente cuidando do Matheus, minha sogra Maria do Carmo, meu sogro Lázaro, minha tia Elza, meus cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas. Valeu a força!

Ao Sr. Paulo, a quem, mesmo não estando mais aqui, não posso deixar de agradecer pelas caronas para Lavras que tanto facilitaram minha vida. Jamais vou me esquecer do carinho e atenção a mim dedicados. Obrigada, Sr. Paulo!

Aos proprietários das boates, por permitirem minha inserção enquanto pesquisadora, ainda que temerosos sobre minhas reais intenções. Obrigada, pela compreensão, pelo respeito, pelas conversas que tanto auxiliaram meu entendimento sobre este universo de pesquisa até então tão desconhecido para mim. Em especial à dona Tânia e ao Sr. Acácio, que me receberam tão bem!

Finalmente, àquelas que serão para sempre minhas "meninas": Natasha, Rebeca, Jéssica, Kelly, Camila e Mel. Porque é isso mesmo que vocês são, meninas tristes e solitárias, perdidas pelo caminho, procurando, assim como todos nós, sobreviver e melhorar sua condição, dentro das possibilidades que se apresentam. Obrigada, meninas, por abrirem suas vidas, por relatarem com tantos detalhes suas histórias. Obrigada, pelo clima extrovertido, pelos cafezinhos tomados juntas, pelos momentos em que deixaram a emoção fluir e por demonstrarem tanta confiança e atenção. Vocês têm o meu respeito, pela

coragem, ousadia, força, superação e pela alegria, mesmo diante de tantas dificuldades. Obrigada, por tornarem esta pesquisa possível!

A todos vocês, minha eterna gratidão!

O que nos une, igualmente, é acreditarmos que o trabalho constrói a história da humanidade, em busca incessante de ultrapassar seus limites na luta pela sobrevivência e pelas melhores formas de atingir seus projetos, desejos e, como diria Sigmund Freud, na ilusão de ser feliz.

Tittoni, 1994, p. 12

RESUMO

O trabalho, que antes era visto apenas como meio de sobrevivência e acúmulo de riqueza, tornou-se uma das principais dimensões da vida humana, fazendo com que os indivíduos sejam identificados mediante as atividades que realizam. Assim, o trabalho adquiriu um novo sentido para os indivíduos, uma vez que a realização pessoal está intimamente relacionada ao seu reconhecimento perante a sociedade. Diversos estudos têm abordado o trabalho por meio dos sentidos que os trabalhadores atribuem à atividade que realizam, como é o caso da presente pesquisa que investiga os sentidos produzidos por uma categoria distante das profissões formais: as prostitutas. Nesse intuito, objetiva-se apreender os sentidos subjetivos produzidos por prostitutas atuantes em boates no interior de Minas Gerais. Para tanto, buscou-se, inicialmente, contextualizar a prostituição como profissão, desvendar a trajetória das participantes e sua inserção nessa atividade e levantar os sentidos subjetivos relacionados ao trabalho na prostituição. Participaram da pesquisa seis prostitutas que trabalham em boates. O levantamento dos dados deu-se em três momentos empíricos que compreenderam a narração de um fato marcante, a conversação e a criação de um desenho que representasse o trabalho na vida das participantes. Optou-se pelo estudo de natureza qualitativa baseada na Epistemologia Qualitativa (REY, 2005) e as análises foram fundamentadas a partir da acepção de sentido subjetivo (REY, 2003, 2005). O autor defende que entre o pensamento e a linguagem está a emoção, e que por isso nem sempre os sentidos subjetivos podem ser captados nas expressões diretas do sujeito. Por meio das análises foi possível apreender alguns sentidos subjetivos relacionados ao trabalho na prostituição que relacionam-se ao núcleo familiar, à renda obtida nessa atividade, ao desejo de deixar a profissão no futuro, à tristeza, à solidão, à possibilidade de conhecer e se relacionar com outras pessoas, ao preconceito, à violência, dentre outros. A análise permitiu compreender também o espaço de trabalho das prostitutas como um ambiente permanentemente gerador de subjetividade. A análise dos sentidos subjetivos das prostitutas frente ao trabalho que realizam mostrou-se oportuna para o entendimento de aspectos importantes da relação entre as participantes da pesquisa e os sentidos que atribuem ao seu trabalho e possibilitou evidenciar que as relações no espaço do trabalho estão permeadas por inúmeras outras que ocorrem em outros espaços sociais de atuação dos sujeitos.

Palavras-chave: Trabalho. Sentidos Subjetivos. Prostituição.

ABSTRACT

The work, which was once seen only as a means of survival and accumulation of wealth, has become one of the major dimensions of human life, causing individuals to be identified through the activities they perform. Thus, the work took on a new meaning for individuals, as personal fulfillment is closely related to its recognition in society. Several studies have approached the work through the senses that workers attach to the activity they carry out, as is the case of this research that investigates the meanings produced by a category apart from formal professions: as prostitutes. In that order, the objective is apprehend the subjective meanings produced by prostitutes working in clubs in Minas Gerais. Therefore, initially sought contextualize prostitution as a profession, unravel the trajectory of the participants and their inclusion in this activity and raise the subjective meanings related to work in prostitution. Participants were six prostitutes who work in nightclubs. Data collection took place in three empirical stages that understood the narration of a remarkable fact, conversation and creating a drawing that represents the life work of the participants. The qualitative study was opted based on Qualitative Epistemology (REY, 2005) and the analyzes were based from the subjective sense of meaning (REY, 2003, 2005). The author argues that between thought and language is the emotion, and therefore not always subjective meanings can be captured in the direct expressions of the subject. Through the analysis it was possible to apprehend some subjective meanings related to work in prostitution that relate to the household, the income from this activity, the desire to leave the profession in the future, the sadness, loneliness, the ability to meet and relate to others, prejudice, violence, among others. The analysis also allowed us to understand the prostitutes workspace as an environment permanently generator of subjectivity. The subjective sense analysis of prostitutes in front of the work they do proved opportune for understanding important aspects of the relation among the research participants and the meanings they attach to their work and allowed evidence relation within the work are permeated by countless others social spaces of activity of subjects.

Keywords: Work. Subjective senses. Prostitution.

LISTA DE TABELA E FIGURAS

Figura 1	Sonho e realidade.....	134
Figura 2	Tempestade de sangue	136
Figura 3	Menina triste	137
Figura 4	Importância da família	138
Figura 5	Causa e efeito.....	139
Figura 6	A solidão da rosa.....	141
Tabela 1	Peculiaridades do trabalho na prostituição	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Objetivos	18
1.1.1	Objetivo geral.....	18
1.1.2	Objetivos específicos	18
1.2	Justificativa.....	19
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1	A subjetividade na perspectiva de Gonzalez Rey.....	23
2.1.1	Sentidos subjetivos do trabalho	27
2.2	Discussões de gênero sobre a construção do “feminino”	30
2.2.1	Sexualidade e a questão do gênero	35
2.3	Prostituição: desvendando nuances dessa profissão	39
2.3.1	Contextualizando a prostituição	40
2.3.2	A Prostituição e seus desdobramentos	43
2.3.3	Legalização da prostituição no Brasil	51
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	55
3.1	Caracterização da pesquisa.....	55
3.2	<i>Design</i> de pesquisa	55
3.3	Sujeitos da pesquisa	56
3.4	Coleta de dados: Constituição do Cenário e Momentos Empíricos.....	57
3.5	Construção e análise da informação.....	58
4	CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: A ANÁLISE DOS DADOS	61
4.1	Conhecendo o <i>locus</i> de pesquisa: as boates	61
4.2	As damas da noite: caracterizando as “meninas” da pesquisa	68

4.3	Quem conta um conto...: fatos que marcaram a trajetória das prostitutas	73
4.3.1	Natasha: “na minha carreira, por exemplo, já tentaram me matar, fazendo programa...”	73
4.3.2	Rebeca: “era só um pedaço de carne estranha, mas era meu filho...”	75
4.3.3	Jéssica: “não deu certo porque eles tira a gente daqui mas não confia mais...”	77
4.3.4	Kelly: “mas foi bom começar assim, porque eu ainda ia ter muitos iguais a ele na vida...”	79
4.3.5	Camila: “é por isso que eu só faço programa em boates arrumadas igual essa, em zona rural, canto de rodovia eu não vou de jeito nenhum...”	81
4.3.6	Mel: "...ser prostituta afasta as pessoas da gente e faz a gente também se afastar"	82
4.3.7	Alguns sentidos subjetivos apreendidos por meio dos relatos	84
4.4	Mulher da vida nada fácil: repensando a trajetória das prostitutas	86
4.5	O trabalho na prostituição: apreendendo alguns sentidos subjetivos	110
4.6	Sentidos subjetivos do trabalho expressos através de desenhos ...	134
4.7	O trabalho das prostitutas: alguns sentidos subjetivos apreendidos.....	142
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
	REFERÊNCIAS.....	154
	ANEXOS.....	162

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é considerado o meio pelo qual o homem busca suprir suas necessidades, alcançar seus objetivos e se realizar. O resgate histórico do significado do trabalho nos remete a duas perspectivas contrárias que se apresentam. A primeira baseia-se na própria etimologia da palavra “trabalho” que tem sua origem no latim (1) “*labor*”, se referindo à dor, sofrimento e esforço; e (2) “*tripalium*”, instrumento de tortura (GODELIER, 1986). Já a segunda perspectiva diz respeito a uma concepção positiva sobre o trabalho que o relaciona à possibilidade de construção, de identidade e de autorrealização. Albornoz (1994) salienta que os motivos pelos quais as pessoas trabalham estão no próprio trabalho e não fora dele ou nas consequências que gera. Assim, o trabalho é visto como algo que possibilita o desenvolvimento humano.

De acordo com Diogo e Maheirie (2007), o trabalho é a atividade que define o indivíduo como ser humano social. Essa sempre afeta de algum modo a subjetividade do trabalhador, transcendendo a atividade realizada, inscrevendo-se no corpo e na percepção de mundo daquele que o executa.

Antunes (2003, p. 167) considera o trabalho “como fonte originária, primária, de realização do ser social, protoforma da atividade humana, fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana”, reconhecendo o papel fundamental do trabalho na gênese e no fazer-se do ser social. O trabalho é, para o autor, uma experiência elementar da vida em resposta às necessidades sociais. Ao se referir à centralidade do trabalho, Antunes (2003) ressalta sua importância como principal forma de sobrevivência e manutenção da vida do indivíduo e da sociedade. Ele afirma que os seres humanos se baseiam no trabalho como atividade vital para sua socialização e humanização.

A importância do trabalho para os seres humanos e para a sociedade estimula o seu estudo. Diante de um cenário de constantes transformações, o

trabalho passou a ser investigado por diversas áreas do conhecimento, que buscam interpretar e compreender os impactos de sua transformação nas organizações e as consequências desse processo para o trabalhador e a sociedade (ALBERTON; PICCININI, 2009). Entre esses estudos, encontram-se os que se referem ao sentido do trabalho na vida dos trabalhadores. Morin (2001) menciona que essa compreensão acerca do trabalho é um desafio importante para os atuais administradores, tendo em vista que as mudanças no mundo do trabalho e nas relações que o permeiam atingem as organizações diretamente.

Para Vygotski (1991), sentido refere-se à soma de todos os eventos psicológicos evocados em nossa consciência através da palavra. O sentido é sempre uma formação dinâmica, variável e complexa, que tem zonas de estabilidade diferentes. Para Rey (2004, p. 51) a produção de sentidos tem sua gênese na experiência singular de um sujeito com uma situação concreta, em que “todo o comportamento nessa condição, representa um processo de produção de sentidos, que definidos dentro de um sistema de sentidos, atua sobre ele, produzindo novos sentidos”.

Segundo Frankl (1963 citado por MORIN; TONELLI; PLIOPAS, 2007), as pessoas necessitam de sentidos ao realizar seu trabalho, caso contrário, mergulham numa “frustração existencial”. Borges e Tamayo (2001) complementam salientando que o trabalho, por sua vez, é rico de sentido individual e social. É meio da produção da vida de cada um, provendo a subsistência, criando sentidos existenciais ou contribuindo na estruturação da personalidade e identidade.

Dessa forma, ao se estudar o sentido do trabalho como apontam Lancman e Uchida (2003, p. 85), o pesquisador tem a “difícil tarefa de aceder ao sentido das condutas e comportamentos dos sujeitos no trabalho, compartilhar a significação que estes atribuem às suas ações”. Nesse aspecto, com o presente

estudo pretende-se compreender o sentido atribuído ao trabalho por uma categoria profissional distante das profissões formais: a prostituição.

Para França (1994, p. 145), o termo prostituição, deriva do latim “*prosto*”, que quer dizer “estar às vistas, à espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público (...) é a prática sexual remunerada habitual e promíscua”. Sendo assim, a prostituta, para Braga (1982, p. 62), é, essencialmente, “uma mulher que aluga seu corpo para jogos sexuais sem amor”.

A prostituição se caracteriza pela oferta de serviço sexual. A definição desse tipo de trabalho por seu aspecto comercial refere-se ao ato de comercializar serviços de natureza sexual como prazer, fantasias, sexo, carícias, dentre outros. De acordo com Maia, Chacham e Lopes (2002), ao contrário do que popularmente se diz, não se trata da venda do corpo. Os profissionais do sexo, incluindo homens e mulheres, atuam no imaginário das pessoas através da oferta de prazeres e práticas sexuais diferenciadas, especiais e incomuns.

Os favores sexuais, principalmente os femininos, podem ser observados no decorrer da história da humanidade. Schreiner et al. (2004) mencionam que desde a Grécia Antiga, tem-se relatos da existência da prostituição como uma atividade profissional que, ao longo do tempo, de maneira mais ou menos intensa, sofreu restrições e foi situada à margem da sociedade. Essa marginalização da prostituição lhe atribui estigmas difíceis de serem modificados. Nessa perspectiva, Nussbaum (2002) relata que a estigmatização vinculada a alguns exercícios profissionais é decorrente de reações sociais de preconceito seja de classe, seja de raça ou de gênero. Para essa autora, dois fatores persistem como fontes do estigma dirigido às prostitutas: o primeiro associa intimamente a prostituição a moralidades, tornando-a, conseqüentemente, uma experiência imoral. Já o segundo relaciona a prostituição às representações hierárquicas de gênero e à ideia de que as

mulheres e sua sexualidade precisam da dominação e controle masculinos, ficando disponíveis à realização dos desejos sexuais dos homens.

Embora o preconceito em relação a essa atividade persista, no Brasil a prostituição não constitui um delito, pois se considera que todo cidadão tem a liberdade de dispor de seu próprio corpo. Porém, são passíveis de punição as práticas de exploração da prostituição (SCHREINER et al., 2004). Nesse caso, cafetões, cafetinas e proprietários de locais que comercializam a prostituição estão desamparados legalmente. Essa ausência de regulamentação desvaloriza as prostitutas e impede a sua inserção social, além de dificultar o acesso aos direitos humanos e trabalhistas.

No entanto, observa-se uma tentativa de tornar a prostituição uma atividade legalizada na sociedade. A partir dos anos 1970, assiste-se ao surgimento de movimentos integrados por prostitutas que reivindicam direitos sociais de cidadania e também o reconhecimento da prostituição, “como um trabalho como outro qualquer”, o qual acarreta os direitos e deveres (RODRIGUES, 2009). Desde o ano de 2003, tramita no Congresso Nacional, o projeto de lei nº 98/2003, do Deputado Fernando Gabeira, em que se propõe exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e oficializa o trabalho de profissionais do sexo. O projeto foi arquivado sendo recentemente colocado em pauta pelo Deputado Jean Wyllys que atua em prol dessa causa (CHAGAS, 2012; NEVES; BITTAR, 2007).

Independente da regularização como profissão, o mercado do sexo no Brasil está em ebulição, crescendo a cada dia e encontrando terreno fértil para prosperar os negócios, fazendo com que pessoas das mais variadas profissões desistam de atividades convencionais para tentarem a sorte nesse ramo (LEITE, 2009; OLIVEIRA, 2008). Rosa (2008) salienta que a prostituição tornou-se um fenômeno mundial. Esse autor apresenta dados em que mostram em 2002, que o número de prostitutas no mundo era de aproximadamente 40 milhões e que a

cada ano, em média, 500 mil pessoas, entre mulheres, homens, meninas e meninos, entram para a prostituição.

Diante desse cenário, admite-se que a prostituição está consolidada como trabalho, ainda que informal, no atual mercado. No decorrer da história, essa atividade persiste mesmo diante das dificuldades enfrentadas no exercício da profissão, da ilegalidade e do preconceito vivenciado perante a sociedade.

Adverte-se, então, a necessidade de focalizar a questão da prostituição por meio das próprias prostitutas, imersas nesse mundo desconhecido para a maioria, explorando os sentidos produzidos por elas acerca do seu trabalho.

Diante do exposto, tem-se um problema a ser pesquisado: **quais sentidos subjetivos podem ser apreendidos por meio do trabalho de prostitutas atuantes em boates no interior de Minas Gerais?** A seguir, são apresentados os objetivos que nortearam o desenvolvimento deste estudo.

1.1 Objetivos

Partindo-se do problema de pesquisa apresentado, definiram-se os objetivos da pesquisa, descritos a seguir.

1.1.1 Objetivo geral

Apreender os sentidos subjetivos produzidos por prostitutas de cidades do interior de Minas Gerais acerca de seu trabalho.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Contextualizar a prostituição como profissão.
- b) Resgatar a trajetória pessoal e profissional das prostitutas.

- c) Compreender sua inserção nessa atividade laboral.
- d) Investigar as interpretações/sentidos subjetivos das prostitutas do interior de Minas Gerais acerca de seu trabalho.

1.2 Justificativa

Este estudo foi planejado, organizado e desenvolvido a partir do interesse pela centralidade do trabalho na vida dos indivíduos e na forma como essa centralidade se repercute na concepção que o trabalhador tem de si mesmo tomando como base a atividade que realiza. Vários são os estudos que abordam o trabalho como central para a humanidade, demonstrando por meio dos muitos significados a ele atribuídos que o trabalho se mantém essencial na vida em sociedade.

Silva (2011) salienta que o trabalho, mais que um meio de sobrevivência e acúmulo de riquezas tornou-se uma das principais dimensões da vida humana, interferindo na inserção do homem na sociedade, delimitando os espaços de mobilidade social, fazendo com que os indivíduos sejam identificados mediante as atividades que realizam. Dessa forma, o trabalho adquiriu outro sentido para os indivíduos, uma vez que a realização pessoal está intimamente relacionada ao reconhecimento do trabalho perante a sociedade.

No que se refere a esse reconhecimento, observa-se que algumas atividades são desvalorizadas e estigmatizadas na sociedade. Trata-se de ocupações que exigem menor escolaridade e qualificação, maior esforço físico que capacidade intelectual. Na maioria das vezes, os trabalhadores são mal pagos e não possuem boas condições de trabalho. Observa-se que essas desigualdades podem ocorrer devido à raça, gênero, etnia, deficiência física, dentre outros fatores (CAMPANTE; CRESPO; LEITE, 2004; CAPPELLE, 2006; HIRATA; KERGOAT, 2007; THIRY-CHERQUES, 2004). Entre as

atividades que buscam reconhecimento, encontra-se a prostituição, foco de pesquisa deste trabalho.

No entanto, por mais que a atividade de prostituição seja marginalizada na sociedade, fazendo com que suas profissionais enfrentem situações de preconceito e rejeição (COSTA; SILVA; NASCIMENTO, 2009; FERREIRA FILHO, 2009; MOREIRA; MONTEIRO, 2009; OLIVEIRA, 2008; SILVA; BLANCHETTE, 2008), o trabalho possui um sentido na vida das prostitutas. Dessa forma, o presente estudo se mostra relevante primeiramente por abordar o trabalho a partir de uma profissão periférica na sociedade, mas que nem por isso deixa de ser uma forma de trabalho, em que relações são estabelecidas, trocas são realizadas e rendas são geradas pela oferta de serviço sexual, configurando-se em um importante segmento no atual mercado (SILVA; BLANCHETTE, 2008).

A prostituição, além de ser vista como uma atividade clandestina no mercado, enfrenta outras questões relacionadas ao aspecto moral dessa profissão. Segundo Ferreira Filho (2009, p. 15) incidem sobre essa atividade as piores qualificações, “porque é uma atividade das sombras, de um domínio ambíguo e perigoso, sistematicamente usado e explorado, mas ao mesmo tempo evitado, por ser degradante e até criminoso”. No entanto, ao observar suas especificidades verifica-se que a prostituição se realiza de maneira similar ao modo de organização do trabalho legal, das empresas e das instituições, com suas regras e sua lógica. O autor afirma que as relações entre a prostituição e os demais campos da sociedade “considerados como 'dignos', 'honestos', 'legítimos' estabelece, em todo caso, mais que uma proximidade, um vínculo”.

Ao analisar seus números, o resultado chega a ser surpreendente. De acordo com Loncle (2001), a prostituição mundial representa um faturamento anual de 5 a 7 bilhões de dólares (entre 13,7 e 19,2 bilhões de reais). Assim

sendo, constata-se que a prostituição movimenta significativamente a economia informal.

Este estudo se justifica também pelo desafio que é se inserir no submundo da prostituição, mergulhar no universo de trabalho de uma categoria de profissionais que se manteve segregada e pertencendo a uma atividade vista como indecente e imoral na sociedade. Justifica-se ainda, por “dar vozes” a um grupo marginalizado que historicamente não se constituiu como sujeito ativo na sociedade.

Parte-se do pressuposto de que as questões levantadas neste estudo em relação à prostituição podem ser mais bem compreendidas por meio da interpretação das próprias prostitutas acerca de sua condição. Para melhor compreender essa interpretação, optou-se pelo estudo de natureza qualitativa baseado na Epistemologia Qualitativa (REY, 2005) e as análises foram fundamentadas a partir da acepção de sentido subjetivo (REY, 2003, 2005). O autor defende que entre o pensamento e a linguagem está a emoção, e que por isso nem sempre os sentidos subjetivos podem ser captados nas expressões diretas do sujeito. Para tanto, recorreu-se à teoria da subjetividade na perspectiva histórico-cultural de González Rey (2003, 2005), que propõe uma concepção de subjetividade a partir de uma compreensão histórico-cultural do homem. Sua teoria rompe com a dicotomia entre o social e o individual, e passa a entender a subjetividade como produção permanente de sentidos subjetivos na pressão recíproca entre a subjetividade social e a individual.

O escopo do trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos. No Capítulo 1 apresenta-se a Introdução, envolvendo a definição da problemática de estudo, os objetivos (geral e específicos), as questões pesquisadas e as justificativas. No Capítulo 2, apresenta-se o referencial teórico, por meio de uma discussão teórica sobre subjetividade e sentidos subjetivos, trabalho, gênero e prostituição. Posteriormente, seguiu-se, no Capítulo 3, com a metodologia da

pesquisa, seus pressupostos, a seleção das participantes e o modelo de análise dos dados. Em seguida, no Capítulo 4, abordou-se a construção da informação, ou seja, a análise dos dados coletados nos momentos empíricos realizados neste estudo. E finalmente, no capítulo 5, apresentaram-se as considerações finais sobre a pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta sessão foram apresentadas as concepções teóricas que nortearam este estudo. Inicialmente, discutem-se os conceitos de subjetividade e sentidos do trabalho na perspectiva de Gonzalez Rey. No próximo tópico, busca-se realizar uma breve discussão sobre gênero e a construção do feminino, analisando a sexualidade feminina na história e sua influência no comportamento da sociedade em relação à prostituição. Em seguida, trata-se de algumas questões referentes à prostituição.

2.1 A subjetividade na perspectiva de Gonzalez Rey

A Teoria da Subjetividade de Gonzalez Rey surge da necessidade de se pensar a Psicologia por um paradigma que possibilite a aproximação da compreensão subjetiva dos processos psíquicos, uma vez que o seu desenvolvimento dentro do modelo científico natural da ciência compreende esses processos como entidades dentro de uma visão reducionista, determinista quantitativa e mecanicista.

Diante da necessidade de conceber a Psicologia através de uma abordagem mais subjetiva, Rey (2003, p. 73) desenvolve o conceito de subjetividade como "tentativa de reconceituar o fenômeno psíquico em uma ontologia própria, específica do tipo de organização e processos que o caracterizam".

Na perspectiva de Rey (2003), a subjetividade não é algo internalizado no indivíduo. Não se trata de algo que vem de "fora" e que passa a estar "dentro". Para ele, a subjetividade não aparece somente no nível individual. Nesse sentido, a cultura na qual se constitui o sujeito individual, e da qual é também constituinte, representa um sistema subjetivo gerador de subjetividade.

Rey (2003, p. 78) ressalta a necessidade de substituição da visão mecanicista de que a cultura, o sujeito e a subjetividade são fenômenos diferentes que se relacionam. Faz-se urgente vê-los como fenômenos que, mesmo não sendo idênticos, se integram como "momentos qualitativos da ecologia humana em suma relação de recursividade".

No presente estudo, adota-se o conceito de subjetividade elucidado por Rey (2003, p. 9), em que a subjetividade

(...) é um complexo e plurideterminado sistema, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem dentro do contínuo movimento das complexas redes de relações que caracterizam o desenvolvimento social. Essa visão da subjetividade está apoiada com particular força no conceito de sentido subjetivo, que representa a forma essencial dos processos de subjetivação.

Rey (2005) parte de uma concepção de subjetividade a partir da compreensão histórico-cultural do homem. Esse enfoque tem como aspecto essencial a compreensão da unidade dialética entre indivíduo e sociedade, entendida como sistema complexo, estando os dois contidos um no outro em um processo que atravessa as formas atuais de organização, tanto do social como do individual.

Com o intuito de romper com a dicotomia existente entre indivíduo e sociedade, Rey (2003) usou a expressão subjetividade social. Através disso, ele tinha a intenção de abandonar a ideia da psicologia de que a subjetividade é um fenômeno individual, e conceituá-la como um sistema complexo produzido simultaneamente nos níveis social e individual. Nesse aspecto, o autor enfatiza que a produção de subjetividade social não se refere somente às experiências atuais do sujeito ou instância social, mas à forma com que uma experiência atual adquire sentido dentro da constituição subjetiva da história e do agente de significação, que pode ser social ou individual.

Na perspectiva da subjetividade social, elucidada por Rey (2003), os processos sociais deixam de ser vistos como externos em relação aos indivíduos e passam a ser vistos como processos implicados dentro de um sistema complexo, a subjetividade social, da qual o indivíduo é constituído e constituinte. Essa constituição social do indivíduo é um processo diferenciado, em que as consequências para as instâncias sociais implicadas e para os indivíduos dependem dos diferentes modos que adquirem as relações entre o indivíduo e o social. Dessa forma, cada momento se configura de formas diversas ante a ação do outro, sendo um processo que acompanha tanto o desenvolvimento social como o desenvolvimento individual.

Nessa concepção, os sentidos subjetivos procedentes das experiências atuais e anteriores do sujeito constituem subjetivamente sua manifestação em cada espaço social concreto. Assim, o estudo do sujeito em cenários microsociais implica compreender os comportamentos ali produzidos por meio dos sentidos subjetivos desse comportamento (REY, 2003). Na aceção do autor, o sentido caracteriza o processo da atividade do homem em seus diversos ambientes de ação.

É importante ressaltar que a ideia do sujeito, para Rey (2003), recupera o caráter dialético e complexo do homem, que, de forma simultânea, representa em si uma singularidade e também um ser social. O autor revela que essa relação não é uma determinação externa, mas trata-se de uma relação recursiva em que cada um está simultaneamente implicado na configuração plurideterminada, na qual se manifesta a ação do sujeito. A concepção do sujeito é incompatível com o determinismo mecanicista, tendo vista que sua ação é imprevisível. O autor reitera que, no entanto, "o momento atual é constituinte da configuração subjetiva da ação que tem lugar neste momento" (REY, 2003, p. 224).

O conceito de sentido subjetivo desenvolvido pelo autor é elaborado a partir de uma definição de sentido pela sua relação inseparável com a

subjetividade. Em seus trabalhos, Rey (2003, p. 127) define sentido como sentido subjetivo, que é:

a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções num mesmo sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro. (...) O sentido subjetivo representa uma definição ontológica diferente para a compreensão da psique como produção cultural.

O sentido subjetivo representa uma unidade integradora de elementos diferentes, processos simbólicos e emoções, e é a integração desses elementos que define o sentido subjetivo. Ele não aparece diretamente na expressão intencional do sujeito, ou seja, nem sempre aparece diretamente numa frase ou numa palavra. Os sentidos subjetivos aparecem de forma indireta na qualidade da informação, que pode ser identificada no lugar em que uma palavra se encontra numa frase ou em uma narrativa; na comparação de significações distintas que podem ser observadas em uma expressão, no nível diferenciado de tratamento de temas. A informação pode vir ainda “na forma com que se utiliza a temporalidade, nas construções associadas a estados anímicos diferentes, nas manifestações gerais do sujeito em seus diversos tipos de expressão, etc.” (REY, 2005, p. 116).

O conceito de sentido subjetivo dá particular sustentação à concepção de subjetividade desenvolvida por Rey. A subjetividade é legitimada pelo fato de ser “uma produção de sentidos subjetivos que transcende toda a influência linear e direta de outros sistemas da realidade” (REY, 2005, p. 22).

No próximo tópico, discutem-se os sentidos subjetivos do trabalho, buscando elucidar alguns conceitos referentes ao trabalho, bem como demonstrar que o sentido que o indivíduo atribui ao seu trabalho possui considerável relevância na constituição de sua subjetividade.

2.1.1 Sentidos subjetivos do trabalho

O trabalho é algo que acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Embora tenha seus significados modificados no decorrer do tempo, o fato é que o trabalho sempre representou parte da identidade das pessoas, interferindo consideravelmente na concepção que fazem de si mesmo e dos outros.

Não se sabe ao certo a origem da palavra trabalho. Cunha (1987), citado por Dourado et al. (2009), relata que trabalho remete ao latim *tripaliare*, que significa martirizar com o *tripalium*, sendo esse um instrumento formado por três estacas utilizadas para manter presos os bois ou cavalos difíceis de serem domados. No latim vulgar, significa “pena ou servidão do homem à natureza”.

Freud (1974) argumenta que o trabalho é a atividade que proporciona certa direção à vida, noção de realidade, e, também, representa uma possibilidade de vínculos entre as pessoas. Partindo dessa concepção freudiana do trabalho, pode-se compreender por que pessoas em situação de não emprego ou desemprego sofrem diante dessa condição. O trabalho orienta caminhos a serem seguidos e aproxima as pessoas, logo, quando não trabalha, o indivíduo se vê deslocado na sociedade à qual pertence.

Em decorrência do aumento mundial do desemprego, os indivíduos passaram a valorizar cada vez mais o fato de possuir um trabalho. Principalmente devido ao fato de a sociedade discriminar pessoas desempregadas, atribuindo a elas desqualificação, incapacidade e até marginalização. Nesse sentido, o trabalho passa a ter uma dimensão psicológica na vida do trabalhador, afetando a forma como esse percebe o mundo e a si próprio na sociedade.

Dessa forma, conforme relatam Assis e Macedo (2008), o trabalho, como construtor de identidade e inclusão social, interfere na vida das pessoas

como um todo. Nesse sentido, Codo et al. (2004) afirmam que o trabalhador constrói sua identidade na sua relação diária com a própria vida, estabelecendo uma tríplice relação entre identidade-trabalho-relações sociais e afetivas.

O trabalho ocupa um lugar central na vida das pessoas. Ao se questionar: “se você tivesse bastante dinheiro para viver o resto da sua vida confortavelmente sem trabalhar, o que você faria com relação ao seu trabalho?” Mais de 80% responderam que, ainda assim, trabalhariam (MORIN, 1997). Os motivos para tal resposta estão no fato de que as pessoas se relacionam e interagem por meio do trabalho, sentem-se pertencentes a determinado grupo, têm uma ocupação e passam a ter um objetivo na vida.

Mendes (2007, p. 43) relata que o sentido do trabalho depende basicamente “da relação entre a subjetividade do trabalhador, do saber fazer e do coletivo do trabalho”. Para essa autora, o trabalho estará sempre associado ao binômio prazer-sofrimento, uma vez que pode ser fonte de patologias, adoecimentos, como também de saúde. Em todas essas situações, o trabalhador atribui novas significações às relações dinâmicas entre organização do trabalho e processo de subjetivação. Mendes (2007, p. 30) entende subjetivação como o “processo de atribuição de sentido com base na relação do trabalhador com sua realidade de trabalho, expresso em modos de pensar, sentir e agir individuais ou coletivos”.

Alguns estudos já foram realizados com o objetivo de desvendar o sentido que os trabalhadores atribuem ao seu trabalho. Entre esses estudos, destaca-se o trabalho do Grupo MOW (Meaning of Work) (MEANING OF WORK, 1997), que foi pioneiro na investigação do tema a partir da década de 1950. O modelo proposto pelo grupo considera o significado do trabalho como um construto psicológico multidimensional e dinâmico, formado da interação entre variáveis pessoais e ambientais e influenciado pelas mudanças no indivíduo. As pesquisas realizadas pelo grupo consistem na classificação de seis

padrões de definição do trabalho: (I) Padrão A, o trabalho é algo que acrescenta valor a qualquer coisa; (II) Padrão B, há um sentimento de vinculação (pertença) ao realizar o trabalho; (III) Padrão C, outros se beneficiam com este trabalho; (IV) Padrão D, alguém determina o que fazer, não é agradável; (V) Padrão E, o trabalho é mental e fisicamente exigente; e (VI) Padrão F, o trabalho tem um horário determinado para sua realização; faz parte das tarefas do indivíduo; e, recebe-se alguma compensação financeira para fazê-lo.

Observa-se que o modelo proposto pelo Grupo MOW apresenta: o caráter social do trabalho que visa, para além de benefícios individuais, contribuir com a sociedade (padrões A, B e C); as concepções negativas do trabalho, vendo-o como uma atividade desagradável, obrigatória para sustento (padrões D e E); e a concepção neutra do trabalho encarada como uma atividade que se realiza em um lugar e horário determinados, com uma remuneração para essa tarefa (padrão F).

Morin (2002), por sua vez, realizou uma pesquisa com estudantes de administração e administradores. Os resultados se aproximam daqueles obtidos pelo Grupo MOW. Entre os estudantes de administração foram identificados cinco motivos para o trabalho: (a) para realizar-se e atualizar o potencial; (b) para adquirir segurança e ser autônomo; (c) para relacionar-se com os outros e estar vinculado em grupos; (d) para contribuir com a sociedade; e (e) para ter um sentido na vida, o que inclui ter o que fazer e manter-se ocupado. De acordo com a autora, as características que o trabalho deve ter são consoantes com os motivos que estimulam esses estudantes ao trabalho: é necessário haver boas condições de trabalho (horários convenientes, bom salário, preservação da saúde); oportunidade de aprendizagem e realização adequada da tarefa; trabalho estimulante, variado e com autonomia.

Na perspectiva da psicodinâmica, Dejours, citado por Dourado et al. (2009, p. 351), afirma que o trabalho deve fazer sentido tanto para o sujeito que

o realiza, quanto para seus companheiros e para a sociedade. Para esse autor, o sentido do trabalho se constitui pelo “conteúdo significativo em relação ao sujeito, que envolve a dificuldade prática da tarefa” e “o conteúdo significativo do objeto que envolve mensagens simbólicas que a tarefa pode também veicular para alguém”.

Pelos estudos abordados, verificou-se que o sentido do trabalho ultrapassa a antiga noção de que o trabalho era apenas um meio de subsistência na sociedade. Nas pesquisas, é demonstrado que, além de ser a principal fonte de sobrevivência para as pessoas, o trabalho é visto também como forma de ser aceito no meio social, interagir com outras pessoas, tornar-se membro de um grupo e se realizar como ser humano.

No entanto, observa-se que o trabalho pode ser considerado motivo de discriminação e preconceito para algumas pessoas em decorrência de sua natureza. É o caso das prostitutas, que sofrem, pela atividade que realizam, estigmas que levam a não serem aceitas socialmente. Reconhece-se que essas atitudes são decorrentes também de fatores relacionados ao gênero e sua construção histórica, que acabam por afetar a prostituição. Discutem-se essas questões a seguir.

2.2 Discussões de gênero sobre a construção do “feminino”

Desde a sua formação como um campo interdisciplinar nos anos 1970, os estudos sobre gênero têm travado importantes debates, que vão além da constatação de que as sociedades estabelecem significados distintos para o masculino e o feminino. É prudente destacar que, quando se fala em gênero para pensar o masculino e o feminino nas relações sociais, não está se referindo a um dado biológico, mas a uma construção histórica e sociocultural, imbricada de valores, diversidades e relações sociais e de poder. Assim, a ideia de gênero diz

respeito às formas como cada sociedade constrói significados a respeito das diferenças sexuais e estrutura as relações entre homens e mulheres (SCOTT, 1989; SOIHET, 1997).

É importante compreender que as diferenças biológicas entre os corpos masculinos e femininos são importantes no que se refere aos limites que cada um possui. No entanto, ao se tratar o gênero, essas diferenças não podem ser aceitas como explicação para justificar as desigualdades entre homens e mulheres vivenciadas na sociedade. E essas desigualdades não podem refletir em práticas discriminatórias nos campos sociais, como por exemplo, no âmbito organizacional e nem tampouco criar barreiras à participação das mulheres como atores sociais.

Ressalta-se que os estudos sobre gênero ganharam força e proeminência por meio das pesquisas universitárias, que pretendiam deslocar as mulheres das referências e das notas de rodapé e incorporá-las ao corpo dos trabalhos como o sujeito dos estudos. Outro ponto que favoreceu essa discussão, conforme destacado por Aranguren (1991), foram os movimentos sociais e os fortes apelos da sociedade para uma mudança de paradigma na concepção da mulher.

O passado denota que o histórico das relações de gênero e as diferenças entre as civilizações provocaram as disparidades entre os sexos feminino e masculino, conforme destaca Perrot (2007). Sob esse aspecto, Stearns (2007) fornece dados reveladores de que, à medida que as civilizações se desenvolveram, a partir dos contatos e das limitações das trocas, as relações entre homens e mulheres, a determinação de papéis e a definições de atributos de cada sexo foram tomando forma e ganhando características essenciais. De modo que, por uma dimensão histórica, destaca-se que o gênero é o produto da socialização de experiências vividas entre homes e mulheres, resultando em práticas que determinam a construção social dos corpos e a arbitrária divisão dos

gêneros na sociedade (FIGUEIREDO, 2001; PERROT, 2007; STEARNS, 2007).

Tem-se que as relações de gênero ocorrem entre sujeitos historicamente situados e, dessa forma, podem ser descritas como construções sociais, que possuem base material e representam o processo da produção dos lugares de poder de homens e mulheres na sociedade, como indica Saffioti (2004). Scott (1989) refere-se ao gênero como sendo aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade e masculinidade e não os componentes biológicos, anatômicos e o ato sexual que caracterizam o sexo. Assim, o papel de gênero passa a representar o conjunto de expectativas em relação aos comportamentos sociais que se espera das pessoas de determinado sexo. Não obstante, há que se esclarecer que ao se tratar gênero não se está buscando diferenciar características biológicas existentes entre homens e mulheres, mas mostrar que essas diferenças não deveriam ser relevantes no que se refere ao tratamento desses na sociedade (SCOTT, 1989; SOIHET, 1997; STEIL, 1997).

Ao longo da história as relações de gênero foram marcadas por contextos de exploração e de dominação entre homens e mulheres, destacando a supremacia dos representantes do primeiro sexo sobre o segundo (ARANGUREN, 1991; NOVO, 2003; SAFFIOTI, 2004). Essa relação se deve, em grande medida, aos postulados da sociedade patriarcal, que desde sua implantação, privilegiou interesses masculinos em detrimentos dos femininos, constituindo, assim, um sistema de rejeição às mulheres enquanto classe e sujeito social.

Sobre a cultura patriarcal é importante destacar que preexistia a convicção de que as mulheres eram seres frágeis, irracionais, mas indispensáveis ao prazer dos homens e insubstituíveis no processo de reprodução (NOVO, 2003). De tal modo que o poder masculino concebeu a mulher como a face oculta, sem voz, sem identidade, mas ao mesmo tempo atraente, ou seja, objeto

sexual da humanidade. Nesse campo, os homens como categoria social tinham liberdade quase absoluta, pois desfrutavam de autonomia e conceito político coletivo, cujo significado era não necessitar pedir licença à outra categoria de sexo para realizar seus projetos, seus desejos e seus interesses. Já as mulheres, como categoria social, precisavam solicitar autorização à primeira categoria (CASTELLS, 2008; SAFFIOTI, 2004; TOURAINE, 2007).

Nessa discussão, Stearns (2007) acrescenta que nas sociedades patriarcais, os homens eram considerados criaturas superiores em todos os sentidos da vida social, com direitos legais que as mulheres não possuíam. A elas cabiam a arte de servir, preparar artesanato típico e fornecer sexo aos homens (FIGUEIREDO, 2001), além das obrigações e afazeres domésticos, que envolviam assumir as tarefas do casamento, da maternidade e da educação dos filhos, como salienta Cappellin (1989). Os homens mandavam e as mulheres obedeciam (PERROT, 2007; STEIL, 1997).

Paradoxalmente, Beauvoir (1949) aborda o drama da mulher nos vários âmbitos da vida em sociedade, demonstrando que ao longo de sua história ela foi concebida como o “Outro”. A autora enfatiza que essa negação da mulher como o “Outro” a transformava em um ser inanimado, sem alma, desprovido de valor, ao passo que o homem era o sujeito absoluto. Ela reforça que para São Tomás de Aquino a mulher era um homem incompleto, um ser ocasional, e por mais que se avance na história, ela sempre estivera subordinada ao homem.

Nesse sentido Eagleton (1983, p.78) afirma que,

a mulher é o oposto, o “outro” do homem: ela é o não-homem, o homem a que falta algo, a quem é atribuído um valor sobretudo negativo em relação ao princípio primeiro masculino. (...) A mulher não é apenas um outro ser, no sentido de alguma coisa fora de seu alcance, mas um outro intimamente relacionado com ele, a imagem daquilo que ele não é e, portanto, uma lembrança daquilo que ele é.

O fato de não ser esse ser absoluto impossibilita a mulher de ser um ser diferente, mas também absoluto em suas peculiaridades. Por não ser homem, a mulher seria tida como um ser incompleto. Porém, conforme ressalta Eagleton (1983), é nessa incompletude, na imagem daquilo que ele não é que o homem pode reconhecer a si próprio.

Outras esferas, dentre elas a religiosa, também colocaram a mulher em segundo plano na sociedade. Vale dizer que, desde a antiguidade, ser mulher era sinônimo de pecado, como advoga Várzea (2003). Conforme a autora, a sociedade construiu teorias e regras que colocavam a mulher em posições subalternas. Quando importado para a época cristã, redundou na premissa de que a mulher era um ser acidental e falho, e, portanto, jamais poderia ser semelhante a Deus. Apesar do tempo decorrido, a sociedade carrega esses ideais nos mais simples gestos e pensamentos.

Rago (2008) explicita que as mulheres eram excluídas do direito ao corpo e ao prazer sexual e sujeitas a preconceitos e tabus acerca da sexualidade, ou eram prostitutas ou santas. Ainda na concepção da referida autora, só muito recentemente.

(...) as mulheres passaram a usufruir do prazer sexual, a exprimir seus desejos, a conhecer o próprio corpo, a ler seus sinais e a interpretar suas mensagens, escapando à normatividade das interpretações femininas que anulavam sua sexualidade e desconheciam seu corpo (RAGO, 2008, p. 39).

Reconhece-se que muitas coisas mudaram desde então, uma vez que as mulheres atualmente têm maior autonomia para viver sua sexualidade. Mas, considera-se importante observar o passado e descobrir o início, pois com certeza, seus resquícios ainda são encontrados em diversos momentos na atualidade. O que importa aqui é ver como a história geral afeta essas relações.

Não se pretende, a partir dessa discussão, explicar ou justificar a prostituição. Mas, uma vez que se parte do pressuposto de que nossa realidade é socialmente construída, não se pode negar a influência dessas questões na concepção que a sociedade tem da prostituição e nos impactos que isso gera nos sentidos que as prostitutas atribuem ao seu trabalho.

2.2.1 Sexualidade e a questão do gênero

Esse item tem o objetivo de expor algumas nuances da sexualidade feminina no decorrer de alguns períodos históricos, relatando como foram construídos alguns tabus que impediram que a mulher pudesse viver sua sexualidade. Trata-se de uma questão de gênero, uma vez que existiu uma disparidade nas relações entre homens e mulheres, sendo que ao homem foi atribuído o papel de dominador.

As discussões sobre sexualidade remetem sempre ao corpo, que segundo Perrot (2007, p. 62), refere-se a um “corpo na história, em confronto com as mudanças do tempo”. A prostituta tem no corpo o seu trabalho. Um corpo que foi por muito tempo negado às mulheres.

O corpo remete à sexualidade, entendida nesse contexto como uma categoria que se refere às características humanas e não somente ao órgão sexual feminino e masculino e seu funcionamento. “Inclui todas as dimensões de uma pessoa, como o biológico, o psicológico, o social, o emocional, o cultural e o espiritual” (TRINDADE; FERREIRA, 2008, p. 418). A sexualidade transcende a biologia das estruturas corporais e dos processos fisiológicos que materializam e objetivam o sexo a partir do determinismo biológico de ter nascido homem ou mulher.

Compreende-se a questão da negação da sexualidade feminina com Freud que ao comparar homem e mulher, apresenta a mulher como um ser “a

menos”, estigmatizada pela ausência do pênis, como se fosse portadora de uma sexualidade inferior. E esse estigma marcou a visão freudiana da mulher, a qual se conservou ligada a uma tradição que considerava a mulher como um “homem mutilado” (ZEFERINO, 2002) e, portanto, incapaz de viver sua sexualidade.

Perrot (2007 p. 63) comenta o posicionamento de Freud perante a sexualidade feminina. Segundo a autora ele faz da “inveja do pênis” a obsessão da mulher. A anatomia feminina torna a mulher “um ser em concavidade, esburacado, marcado para a posse, para a passividade”. Por causa de sua genitália, a mulher é tida como inferior, sendo até meados do século XVIII considerada apenas um receptáculo pronto para receber o esperma, que seria o único responsável por gerar filhos. Somente no início do século XIX é que se descobre a ovulação e sua importância no processo reprodutivo. A autora afirma que a mulher passou a ser confundida com seu sexo e se reduziu a ele, marcando seu lugar na família e na sociedade.

Ao longo da história, criou-se a ideia de que a mulher necessitava de cuidado e proteção. Araujo (2001) relata que no Brasil colônia as mulheres eram submetidas à vigilância constante da família, da sociedade e, principalmente da igreja. Perrot (2007, p. 59) corrobora e afirma que o sexo das mulheres precisava ser protegido, fechado e possuído. Nesse sentido, o hímen e a virgindade sustentam essa ideia. “Ao esposo é dado o direito, na noite de núpcias, de se apoderar de sua mulher, torná-la sua posse. O cristianismo torna a castidade e o celibato um estado superior”.

Del Priore (2006) discute essa questão da proteção dada à mulher e relata que a ação da igreja atuava principalmente na organização familiar e no controle da sexualidade. A igreja se apoderou da mentalidade patriarcal e enfatizou as relações de dominação entre os sexos, condenando a esposa a se tornar “uma escrava doméstica exemplarmente obediente e submissa”. A mulher existia para cuidar dos afazeres da casa e servir ao esposo com seu sexo. Araújo

(2001) mostra uma igreja poderosa, exercendo forte pressão para adestrar a sexualidade feminina. O terrível mito do Éden¹ era lembrado constantemente às mulheres.

Considera-se que toda essa proteção direcionada à sexualidade da mulher relaciona-se com o fato de pouco se saber a respeito dos desejos femininos da época. Perrot (2007, p. 65) menciona que a sexualidade feminina era considerada um mistério e por isso atemorizava. Na época, essa sexualidade era vista por dois polos: a avidez e a frigidez. Segundo a autora, ao considerar a mulher ávida por sexo, essa passa a ser considerada “um poço sem fundo, onde o homem se esgota, perde suas forças e sua vida beira a impotência”. Kierkegaard (citado por PERROT, 2007, p. 65), afirma que “a mulher inspira o homem enquanto ele não a possui”. Para a autora, essa posse o aniquila. Dessa forma, a sexualidade da mulher que não pode jamais ser satisfeita amedronta o homem.

Araujo (2001) comenta que o fato de as mulheres poderem opinar e reconhecer a potencialidade sexual dos homens trazia certo temor. As mulheres insaciáveis deixavam os homens inseguros quanto à sua masculinidade. E observa-se que as mulheres faziam mesmo comparações.

Na época do colonialismo brasileiro, eram comuns as senhoras se visitarem. Essas visitas que recebiam de suas vizinhas ou parentes era tempo suficiente para se comentar o desempenho sexual masculino na noite passada. Essas reuniões femininas eram, portanto, vistas como uma ameaça aos dotes masculinos.

¹ Mito do Éden refere-se ao fato de, segundo a Bíblia, Eva ter comido a maçã oferecida pela serpente, fazendo com que Adão pecasse e desta forma toda a humanidade ser condenada à morte pelo pecado (GÊNESIS 1).

Del Priore (2006), ao discutir sobre o sexo no casamento, menciona que o ideal era aderir ao discurso da igreja e dos manuais de casamento² sobre as práticas conjugais. O desejo feminino era visto como algo que desequilibrava o matrimônio e a beleza física era temida por associar a mulher a um instrumento do pecado.

Em relação à frigidez feminina, Perrot (2007) relata que se trata do pressuposto de que as mulheres não sentem prazer, não desejam o ato sexual, não gostam do sexo. Daí, surge a ideia de que o homem precisa buscar prazer em outro lugar: amantes e prostitutas são então encarregadas de sanar essa necessidade masculina.

Justamente por temer a sexualidade feminina e pouco conhecer sobre ela, “os homens sonham, cobiçam, imaginam o sexo das mulheres. É fonte do erotismo, da pornografia, do sadomasoquismo” (PERROT, 2007, p. 66). O prazer feminino é intolerável. Mulheres ávidas por sexo são consideradas perigosas, maléficas, semelhantes a feiticeiras.

Ainda no início do século XIX, o sexo consentido e até exigido (procriação) é aquele que acontece após o matrimônio. Del Priore (2006) relata a importância do casamento para as mulheres. Trata-se daquilo que elas tinham como mais precioso. Os pais buscavam casar suas filhas muito cedo, com 12 anos já podiam se casar. O casamento era visto como um negócio. O amor era totalmente dispensável ao se buscar um esposo. Tanto que as adolescentes se casavam quase sempre com homens mais velhos, por quem não alimentavam nenhum sentimento. A autora ressalta que isso fez com que, no casamento, esse amor também não existisse. Principalmente o “amor-paixão” que se refere ao

² Manual de Casamento era um livro contendo regras e procedimentos sobre a forma como os casais deveriam se comportar no matrimônio. Esse manual envolvia inclusive as práticas sexuais, limitando o que poderia ou não ser realizado pelo casal (DEL PRIORE, 2006).

desejo sexual dos cônjuges. Conforme ela cita, “a mulher seria, portanto, provedora e recebedora de um amor que não inspirasse senão a ordem familiar”.

Figueiredo (2001) aponta que o casamento aparece como o lugar da concupiscência, onde o desejo e a carne poderiam viver devidamente domesticados pela finalidade única de propagação da espécie. No matrimônio os casais viveriam relações de obrigação recíproca de uma sexualidade disciplinada sob a vigilância dos padres e da ordem cristã.

A história parece acompanhar as ideias de Freud ao tratar as mulheres como seres castrados e, portanto incapazes e podadas no direito de vivenciar sua sexualidade. Nas palavras de Perrot (2007, p. 76)

corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade. Corpo comprado também (...). A gama de violências exercidas sobre as mulheres é ao mesmo tempo variada e repetitiva. O que muda é o olhar lançado sobre elas, o limiar de tolerância da sociedade e o das mulheres, a história de sua queixa.

Perrot (2007) afirma que diante dessas condições de dominação e submissão, o direito de vender seu sexo aparece como um progresso, se ela se limitasse à remuneração de um serviço sexual. Trata-se do princípio da mulher livre em um mercado livre que leva algumas feministas a defenderem o direito das mulheres de se prostituírem. A autora ressalta, portanto, que a prostituição é motivada, na maioria dos casos, pela miséria, pela solidão e é também acompanhada de uma exploração do corpo e do sexo das mulheres.

2.3 Prostituição: desvendando nuances dessa profissão

Neste item, busca-se apresentar alguns conceitos e características referentes à prostituição. Objetiva-se também mostrar aspectos que a definem

como trabalho, bem como relatar alguns desdobramentos dessa atividade que a aproxima das demais categorias profissionais. Discute-se brevemente também a questão da legalização da prostituição e o reconhecimento do trabalho das prostitutas como atividade profissional.

2.3.1 Contextualizando a Prostituição

A prostituição feminina é uma prática que acompanha a história da humanidade, de tal modo que nenhuma civilização escapou da sua convivência. Tem-se relatos bíblicos sobre a prostituição, na história de Maria Madalena, e no decorrer da história pode-se observar sua presença na sociedade.

Na Antiguidade, porém, as prostitutas eram figuras nobres na sociedade. Roberts (1998) relata que no período da pré-história, a mulher era associada à Grande Deusa, criadora da força da vida, e estava no centro das atividades sociais. Com tal poder, ela controlava sua sexualidade. Segundo a autora, por volta de 3.000 a.C., ao verificar a maneira como bovinos se reproduziam as tribos nômades tomaram consciência do papel masculino na reprodução. Diante disso, as sociedades matriarcais da deusa começaram então a ser subjugadas. Novas formas de casamento foram introduzidas, especificamente destinadas a controlar a sexualidade das mulheres.

Roberts (1998) relata que nas grandes cidades a grande deusa continuou a ter sua importância. As sacerdotisas da deusa participavam de rituais sexuais religiosos. Nesses rituais as pessoas buscavam ser abençoados e por isso as sacerdotisas possuíam certo *status* na sociedade da época. Para a autora, elas se constituem como as primeiras prostitutas da História.

Conforme menciona Roberts (1998), foi por volta de 2.000 a. C. que as mulheres foram classificadas como prostitutas. Daí começou a diferenciação moral entre as esposas, consideradas seres morais e as prostitutas, imorais. As

prostitutas tornaram-se então pecadoras e os rituais sexuais não foram mais aceitos

De acordo com Rossiaud (1991), o Renascimento marca um momento de grande rejeição a prostituição. A sociedade passou a valorizar a mulher e o casamento passou a ter importância notável. O autor explica que a mulher começou a participar mais na sociedade, até mesmo porque a constituição da família tornou-se essencial.

Na modernidade, observa-se a busca de autonomia por parte das mulheres e isso vai intervir na prostituição. Os movimentos feministas influenciaram nesse sentido, por buscar direitos até então negados às mulheres. Dentre eles, o direito de vivenciar o sexo como um ser biológico que dele necessita tal como os homens, abandonando a antiga noção da mulher submissa ao homem, inclusive no que se refere à sexualidade. A partir disso, as prostitutas vão iniciar sua organização.

Essa organização tem se consolidado por meio da formação de associações e da execução de ações pautadas na compreensão partilhada por mulheres (prostitutas e aliadas) e outras pessoas (homens, travestis, transexuais) que entendem que o exercício da prostituição é atravessado por temas como economia, sexualidade, migração, racismo e colonialismo. De tal forma que as questões envolvidas à prostituição e sua complexidade não concernem apenas às prostitutas, mas a sociedade como um todo. Nessa compreensão, o combate a leis e atitudes que criminalizam e estigmatizam as prostitutas constitui-se em refutar dispositivos normativos que são empregados para silenciar e conformar todas as mulheres, marcando com estigma que transgride e não aceita o controle social imposto às mulheres (OSBORNE, 1991).

No que se refere à organização da categoria, Oliveira (2008) relata um importante marco para a prostituição, o dia 02 de junho de 1975, que consagrou o início da organização política da categoria, quando 150 prostitutas ocuparam a

igreja de *Saint-Nizier*, em Lyon, na França e protestavam contra multas, prisões e até assassinatos que ocorreram e que nem chegaram a ser investigados. Cerca de 200 prostitutas percorreram as ruas em carros, distribuindo filipetas com denúncias de que eram vítimas de perseguição policial, o que as impedia de trabalhar.

No Brasil, acredita-se que a prostituição tenha iniciado com as escravas da corte que prestavam, além dos serviços domésticos, também serviços sexuais tanto para os seus senhores quanto para os demais homens da corte. Porém, foi em 1930 que a prostituição atingiu seu auge no Brasil, tendo sua maior representatividade, naquela época, no Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2008).

Conforme relata Leite (2009), o movimento associativo de prostitutas no Brasil foi marcado pelo I Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987, onde se criou a Rede Brasileira de Prostitutas, que luta pelo reconhecimento legal da profissão.

Moraes (1995) aponta que o objetivo inicial daquele encontro foi o de fomentar o surgimento de associações de prostitutas em diversos pontos do país favorecendo a articulação de uma rede de contato e intercâmbios para reivindicar direitos sociais. A dinâmica do encontro foi organizada por meio de grandes plenárias e discussões em pequenos grupos. A autora reconhece que a configuração desse encontro como marco na história das associações brasileiras de prostitutas se deve ao lastro dessa questão no espaço público, isto é, à maneira como ecoaram as formas pelas quais buscava se organizar esse segmento social que antes era percebido como um grupo alienado e que passa a ter outra visibilidade na mídia. Após a realização desse evento, a prostituição deixa de ocupar apenas as páginas policiais e passa a ser noticiada também como questão social e política.

Posteriormente, em 1992 foi criada a ONG (Organização Não Governamental) Da vida no Rio de Janeiro, que tem como uma de suas

representantes Gabriela Leite, reconhecida por sua luta em prol da causa das prostitutas. A partir daí, outras associações de profissionais do sexo foram constituídas em diversos Estados. Das ações da ONG Da vida surgiu a Daspu, uma grife que cria e produz a moda das prostitutas, roupas e acessórios característicos da categoria. Tanto a Da vida como a Daspu ganharam visibilidade na mídia e conseguiram mostrar à sociedade um pouco do, até então desconhecido, mundo da prostituição.

Após contextualizar a prostituição no decorrer da história e apontar alguns fatores que influenciaram no atual cenário que se tem para essa categoria, apresentam-se, no próximo item, alguns conceitos e desdobramentos que recaem sobre a prostituição como categoria profissional.

2.3.2 A Prostituição e seus desdobramentos

A prostituição é vista como uma prática por meio da qual se oferece sexo em troca de dinheiro, sendo a prostituta aquela que vive a partir da prostituição. Costa, Silva e Nascimento (2009) referem-se à prostituição como a prática de comercializar serviços de natureza sexual como prazer, fantasias, sexo, carícias, etc. Gaspar (1984) apresenta a prostituta como sendo aquela que vende serviços sexuais em troca de uma quantia em dinheiro anteriormente combinada. Para Moreira e Monteiro (2009), a prostituta é aquela que oferece satisfação sexual em troca de remuneração.

Poulin (citado por ROSA, 2008), relata que houve um crescimento vertiginoso da prostituição nos últimos anos, principalmente nos países do hemisfério sul. No Brasil, a prostituição tem encontrado terreno fértil, o que tem feito com que se prolifere consideravelmente, independente do tipo de prostituição a que se refere.

A prostituição pode ser tipificada tradicionalmente em alto e baixo meretrício. O alto meretrício compreende a prostituição de elite ou de luxo. Segundo Silva e Blanchette (2008), a prostituição de elite é considerada muito fechada e se caracteriza como aquela em que os clientes pagam preços exorbitantes por um programa. As prostitutas, na maioria das vezes, são modelos, atrizes, que acompanham e prestam serviços sexuais para homens de posses, incluindo deputados, jogadores de futebol, atores, enfim, celebridades em geral.

Oliveira (2008) relata que a categoria das prostitutas chamadas “prostitutas de luxo” é composta também por mulheres que captam seus clientes em boates, nas ruas da zona sul da cidade, em casas de massagem, através de anúncios em jornais, *sites*, por telefone ou ainda por outras formas.

A prostituição de baixo meretrício é também conhecida como *trash* e refere-se ao oposto da elite. Silva e Blanchette (2008) relatam que não se trata de prostituição pobre ou de baixo escalão. Configura-se como aquela que vende sexo barato, rápido e em instalações que se caracterizam por condições extremamente insalubres. Inserem-se no baixo meretrício também a prostituição de rua, ou seja, aquela em que os profissionais trabalham em pequenos grupos que ficam expostos em uma determinada esquina ou ponto.

De acordo com Oliveira (2008), as prostitutas que trabalham no baixo meretrício são mulheres que em geral possuem baixa escolaridade, com condições financeiras limitadas e com aparência física das mais diversas, gordas, magras, jovens, velhas.

Silva e Blanchette (2008) apresentam ainda algumas categorias especiais de prostituição. Essas modalidades são a *girlfriend experience* (“experiência de namorada”), toda a noite, e *fast foda* ou *fast sex*.

A *girlfriend experience* configura-se como aquela em que o cliente paga a mulher para lhe acompanhar exclusivamente por um período extenso que pode

variar entre um fim de semana até um mês ou mais. Durante esse período, a prostituta lhe presta serviços sexuais sempre que necessário.

A modalidade “toda a noite” é aquela que tem seu tempo alongado por, como o próprio nome já diz, toda a noite. Nessa modalidade, o programa começa após as 22 horas e vai até a manhã seguinte, com vários serviços sexuais sendo praticados por preço único durante esse período. Essa modalidade tipicamente custa o dobro do preço normal do programa de uma ou duas horas de duração.

O *fast foda* ou *fast sex* é uma modalidade de sexo muito rápido e por isso até conhecida como “rapidinha”. O seu preço é quase sempre um real por minuto ou menos e o programa dura menos que 20 minutos. Segundo Leite (2009), essa modalidade é muito comum na prostituição de hotéis em Belo Horizonte. Configura-se em uma oportunidade para as prostitutas obterem renda superior, devido ao volume de programas que podem ser feitos em um dia.

Ao analisar as modalidades de prostituição, observa-se que em algumas situações elas se misturam, ou seja, modalidades de alto podem possuir características de baixo meretrício. Por exemplo, ao se tratar de uma boate, considerada de alto meretrício, pode-se encontrar péssimas condições de trabalho, tal qual no baixo meretrício, como foi o caso desta pesquisa.

No presente estudo, trabalhou-se com a prostituição de boate, inserida como uma modalidade de alto meretrício. Segundo Silva e Blanchette (2008), as boates são ambientes fechados cuja razão de existência declarada é a oferta de outras diversões além dos serviços sexuais (*shows* de danças, *striptease* ou sexo ao vivo), onde as mulheres da casa estão disponíveis para a prostituição. Esses locais geralmente oferecem quartos, onde os programas são realizados e o cliente paga um valor extra para utilizá-los.

Independente da modalidade de prostituição a que esteja se referindo, nota-se que a discriminação e o preconceito, em relação a essas profissionais estão presentes. Ainda que esse mercado tenha crescido consideravelmente no

Brasil nos últimos anos, nota-se que tal crescimento não tem colaborado para diminuir a condenação moral direcionada às prostitutas.

Silva e Blanchette (2008) relatam que a prostituição no Brasil pode ser compreendida por dois eixos tradicionais. O primeiro entende que se trata de um fenômeno semicriminoso. Nesse sentido, a prostituição é vista como uma questão de ordem pública, trazendo à cena as autoridades instituídas do Estado que tem como dever fiscalizar a prostituição, sendo a polícia e os médicos chamados a desempenharem esse papel.

Já o segundo eixo aborda a prostituição a partir de valores morais. De acordo com Silva e Blanchette (2008, p. 02), as diversas igrejas Brasil veem a prostituta como pecadora, enquanto outros agentes morais não religiosos a situam como mulher vulnerável e até escravizada. “Se os religiosos conservadores entendem a prostituta como uma vagabunda que precisa ser controlada ou reformada, os seculares tendem a percebê-la como 'uma fodida' que precisa ser salva”. Segundo os autores, ambas as visões têm em comum o fato de condenarem moralmente a prostituição, tida então como atividade essencialmente degradante que há de ser combatida.

Rago (2008) salienta que o interesse pela prostituição entre médicos, juristas, criminologistas, literatos e jornalistas esteve ligado à preocupação com a moralidade pública e, mais especificamente, com a definição de conduta da mulher. A autora afirma a necessidade de abordagens teórico-metodológicas capazes de apreender o fenômeno da prostituição em sua singularidade e positividade. Apreender sua singularidade, segundo Rago (2008), consiste em questionar as visões que retratam a prostituição como invariante trans-histórico que poderia ser observado em todas as épocas e sociedades. Já a positividade é apreendida por meio da recusa em aceitar imagens essencialistas como a de prostituta-vítima que, não possuindo qualificação profissional, é obrigada a prostituir-se para melhorar sua condição miserável ou de mulher-aranha dotada

de sexualidade exuberante por ter sofrido traumas e complexos mal resolvidos na infância.

Outras imagens essencialistas associadas à prostituta são as de “vilã” ou “mal necessário”, as quais evidenciam a contradição social que, ora percebe a prostituta como pessoa perigosa, como vilã que ameaça a honra e os bons costumes e atenta contra a família estruturada e o sistema sexual vigente por não canalizar sua sexualidade à reprodução. E outrora, percebe a prostituta como um mal necessário, pois, embora considerada uma pessoa degenerada, compete à prostituta o papel de garantir o bom funcionamento da sociedade por meio da satisfação dos incontroláveis desejos sexuais masculinos, evitando que os homens incomodem as chamadas “mulheres honestas” (ALVAREZ; RODRIGUES, 2009). Seja como vilã ou mal necessário, as prostitutas são amplamente rechaçadas pela imputação de estigma que se configura como mecanismo de controle sobre suas vidas.

Esse processo de estigmatização voltado à prostituta recai também sobre o cliente e demais pessoas com quem ela se relaciona, tal como parceiro afetivo, amigos e familiares. Em artigo que analisa a figura do cliente, Corso (2004) relata a dificuldade em obter entrevista por parte de clientes, o que certamente resulta da imputação de estigma social a esse grupo. Provavelmente por isso, pouco se tem falado acerca dos clientes no debate sobre prostituição.

Long, Mollen e Smith (2011) em um estudo realizado em um ambiente universitário objetivando verificar as atitudes das pessoas com relação aos profissionais do sexo, demonstraram que aquelas pessoas que conheciam algum trabalhador do sexo tinham atitudes menos estereotipadas em relação a esse grupo. No entanto, aqueles que desejavam ascender para um nível social mais alto no grupo apresentaram tendência à hostilidade para com as mulheres e tiveram atitudes mais estereotipadas em relação aos trabalhadores do sexo. Por meio dos resultados do estudo pode-se compreender que a sociedade discrimina

essa categoria ao ponto de considerar que estar próximo a uma prostituta possa atrapalhar a ascensão social do indivíduo.

O estigma carregado pelas prostitutas é, para algumas, motivo de tristeza e solidão, uma vez que torna-se difícil a criação de laços afetivos na sociedade. Em relação aos efeitos dessa estigmatização, Abel (2011) revela que a forma com que elas lidam com essas questões, resistindo ou gerindo, tem forte impacto na saúde dessas profissionais, principalmente no que se refere ao adoecimento por problemas psicológicos.

Em se tratando de doenças psicológicas, Gorry, Roen e Reilly (2010), relatam uma pesquisa em que exploraram as implicações psicológicas da prostituição para suas profissionais. Os resultados revelaram o impacto emocional no sentido, uma vez que o trabalho afeta a autoestima, muitas vezes deixando-as se sentirem estigmatizadas, envergonhadas e degradadas. Como principais questões emocionais que vieram com o trabalho sexual estão a vulnerabilidade, desamparo, o medo e a impotência diante dessa situação.

Diante desses fatores que tornam o trabalho na prostituição algo depreciativo e imputador de estigmas voltados para a moralidade, configurando-se em discriminação e preconceitos vivenciados por essas profissionais na sociedade, questiona-se: quais são os motivos que levam essas mulheres a tornarem-se prostitutas?

Os motivos pelos quais elas entram para a prostituição na maioria dos casos apontam para questões relacionadas a uma vida de dificuldades, miséria, insatisfação, desemprego. Elas viram na prostituição inicialmente, a possibilidade de conseguir renda para sobreviver. Com o passar do tempo, porém, a prostituição torna possível o consumo de várias coisas a que antes elas não tinham acesso. E assim passam a ver essa atividade como uma forma de obter renda que jamais obteriam em outras atividades nas quais teriam condições de atuar (BARRETO; PRADO, 2010; COSTA; SILVA; NASCIMENTO, 2009;

LOPES; RABELO; PIMENTA, 2007; MOREIRA; MONTEIRO, 2009; OLIVEIRA, 2008).

A pesquisa realizada por Dodsworth (2012) trata dos fatores que influenciam o envolvimento com a prostituição. O estudo abordou 24 histórias de vida de prostitutas. Os resultados demonstraram que a idade no primeiro envolvimento é algo que interfere, assim como as experiências da infância e as adversidades vividas enquanto adulto. A autora revela que ao tentar identificar quem são os vulneráveis, aponta-se os fatores de risco na infância e os recursos pessoais disponíveis para os indivíduos em todos os ciclos da vida para gerenciar esse caminho. Também o estudo de Cobbina e Oselin (2011) analisa que entre os fatores causais de entrada para a prostituição encontram-se a marginalização econômica, a dependência de substâncias químicas, e as redes interpessoais.

Ainda o estudo de Lopes, Rabelo e Pimenta (2007, p. 72), realizado com prostitutas de Goiânia, demonstra que, para elas, “os fins justificam os meios, já que, através do dinheiro ganho na prostituição, é possível adquirir respeito, amigos, família e tudo mais que necessitam para viver dignamente”. A prostituição é vista como a possibilidade de consumir tudo aquilo que desejam e não conseguiriam caso atuassem em outra atividade.

Tem-se a ideia de que essas mulheres tornaram-se prostitutas e assim permaneceram por falta de oportunidade. De acordo com Pinho (2006, p. 113), observa-se que somente esse fato não é suficiente para explicar a permanência na prostituição.

O fascínio diante das possibilidades amplas de consumo é, para algumas mulheres, um dos fatores para permanência na prostituição. Ao lado dos clientes ou com o dinheiro obtido com os programas, essas mulheres podem conhecer e consumir grandes griffes da gastronomia, da moda, além de terem acesso a bens culturais que não conheceriam sem o intermédio dos clientes (PINHO, 2006, p. 113).

O fato de possuírem renda suficiente para consumir aquilo de que têm necessidade e aquilo que desejam faz com que essas mulheres continuem na prostituição, tendo em vista que, dado o nível de escolaridade dessas profissionais, a inexperiência em outras atividades e o próprio estigma que carregam por já terem atuado como prostitutas, torna-se difícil conseguirem outro trabalho que lhes proporcione a mesma renda.

Maher, Pickering e Gerard (2012) corroboram essa visão ao afirmar que as prostitutas negociam seu trabalho na indústria de serviços sexuais no contexto de condições vantajosas. Porém, enfrentam más condições no mercado de trabalho mais geral, devido às variáveis como baixa escolaridade, desqualificação e inexperiência. As autoras ressaltam que o fato de olhar para o trabalho sexual como trabalho, não significa garantir que os direitos dos trabalhadores e suas condições estão protegidos.

Vales ressaltar que mesmo adquirindo uma renda superior àquela que tinham antes de entrarem para a prostituição, a maioria das prostitutas não vive em boas condições de vida. Mellor e Lovell (2011) analisando prostitutas da Inglaterra, especificamente suas vidas e a percepção delas em relação aos problemas de saúde, verificou que trata-se de uma vida complexa, com violências, drogas, álcool e problemas de moradia. O estudo demonstrou que a combinação desses fatores leva à exclusão social dessas mulheres. No que se refere à saúde observou-se que elas não conheciam os serviços de saúde nem o serviço específico de apoio ao seu grupo.

No intuito de melhorar suas condições de trabalho, bem como diminuir a discriminação contra essa categoria, as prostitutas organizadas pedem a legalização de seu trabalho no Brasil, passando a prostituição a ser considerada uma atividade profissional com direitos assim como as demais.

2.3.3 Legalização da prostituição no Brasil

A prostituição não é considerada um crime no Brasil. Conforme explica Pasini (2005), o ato de prostituir-se não é crime, entretanto, todo o mercado em torno da prostituta é considerado uma contravenção, ou seja, proprietários de locais onde ocorre a prostituição, cafetões e cafetinas, enfim, qualquer pessoa que utilize o trabalho da prostituta para obter renda é considerada criminosa.

Dessa forma, pode-se questionar então, a existência de tantos estabelecimentos comerciais ligados à prostituição que funcionam no país. Pasini (2005) pesquisou a Vila Mimosa, importante reduto carioca que possui muitos estabelecimentos onde ocorre prostituição. Segundo ela, esses locais são legalizados como comércios, bares, restaurantes, perante os órgãos competentes, no entanto, nada se menciona a respeito da prostituição que lá ocorre. Assim, a prática da prostituição permanece na clandestinidade. Leite (2009) relata que os órgãos fiscalizadores na maioria das vezes fingem não saber o que acontece realmente nesses locais, permitindo que permaneçam abertos.

Diante da ilegalidade, as prostitutas enfrentam muitos desafios para realizarem seu trabalho, pois dependem dos estabelecimentos para conseguirem clientes e para realizarem a atividade. Tentativas de controle da prostituição foram implementadas no passado, variando entre o controle exercido pela instituição religiosa, passando pela proibição expressa em códigos civis e chegando aos dias atuais no Brasil em que se solicita sua legalização como atividade profissional.

Após a criação da Rede Brasileira de Prostituição, o movimento para a legalização da profissão se intensificou. As prostitutas debatem questões próximas ao seu campo de atuação e da atividade de prostituição, como o tráfico de pessoas, para fins de exploração sexual, e a exploração sexual de crianças e

adolescentes – muitas vezes referida como “prostituição infantil” ou “infanto-juvenil” (RODRIGUES, 2009).

Na década de 1970, começaram a surgir organizações integradas por prostitutas que reivindicavam não só os direitos sociais de cidadania, mas o reconhecimento da prostituição, “como um trabalho como outro qualquer”, que acarreta os direitos e deveres. De acordo com Alvarez e Rodrigues (2001), no Brasil, as políticas públicas voltadas à prostituição começaram a mudar a partir da década de 1990, inaugurando um período de incorporação de novos elementos, perspectivas e sujeitos no debate sobre a prostituição e os direitos das pessoas que exerciam a atividade.

De acordo com Rodrigues (2009), a perspectiva desses movimentos é colocar a discussão da prostituição no campo da cidadania – enfatizando-se em especial, a questão de a atividade referir-se a direitos sexuais e trabalhistas, e não a uma questão criminal e penal. Nesse sentido, um passo já foi dado: a aprovação, em 2000, da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) incluindo a profissional do sexo como uma ocupação.

Segundo Barreto (citado por RODRIGUES, 2009), o novo CBO reconhece a “profissional do sexo” como uma trabalhadora e inova ante o modelo tradicionalmente adotado no país para o enfrentamento da questão da prostituição. A inclusão agradou ao movimento de prostitutas que pedia a retirada de tudo o que diz respeito à prostituição do Código Penal, tratando as questões relacionadas à atividade, na esfera da legislação trabalhista.

Na CBO, a ocupação de “profissional do sexo” pertence à família dos prestadores de serviço, descrita com o número 5198-05, sob o título de “Garota de programa”, “Garoto de programa”, “Meretriz”, “Messalina”, “Michê”, “Mulher da vida”, “Prostituta” e “Trabalhador do sexo”. A descrição sumária da atividade explicita que os profissionais do sexo: “buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da

sexualidade. As atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão”. Em relação às características de trabalho, o CBO estabelece as condições gerais de exercício, que prevê que esses profissionais “Trabalham por conta própria, em locais diversos e horários irregulares. No exercício de algumas das atividades podem estar expostos a intempéries e a discriminação social. Há ainda riscos de contágios de DST’s, e maus-tratos, violência de rua e morte”. A formação e experiência exigida para atuar nessa ocupação requerem “que os trabalhadores participem de oficinas sobre sexo seguro, o acesso à profissão é restrito aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média está na faixa de quarta a sétima séries do ensino fundamental” (BRASIL, 2012).

A inclusão no CBO colaborou com o movimento por reconhecer a prostituição como profissão, mas não resolveu o problema da ilegalidade, nem tampouco deu subsídios a essas profissionais para enfrentarem a questão do preconceito atribuído pela sociedade diante do trabalho por elas realizado.

É importante refletir sobre até que ponto a legalização seria de todo positiva para as prostitutas, uma vez que tornar a atividade legal pode ocasionar outros problemas. Cho, Dreher e Neumayer (2013) afirmam que existe a possibilidade de a legalização aumentar consideravelmente o tráfico de mulheres. Segundo os autores, os países que legalizaram a prostituição, atualmente são procurados por traficantes de mulheres para fixarem seus negócios.

A prostituição enfrenta sérias dificuldades para se legitimar e ser aceita como um trabalho na sociedade. Trata-se de um processo histórico que tem início com o não reconhecimento da mulher como detentora do direito de possuir e viver sua sexualidade. Dessa forma, aquelas que optam por trabalhar diretamente com o sexo e sobreviver a partir dessa atividade são vistas como imorais e desavergonhadas.

Com o passar dos anos, a mulher conseguiu se desprender de certas amarras que a continham e impediam de se impor como ser autônomo em relação à sua sexualidade. A sociedade hoje tem se tornado mais tolerante no que se refere ao sexo para as mulheres. No entanto, ainda prevalece a concepção de que esse sexo não pode ser desmedido e nem tampouco utilizado para fins de trabalho. Isso põe em questão as prostitutas, que têm no sexo o seu trabalho, tornando seu cotidiano repleto de estigmas e preconceitos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo se destina à apresentação dos procedimentos metodológicos que orientaram o desenvolvimento da presente pesquisa.

3.1 Caracterização da pesquisa

O presente estudo caracteriza-se como qualitativo, baseado na Epistemologia Qualitativa desenvolvida por Rey (2005), entendida, nas ciências antropológicas, como uma busca de compreensão da pesquisa como um processo de comunicação e de diálogo, uma vez que o homem se comunica permanentemente nos diversos espaços sociais em que vive. A Epistemologia Qualitativa procura a legitimação do conhecimento por meio da construção contínua de modelos de inteligibilidade sobre um problema, que se permitam estar em constante desenvolvimento e construção (REY, 2003).

No desenvolvimento da investigação, foram realizadas pesquisas bibliográfica e de campo: bibliográfica, por buscar na literatura o embasamento teórico para discorrer sobre as premissas essenciais e subsidiar a construção e realização do estudo, e pesquisa de campo, pois foi conduzida no próprio *locus* de estudo, ou seja, em locais localizadas em cidades do interior de Minas Gerais.

3.2 *Design* de pesquisa

Nesta pesquisa, a construção do conhecimento fundamenta-se especialmente nos três princípios básicos da proposta metodológica da Epistemologia Qualitativa (REY, 2003). O primeiro princípio é de que “a Epistemologia Qualitativa defende o caráter construtivo-interpretativo do

conhecimento”. Esse fundamento implica em entender o conhecimento como produção permanente, “e não como apropriação linear de uma realidade que se nos apresenta” (REY, 2005, p. 5). O caráter construtivo-interpretativo do conhecimento visa romper com a dicotomia entre o empírico e o teórico. O caráter teórico da proposta de Rey, como afirma, nem exclui e nem relega o empírico a um segundo plano. Na proposta, o empírico é compreendido como um momento inseparável do processo de produção da teoria.

O segundo atributo importante da Epistemologia Qualitativa é a legitimação do singular como fonte de produção do conhecimento, o que implica considerar a pesquisa como uma produção teórica. O teórico, nesse caso, não é o restringido a fontes de saber pré-existentes ligadas ao processo de pesquisa, mas sim ao que se expressa na atividade “pensante e construtiva do pesquisador” (REY, 2005, p. 11).

O terceiro atributo geral da Epistemologia Qualitativa, destacado por Rey (2005), consiste em entender a pesquisa nas ciências antropológicas como um processo de comunicação e de diálogo. A ênfase dada à comunicação no processo de construção do conhecimento baseia-se no fato de que grande parte dos problemas sociais e humanos tem raízes, direta ou indiretamente, na comunicação entre as pessoas. Nesse sentido, a comunicação é um espaço privilegiado para o estudo da subjetividade e serve de via para conversão dos que fazem parte da pesquisa em sujeitos da pesquisa.

3.3 Sujeitos da pesquisa

Caracterizam-se como sujeitos desta pesquisa, seis prostitutas atuantes em boates que mostraram-se decididas e interessadas em participar do estudo. Por critério de acessibilidade optou-se por investigar o interior de Minas Gerais, especificamente as cidades de Arcos, Lagoa da Prata, Córrego Fundo e Formiga.

As boates pesquisadas contavam com aproximadamente dez profissionais atuantes no momento da pesquisa.

Dada a dificuldade de acesso às boates, bem como às prostitutas, não se estabeleceu propriamente um critério para selecionar as participantes. Dessa forma, foram realizadas cinco entrevistas. No entanto, as informações coletadas, bem como os relatos dessas profissionais estavam tornando-se saturados. Diante disso a pesquisadora conversou com dois dos proprietários e solicitou informações sobre uma possível participante que se diferenciasse dos perfis encontrados até então. A profissional indicada aceitou participar da pesquisa e de fato, seu perfil, bem como sua trajetória atendiam aos anseios da pesquisadora. Dessa forma, chegou-se ao grupo de prostitutas que participaram da pesquisa: Natasha, Rebeca, Jéssica, Kelly, Camila e Mel.

3.4 Coleta de dados: Constituição do Cenário e Momentos Empíricos

Rey (2005) salienta que antes de iniciar a coleta de dados é importante se criar o cenário de pesquisa. Trata-se do primeiro contato entre pesquisador e pesquisados e é desse encontro que forma-se o grupo de pesquisa.

Entendemos por cenário de pesquisa a fundação daquele espaço social que caracterizará o desenvolvimento da pesquisa e que está orientado a promover o envolvimento dos participantes da pesquisa. É precisamente no processo de criação de tal cenário que as pessoas tomarão a decisão de participar da pesquisa, e o pesquisador ganhará confiança e se familiarizará com os participantes e com o contexto em que vai desenvolver a pesquisa (REY, 2005, p. 83).

Realizou-se o contato com as prostitutas mediante visita às boates nas quais elas trabalham. No momento da visita foi explicado sobre os objetivos da pesquisa, bem como a forma como ocorreria a participação delas no processo.

Após a constituição do cenário foram realizados três momentos empíricos individuais. O primeiro compreendeu a solicitação aos participantes que relatassem um momento marcante em sua trajetória na prostituição. No segundo momento empírico, realizou-se uma entrevista individual com cada uma das participantes, em que foram discutidas questões referentes às suas trajetórias de vida, à entrada para essa atividade, o dia a dia no trabalho, as motivações, os incômodos, enfim, assuntos que levaram à apreensão dos sentidos subjetivos de cada uma em relação ao seu trabalho. O terceiro momento constitui-se da utilização de uma técnica projetiva. Foi solicitado a cada participante que desenhasse algo que representasse o que ela sente em relação ao seu trabalho e que explicasse o que desenhou.

Durante os três momentos empíricos a pesquisadora manteve um caderno de campo onde anotou suas principais observações sobre o local. Ao sair da boate ela também fez diversos relatos sobre as experiências vivenciadas. Essas observações auxiliaram na análise das informações coletadas. Rey (2005) ressalta que esses momentos empíricos informais são importantes para que o pesquisador possa captar nuances que nem sempre se mostram tão perceptíveis nos momentos empíricos formais.

3.5 Construção e análise da informação

A construção e a análise da informação se deram pela captação das expressões dos sujeitos pesquisados, produzidas por meio dos instrumentos utilizados nos momentos empíricos programados. A análise das expressões e das emoções dos sujeitos possibilita a produção de indicadores de sentidos subjetivos a partir dos quais são construídas categorias.

Trata-se de um processo difícil na realização da pesquisa qualitativa baseada na epistemologia qualitativa, como reconhece Rey (2005), que atribui

essa dificuldade ao que chama de “fantasma empirista” que ainda circula no âmbito da pesquisa científica nas ciências sociais em geral. Para o autor, as informações não se mostram tão visíveis para o pesquisador, elas não estão presentes apenas nas expressões dos sujeitos da pesquisa, em suas falas e escritas. Para Rey (2005, p. 116), os sentidos subjetivos estão presentes

na qualidade da informação, no lugar de uma palavra em uma narrativa, na comparação das significações atribuídas a conceitos distintos de uma construção, no nível de elaboração diferenciado no tratamento dos temas, na forma com que se utiliza a temporalidade, nas construções associadas a estados anímicos diferentes, nas manifestações gerais do sujeito em seus diversos tipos de expressão, etc.

Assim, a construção do conhecimento dá-se por meio de indicadores de sentidos subjetivos. Por meio da análise das conversações e das respostas nos demais instrumentos, o pesquisador vai levantando indicadores que, organizados em categorias, constituem base para a construção de hipóteses. As hipóteses, por sua vez, confrontadas com outros indicadores oriundos de um mesmo instrumento ou de instrumentos diferentes, vão se confirmando ou não, num processo construtivo-interpretativo permanente de construção do conhecimento (REY, 2005).

Neste estudo, o processo de construção da informação não se orienta por uma lógica preconcebida, mas se caracteriza por um processo mental e reflexivo do pesquisador que ao longo da pesquisa vai construindo seu próprio modelo teórico. Nesse processo, o pesquisador busca acessar elementos de sentido que possam ser transformados em indicadores de sentidos subjetivos. Na medida em que esses elementos de sentidos e significados vão surgindo, eles vão sendo agrupados em categorias, que servem como ferramentas de organização das informações. As categorias são importantes para a organização do processo

construtivo-interpretativo porque, como explica Rey (2005), indicam núcleos teóricos de significação portadores de certa estabilidade.

Rey (2005) ressalta ainda a importância de o pesquisador, durante os momentos empíricos, elaborar tabelas e anotações, que constituirão a documentação básica da pesquisa e fonte para produção da informação. A matéria-prima dos momentos empíricos são as expressões de linguagem e as emoções. Interpretadas pelo pesquisador, resultam em uma tabela de indicadores. Continuamente, esses indicadores são organizados em categorias, que abrem caminho para o surgimento e consolidação de hipóteses, num processo reflexivo de ida e volta contínuo. A partir da confirmação de hipóteses é que são captados os sentidos subjetivos, ou seja, na medida em que os relatos apontam elementos constituintes de determinado sentido, cria-se uma hipótese de que tais elementos possam significar algo relacionado ao trabalho. Esses elementos associados às emoções e expressões dos sujeitos auxiliam na conformação das hipóteses levantadas.

4 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: A ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo compreende a análise dos dados obtidos nos momentos empíricos realizados na presente pesquisa. Inicialmente, buscou-se descrever as boates visitadas, local de trabalho das prostitutas. Em seguida, optou-se por apresentar as principais características que definem o perfil das participantes. Na sequência, tem-se o relato de fatos que marcaram a vida dessas mulheres como prostitutas. Logo após, buscou-se apresentar a trajetória de cada uma delas, elucidando questões que abrangem a infância, a adolescência, os pais, os relacionamentos amorosos, os filhos, a entrada para a boate e a realidade atual. No próximo tópico, objetivou-se apreender o sentido que o trabalho tem na vida das participantes, analisando-se especificamente algumas particularidades desse trabalho, os aspectos positivos e negativos, os preconceitos vivenciados no exercício da profissão, a dimensão do prazer e do sofrimento no trabalho e as expectativas quanto ao futuro. Ao final, apresentaram-se os desenhos feitos pelas participantes, no intuito de retratar, por meio de imagens, o que sentem em relação ao trabalho que realizam.

4.1 Conhecendo o *locus* de pesquisa: as boates

A impressão que se tem é que a prostituição pertence a um submundo bastante desconhecido. A maioria das pessoas demonstra curiosidade por conhecê-lo, mesmo por que se trata de uma atividade marginal na sociedade. Diante disso, considerou-se importante para essa análise apresentar as percepções obtidas mediante as visitas realizadas às boates. Considera-se que essa percepção enriquece a análise e auxilia na compreensão do sentido do trabalho para essas profissionais, por representar a visão do “outro” sobre este trabalho.

Silva e Blanchette (2008) caracterizam as boates como ambientes fechados cuja razão de existência declarada é a oferta de outras diversões além dos serviços sexuais (*shows* de danças, *striptease* ou sexo ao vivo), onde as mulheres da casa estão disponíveis para a prostituição. Esses locais geralmente oferecem quartos, onde os programas são realizados e o cliente paga um valor extra para utilizá-los. As boates pesquisadas possuem todas as características descritas por esses autores, conforme se observa nos parágrafos seguintes.

Foram visitadas boates nas cidades de Arcos, Córrego Fundo, Formiga e Lagoa da Prata, no período de julho a dezembro de 2012. As visitas aconteceram em horários fora do expediente de trabalho das participantes. Nas boates de Arcos e Lagoa da Prata, foi possível agendar a visita com os proprietários. Nas demais cidades isso não foi possível. Dessa forma, o contato com o proprietário aconteceu já na própria boate no momento da visita.

O fato de visitar uma boate de prostituição causou certa tensão na pesquisadora e até mesmo dificuldades em relação ao fato de se encaminhar para esses locais desacompanhada. Por esse motivo, algumas visitas foram realizadas com a companhia de outras pessoas. Foi curioso observar também como as pessoas estranhavam quando a pesquisadora perguntava sobre a localização das boates nas cidades e mesmo como sua presença nos estabelecimentos chamava a atenção dos que ali estavam.

A primeira boate visitada foi na cidade de Arcos e seu acesso foi bastante difícil de conseguir. Após vários contatos telefônicos com o proprietário foi que a pesquisadora conseguiu realizar as entrevistas. O fato de a prostituição ainda não ser uma atividade legalizada em nosso país, faz com que os proprietários de boates fiquem receosos diante de uma investigação sobre o seu negócio. Houve a necessidade de explicar detalhadamente os objetivos do trabalho, o motivo de sua realização e mesmo apresentar documentos que comprovassem a filiação da pesquisadora à instituição de ensino a qual pertence.

Essa boate situa-se às margens de uma rodovia federal próxima à cidade. É cercada por um alto muro oval e tem um grande portão na entrada que conduz ao estacionamento. O bar fica ao lado de quinze quartos disponíveis para as garotas.

Dois homens de meia idade são os responsáveis pelo local. Um deles cuida da limpeza das áreas externas aos quartos, da alimentação das meninas, da portaria e do estacionamento. O outro já se dedica ao bar, cuidando das bebidas consumidas e dos programas realizados.

A impressão que se tem é que se trata de uma casa como outra qualquer. Os hábitos são os mesmos: café da manhã, almoço, lanche, jantar, cozinha, área de lavar, quintal com horta e até um galinheiro. Os quartos são padronizados, todos com uma cama de alvenaria e um banheiro pequeno. As “meninas” mobíliam da forma que desejarem. Algumas colocam guarda-roupa, cômoda e até decoram o quarto com quadros, tapetes, muitas almofadas e travesseiros.

O bar é o local onde elas recebem os clientes. Não é um “barzinho” como outro qualquer. Trata-se de uma boate muito bem decorada, equipada com aparelhos de som altamente potentes e jogos de luzes modernos. No centro está um palco redondo com diversas barras onde as garotas fazem *streeptease*, ao redor um espaço utilizado para dançar, nas laterais estão várias mesas com cadeiras e o balcão do bar, onde bebidas são vendidas a preços exorbitantes.

Ao centro dos quartos encontra-se uma área de lazer com piscina e churrasqueira, além de algumas mesas e cadeiras. Esse local é frequentado pelas meninas da boate e por outras pessoas em algumas ocasiões especiais, como quando a boate recebe festas de despedida de solteiro durante o dia.

As meninas são jovens, bonitas e bem vestidas, apesar das roupas provocantes que usam. O que mais impressiona nelas é o total impudor. Algumas estão seminuas, outras estão completamente nuas e assim continuam,

sem nenhum constrangimento, mesmo quando os dois funcionários estão por perto. Tudo aquilo parece ser muito natural para elas.

A boate de Arcos é a mais glamorosa de todas que a pesquisadora visitou. Trata-se de um local agradável, limpo e organizado. É também a boate em que se encontram as meninas mais bonitas, talvez isso justifique ser também o local com o programa de preço mais alto entre as boates.

A segunda boate visitada foi na cidade de Lagoa da Prata. Sua localização difere das demais. Está situada em um bairro próximo ao centro da cidade. O contato foi realizado por telefone com a proprietária e é ela quem recebeu a pesquisadora na casa onde as meninas ficam hospedadas, que é ao lado da boate. A proprietária relata que faz 24 anos da inauguração e mesmo havendo um mandato judicial proibindo a existência de locais de prostituição dentro da cidade, os vizinhos fizeram um abaixo assinado para que a boate não fechasse no bairro. Segundo ela, essa atitude se deve ao fato de haver muita discrição em seu negócio.

A boate possui uma dinâmica diferenciada das demais. Trata-se de um bar onde as meninas recebem os clientes e negociam o programa. No entanto, o programa não é realizado nas instalações da boate. As meninas saem com os clientes para motéis, hotéis ou residências. O programa pode também ser solicitado por telefone e, nesse caso, o cliente apenas busca a garota na boate. A proprietária ganha antecipadamente pelos programas realizados.

A boate e a casa onde as meninas são hospedadas são acopladas, porém cada uma tem sua entrada para uma rua do quarteirão. A boate tem um estacionamento à frente e o bar está localizado ao fundo. A construção é bastante antiga, as paredes estão estragadas e a pintura envelhecida. As mesas são de ferro e a decoração nada moderna. Saindo pelo fundo do bar, tem-se o acesso a casa, que tem quatro quartos, onde as meninas se hospedam, uma sala e uma

cozinha. É tudo muito simples e bastante desorganizado, embora exista uma senhora que é responsável pela limpeza e alimentação das meninas.

Nessa boate, as meninas também são jovens e bonitas. Elas não dão muita atenção e parecem constrangidas com a presença da pesquisadora. A proprietária relatou que a maioria são estudantes que fazem programa em São Paulo e nas férias vêm para o interior. Foi o local onde houve mais dificuldade para convencê-las a realizar as entrevistas.

A terceira e quarta boates visitadas foram na cidade de Córrego Fundo. Como não foi possível agendar a visita com antecedência, a pesquisadora se encaminhou para o local em busca do proprietário. As duas boates ficam próximas e estão situadas à beira de uma rodovia que dá acesso à cidade.

A terceira boate é uma casa pequena e antiga, com um barzinho na frente. Ao chegar, a pesquisadora é recebida pelo proprietário, um senhor negro, mais velho, humilde e muito receptivo. Ele autoriza as entrevistas prontamente e logo chama as meninas, além de incentivá-las a participar.

A boate é simples, possui um balcão onde as bebidas são vendidas, do outro lado um pequeno palco de *pole dance* e mesas espalhadas. À frente possui um pequeno espaço coberto com telha de amianto, onde também são colocadas mesas e cadeiras. Todas as paredes são pintadas de rosa, inclusive nos quartos. Esses se localizam ao fundo da boate. São quatro quartos pequenos, possuem apenas uma cama e uma cômoda e a ventilação é bastante ruim, o que os torna extremamente quentes. O banheiro é comunitário e seu espaço deixa muito a desejar. A cozinha, também pequena, é o local onde o proprietário e as meninas se dividem na tarefa de preparar a alimentação.

Nessa boate, as meninas são mais velhas e não são bonitas. São divertidas e atenciosas e demonstram grande estima pelo proprietário, com quem parecem se dar muito bem. Usam roupas provocantes e ficam sempre na varanda da frente do bar se exibindo para os possíveis clientes que passam pela rodovia.

A quarta boate, também em Córrego Fundo, localiza-se em um lote às margens da rodovia, no entanto, foi construída bem ao fundo, fazendo com que seja avistada bem a baixo. É cercada por árvores que circulam o estacionamento. Trata-se de uma construção velha e bastante danificada. O bar posiciona-se ao lado de uma casa separada, onde os programas são realizados.

O proprietário não se encontrava presente no momento em que a pesquisadora chegou ao local. Então um homem responsável pela boate entrou em contato por telefone para que se explicasse a situação. Ele autorizou as entrevistas e depois esteve lá para obter algumas informações.

O bar é um local espaçoso, com várias mesas e um grande palco onde se apresentam as meninas. Possui também um balcão onde as bebidas são vendidas e negocia-se a chave do quarto para o programa. A casa onde ficam os quartos é abafada, as telhas são baixas, o que torna o ambiente bastante quente. São seis quartos pequenos embaixo e três em cima do bar. Alguns quartos têm guarda-roupas, outros não. Existem dois banheiros apenas, que são usados coletivamente. Ao fundo, encontra-se uma pequena cozinha e uma área de lavar roupa.

A maior parte das meninas é jovem, embora exista uma senhora de meia idade. Elas são alegres, divertidas, falam, contam casos, são espontâneas e relatam com detalhes sua experiência. Demonstram que existe um clima de amizade entre elas, o que não pôde ser observado nas demais boates.

A última boate visitada encontra-se em Formiga e está situada na entrada da cidade. Trata-se de uma antiga boate que foi reformada e teve seu nome alterado. É um galpão espaçoso, pintado de preto e parece uma boate comum.

Apenas na terceira visita foi que a pesquisadora conseguiu conversar com alguém. Devido ao horário, durante o dia, a boate fica fechada e mesmo chamando diversas vezes a pesquisadora não foi atendida. Na terceira vez,

ocorria a entrega de bebidas e a entrada foi facilitada. O responsável pela boate é um homem de meia idade que também entrou em contato com o proprietário, o qual autorizou a visita após receber informações sobre o que se tratava.

A entrada é um túnel que dá acesso a uma danceteria bastante moderna. Ao lado ficam as mesas, ao fundo o bar e próximo ao bar um palco onde as meninas dançam. Ao fundo, está também um corredor que conduz a oito quartos. Em cada um deles encontra-se uma cama, uma cômoda e uma mesinha para dois lugares. A roupa de cama é vermelha e nas paredes foram feitas pinturas com imagens ousadas de casais em momentos íntimos, o que caracteriza bem o local. Os quartos possuem pequenos banheiros individuais, o que proporciona maior conforto tanto para as meninas quanto para os clientes.

A boate de Formiga tem um estilo parecido com a de Arcos: instalações confortáveis, decoração moderna, organização e conforto. A maioria das meninas aparenta ser jovem e de boa aparência. São educadas, alegres, vaidosas e mostraram-se interessadas pela pesquisa.

Essas são algumas características dos locais onde ocorre a prostituição. Conhecer os locais foi surpreendente e gratificante para a pesquisadora. Desmistificou uma série de concepções que se tinha a respeito desses locais. Mas o essencial dessas visitas foi perceber e entender que se trata de um comércio, de um negócio como outro qualquer e assim confirmar a necessidade de estudá-lo no âmbito da Administração.

Das observações realizadas, alguns pontos merecem ser ressaltados. Primeiramente, vale mencionar o fato de as pessoas estranharem a busca de informação sobre esses locais, como se fossem locais que não devem ser procurados por uma mulher aparentemente "fora dos padrões imorais das boates". Essa atitude reflete o preconceito atribuído às prostitutas na sociedade.

A dificuldade de acesso a algumas boates também demonstra o temor dos proprietários por possuírem um estabelecimento ilegal aberto e a consciência

deles em relação a isso. A maior preocupação deles se referia à possibilidade de se tratar de uma fiscalização federal. Conforme relata Pasini (2005), ainda que a prostituição não seja considerada crime no Brasil, todos aqueles que têm algum tipo de envolvimento com esse tipo de trabalho, e aí se incluem os proprietários de boates, são considerados criminosos. Atribui-se a isso o fato de haver tanta resistência com relação à realização de uma pesquisa no estabelecimento.

Outro fato que chamou atenção foi que as boates pertencem e são gerenciadas por homens, com exceção da cidade de Lagoa da Prata, dando a impressão de que essa "proteção" é necessária ou de que talvez elas precisem ser vigiadas.

É importante ressaltar também as condições em que vivem essas mulheres nas boates. Retiradas da cidade, em locais afastados, ou trancadas entre muros e portões que mais parecem uma fortaleza incomunicável com o mundo exterior. Isso leva a pensar que a prostituição necessita desse distanciamento da sociedade, como se ambas não pudessem conviver em espaços comuns.

Finalmente, vale lembrar que, apesar de não ser considerado um negócio legal e tampouco uma profissão, a prostituição possui uma dinâmica muito parecida com a dinâmica de mercado, em que há a oferta de determinado serviço em troca de dinheiro e onde são utilizadas diversas estratégias para tornar o serviço altamente lucrativo.

No próximo capítulo, será possível conhecer um pouco sobre as participantes da pesquisa. Tem-se nos parágrafos abaixo uma breve descrição das prostitutas que aceitaram colaborar com este estudo.

4.2 As damas da noite: caracterizando as “meninas” da pesquisa

Conhecer o perfil de cada uma das participantes da pesquisa mostrou-se muito útil para o levantamento de elementos que levaram a novos indicadores de

sentidos subjetivos. Também se mostrou importante para a comparação das expressões com indicadores levantados e para a construção de categorias e hipóteses.

No que se refere à representatividade da categoria, inicialmente acreditava-se que essa seria uma variável importante. No entanto, no decorrer da pesquisa observou-se que as participantes trabalham em diversas boates e não se fixam em uma cidade apenas. Aconteceu, inclusive, de a pesquisadora encontrar uma participante em outra boate durante a pesquisa.

Quanto à identificação das participantes, optou-se por não divulgar o nome. No caso da prostituição, essa é uma questão complicada uma vez que algumas delas utilizam “nomes de guerra”, e não revelam na boate seu nome real. Diante desse impasse, optou-se por nomeá-las com nomes fictícios, selecionados a partir de uma pesquisa realizada em um *blog* (<http://www.testosterona.blog.br>) que apontou os nomes de prostitutas mais comuns no Brasil. Seguiu-se então o *ranking* apontado pela pesquisa nomeando as participantes como Natasha, Rebeca, Jéssica, Kelly, Camila e Mel.

Abaixo, apresentam-se as principais características de cada uma das participantes:

- a) Natasha, apesar de não gostar de relatar sua idade, tem 43 anos; é solteira; tem cinco filhos com idades de 27, 25, 23, 21 e 12 anos; é natural de Montes Claros e atualmente reside em Arcos com os filhos e um genro; possui oitava série; não tem outra ocupação senão a prostituição e obtém, nessa atividade, uma renda de aproximadamente R\$ 1.800,00 mensais em boates. Atualmente, trabalha na cidade de Formiga. Natasha é uma mulher bonita, morena, vaidosa. Quando cheguei para a entrevista ela estava inclusive arrumando as unhas. É muito alegre, extrovertida, uma

pessoa receptiva, educada. Fala muito, dá detalhes na entrevista. Tem muito orgulho da filha que trabalha em uma loja em Arcos e se casou recentemente. Demonstrou ter um relacionamento muito bom, principalmente com essa filha. Mostrou-se uma pessoa frustrada nos relacionamentos que teve. Não acredita mais no amor. A família tem conhecimento de sua atividade, embora pareça não concordar. Encara a prostituição de forma bastante natural.

- b) Rebeca é uma jovem de 28 anos; separada e tem cinco filhos, com idades de 12, 9, 6, 4 e 2 anos. Dois dos filhos moram com a irmã de Rebeca e o restante com o pai. Ela é natural de Novo Cruzeiro, cidade no Norte de Minas Gerais e não possui residência fixa. Sua escolaridade é sexta série do Ensino Fundamental e atua somente na prostituição, que lhe rende aproximadamente R\$ 1.400,00 mensais. Rebeca é uma pessoa muito receptiva, alegre, bem-humorada. Ela é bonita e tem um corpo escultural. Não demonstrou ser muito ligada à família. Parece gostar da boate e da vida noturna que leva, regada a bebidas e droga. Ela fuma um cigarro atrás do outro e bebe café. Atualmente, trabalha em uma boate em Córrego Fundo.
- c) Jéssica é uma jovem de 27 anos; separada de dois casamentos; não tem filhos; é natural de Montes Claros e mantém residência lá junto aos irmãos. Possui Ensino Médio incompleto e não tem outra ocupação além da prostituição, que lhe rende aproximadamente R\$1.200,00 mensais. Jéssica é uma mulher negra, resolvida, de fala grossa e alta. Se expressa muito bem e gostou da ideia de contar um pouco sobre sua vida. Durante a realização dos momentos empíricos, ela recebeu uma ligação do irmão e fez questão de mencionar que estava dando uma entrevista, que estava ficando importante. Demonstrou grande apego aos irmãos e um desejo

muito forte de constituir sua própria família. Ela sonha em ser mãe e observa-se que a dificuldade de engravidar é algo que a frustra muito. Foi a participante que demonstrou mais revolta com o preconceito vivenciado na prostituição. Assim como Rebeca, Jéssica também trabalhava na boate de Córrego Fundo no momento da pesquisa.

- d) Kelly tem 26 anos; é separada; tem quatro filhos com idades de 10, 8, 4 e oito meses, que moram com sua avó. Ela é natural de São João del-Rey, cidade em que mantém residência. Possui oitava série do Ensino Fundamental e sua única ocupação é a prostituição. Nessa atividade ela obtém uma renda de aproximadamente R\$2.000,00. Embora tenha apenas 26 anos de idade, aparenta ser bem mais velha. Ela é alta, magra, cabelos longos e loiros. Kelly é a personificação da tristeza em uma pessoa. Ela tem um olhar distante, triste, não demonstra receptividade e não sorri em momento algum, pelo contrário chora em diversos momentos. O motivo maior de tamanha tristeza são os filhos, que ela não pode ter por perto e por quem ela demonstra grande afeto. Outro motivo é o amor não correspondido do ex-marido, namorado de adolescência e pai de seus filhos, por quem ela nutre um forte sentimento. A prostituição para Kelly é vista como a única saída para sustentar seus filhos que dependem exclusivamente dela. No momento da pesquisa ela trabalhava em uma boate na cidade de Formiga.
- e) Camila tem 30 anos; é solteira e tem dois filhos, com idades de 12 e 8 anos. Possui Ensino Fundamental completo e trabalha exclusivamente como prostituta. Sua renda mensal gira em torno de R\$ 4.500,00. É natural de Malacaxeta, no Norte de Minas Gerais, onde mantém residência. Ela é muito bonita, bem cuidada, tem

cabelos loiros e longos, é baixa, tem várias tatuagens. É uma pessoa receptiva, se expressa bem, é muito agradável e focada em seu trabalho. Camila demonstra grande preocupação com a família, principalmente com os filhos, para quem quer dar o conforto e as oportunidades que não teve na vida. O trabalho como prostituta já lhe possibilitou adquirir alguns bens, mas ela tem ambições maiores.

- f) Mel é uma garota de 24 anos; é solteira e não tem filhos. Possui Ensino Superior incompleto e trabalha também como manicure em Ribeirão Preto, cidade onde reside. Sua renda mensal como prostituta é de aproximadamente R\$4.000,00. É natural de Cerquilha, mas mora há oito anos em Ribeirão Preto. Ela é estudante de Direito e relata que o trabalho como prostituta auxilia no pagamento dos estudos. Ela estava na boate de Lagoa da Prata somente nas férias de julho. Geralmente ela consegue os programas pela *Internet*, onde é cadastrada em um *site* de encontros e também atende nos finais de semana em uma boate em Ribeirão Preto. É muito bonita, loira, cabelos cacheados, magra. É uma pessoa séria, educada, reservada e bastante inteligente. Mel pensa muito em sua carreira no Direito e pretende, no futuro, deixar a prostituição e ser aprovada em um concurso público para se tornar delegada. Mostrou-se bastante estrategista em sua atuação como prostituta.

Por meio das descrições apresentadas acima, observou-se que as participantes possuem características bastante comuns. Quatro delas (Natasha, Rebeca, Jéssica e Camila) são naturais de cidades situadas no Norte de Minas Gerais, região muito pobre do Estado. A maioria tem filho e são responsáveis por seu provimento econômico. Cinco delas possui idade inferior a 30 anos, ou

seja, são relativamente jovens. Com exceção de Mel, todas as demais possuem escolaridade baixa, ou seja, concluíram apenas o Ensino Fundamental. Seus poucos anos de estudo reforçam seu vínculo a extratos mais baixos da sociedade. A renda que conseguem com a prostituição varia entre R\$1.200,00 e R\$4.500,00. Essa renda é considerada alta se analisarmos o nível de escolaridade das participantes.

A análise desses perfis possibilita compreender que as participantes são migrantes de outras cidades de Minas Gerais, sendo somente Mel de outro Estado, São Paulo. São também oriundas de classes baixas da sociedade. Trata-se de mães de família, responsáveis pelo sustento dos filhos e de si próprias.

Tendo apresentado brevemente um panorama de quem são as mulheres participantes da pesquisa, com o objetivo de favorecer a compreensão da prostituta como ser na sociedade, passa-se a seguir para a análise dos indicadores de sentidos subjetivos captados nos momentos empíricos realizados nesta pesquisa.

4.3 Quem conta um conto...: fatos que marcaram a trajetória das prostitutas

No primeiro momento empírico foi solicitado que as participantes relatassem um fato que tivesse marcado a trajetória delas como prostitutas. Poderia ser qualquer fato ocorrido que se relacionasse ao trabalho por elas realizado.

4.3.1 Natasha: “na minha carreira, por exemplo, já tentaram me matar, fazendo programa...”

“Um rapaz muito bem vestido, muito bem trajado, chegou na boate pagou R\$300,00 para mim ir no motel com ele uma hora, só que ele não foi para o motel ele parou na metade do caminho inclusive no bairro onde eu morava, já colocou uma

arma no meu pescoço, queria que eu cheirasse farinha (cocaína) com ele, falei com ele que eu não curtia sabe?! E ele insistindo só que aí, eu com o celular ligado no 190 virei e falei com ele “vou chamar a polícia se você não parar com isso”, aí ele começou a me bater sabe, começou a bater na minha cara e chegava minha cara no painel, aí eu peguei e falei para ele “eu estou chamando a policia”, só que aí no debater com ele meu dedo apertou mesmo o 190 e o policial ficou ouvindo do outro lado, só que quando eu vi, o que me salvou foi isso que ele já tinha rasgado minha roupa, já tinha me batido, sabe?! Aí a polícia chegou duma vez sabe, já chegou tirou ele do carro, batendo, ele estava nu também, o policial me levou até em casa e o outro levou ele, e ele falando: “Ninguém vai me prender sou filho do juiz tal o que...” e o policial batendo nele. Aí o policial falou assim ó “isso é bom para vocês aprender, vocês garota de programa nunca mais vocês fazerem saída porque a gente cansa de avisar que esse negócio de fazer saída é muito perigoso”. Sabe?! E a partir desse dia eu aprendi, eu nunca mais fiz uma saída sabe?! Eu tomei trauma. Foi um fato muito marcante da minha vida. Aí eu só faço nas boates, qualquer dinheiro que me oferecem eu não gosto de saída. Não dá certo”.

Natasha relata um momento trágico que viveu em sua carreira como prostituta, uma tentativa de assassinato por parte de um cliente. Isso faz emergir sentidos subjetivos significativos. Logo no início, ela menciona uma situação em que foi enganada por um cliente que aparentava ser uma boa pessoa e que se propôs a pagar um valor superior ao seu programa caso ela saísse da boate com ele. Ao informar o valor pago por esse cliente “R\$300,00”, nota-se um indicador de sentido subjetivo que demonstra a importância que a questão financeira tem para ela, ou seja, ela decidiu se arriscar e sair com o cliente porque estava sendo bem paga para isso.

No relato de Natasha, aparecem elementos comuns à prostituição que podem indicar sentidos subjetivos do trabalho. O primeiro relaciona-se às drogas, que são comumente consumidas por prostitutas, inclusive isso aparece em outros momentos empíricos. Nesse caso, ao dizer que o cliente “queria que eu cheirasse farinha (cocaína) com ele. O outro relaciona-se à violência contra as

prostitutas, que pode ser identificado no momento em que Natasha afirma que o cliente "colocou uma arma no meu pescoço", "aí ele começou a me bater sabe, começou a bater na minha cara e chegava minha cara no painel", "ele já tinha rasgado minha roupa, já tinha me batido". Esses dois indicadores de sentido subjetivo demonstram que em seus cotidianos as prostitutas, ao exercerem seu trabalho, lidam com a violência por parte de seus clientes. Natasha mostra o perigo da profissão, que também aparecerá em outros momentos deste trabalho.

Diversos estudos (LEITE, 2009; OLIVEIRA, 2008; SOUSA, 2012) abordam a questão da violência na prostituição. Pelo lado dos riscos, ao questionar convenções de gênero e ao adotar modos de agir incompatíveis aos atributos naturalizantes comumente associados à chamada "mulher honesta", a prostituta passa a representar uma ameaça à moral vigente e, sendo assim torna-se alvo de violência, preconceito e discriminação.

Outro trecho de sua fala nos revela o indicador de sentido subjetivo que remete ao preconceito da sociedade. No momento em que o policial que atendeu ao chamado diz que "isso é bom para vocês aprender, vocês, garota de programa, nunca mais vocês fazerem saída porque a gente cansa de avisar que esse negócio de fazer saída é muito perigoso", ele está demonstrando o que várias pessoas pensam, ou seja, que as prostitutas merecem passar por essas situações em seu trabalho em decorrência da atividade que exercem.

4.3.2 Rebeca: “era só um pedaço de carne estranha, mas era meu filho...”

“Nossa, um cara que tem aqui perto, que de vez em quando ele dá uma passadinha aqui na boate, a gente trabalhando. Um cara que mora ali na cidade vizinha ali. Apaixonei. Mais agora eu não sou mais apaixonada não. Mais ainda faz parte da minha vida. É... Com ele, só com ele. Não, eu me relacionei com ele durante um ano e pouco, mais ele na casa dele porque ele é casado né?! Aí eu engravidei, mais eu perdi o menino. Perdi o bebe dele. Perdi não, né, eu fiz aborto. Lá em Pains mesmo. Uma mulher me deu uns

remédios pra eu tomar e depois eu fui lá. Aí ela enfia um negócio na gente tipo um gancho e puxa o bebê. Nem era bebê direitinho, mas já tava formado. Eu tive todos os meus filhos, só esse que não teve jeito. Me marcou porque eu me sinto muito mal até hoje. Era só um pedaço de carne estranha mas era meu filho, né. Só que quando eu falei pro cara que eu tava grávida ele só me deu essa opção. Ele falou que se eu acabasse com o casamento dele ele me matava. Ele também falou que nem sabia se era dele, que podia ser da cidade inteira. Mas ele sabia que era dele, porque a gente transava só sem camisinha. Porque ele trabalha numa calcinação aqui perto aí eu ia lá pra ver ele e acabava rolando. Aí não tinha camisinha".

Rebeca relata um momento de arrependimento em sua trajetória como prostituta, o aborto que fez de um filho que teria com um cliente por quem se apaixonou. Em seu relato aparecem indicadores de sentidos subjetivos que remetem a três questões: a gravidez indesejada na prostituição, o fato de se apaixonar por um cliente e o arrependimento por ter feito o aborto.

Rebeca, inicialmente, não relataria o que fez, mas, depois decide contar. Ela diz: "aí eu engravidei, mais eu perdi o menino. Perdi o bebê dele. Perdi não, né, eu fiz aborto". Observou-se que ela tem consciência de que fez algo errado e por isso tenta se justificar dizendo "nem era bebê direitinho...", "Eu tive todos os meus filhos, só esse que não teve jeito". Embora ela busque uma justificativa para seu ato, observa-se que ela sente certo remorso por isso: "Era só um pedaço de carne estranha, mas era meu filho".

A gravidez na prostituição também pode significar um problema para as mulheres assim como em outras profissões. O fato de ter um bebê que necessita de cuidados pode vir a impedir que elas realizem seu trabalho. Dessa forma, é comum a realização de aborto por prostitutas, assim como relata Rebeca. No decorrer da pesquisa, essa questão será novamente apontada e discutida.

O indicador de sentido subjetivo que aponta para o fato de Rebeca estar apaixonada pelo cliente é que ela mesma afirma isso ao dizer que "apaixonei",

"mas ainda faz parte da minha vida". O restante do relato, no entanto, mostra que essa paixão não era correspondida, o que indica o momento em que ela menciona que "ele falou que se eu acabasse com o casamento dele ele me matava. Ele também falou que nem sabia se era dele, que podia ser da cidade inteira". Esse trecho explicita o desejo do cliente em manter seu casamento e sua desconfiança por Rebeca ser prostituta, indicando um sentido subjetivo que reforça o preconceito, ou seja, filho de prostituta não tem pai.

Outra possível análise é compreender a distinção que as pessoas, principalmente os homens, fazem entre a moça, com quem se deve casar, e a prostituta, com quem se deve apenas satisfazer desejos sexuais e se divertir. Juliano (2004) afirma que em matéria de gênero a ideologia dominante divide as mulheres em “boas” e “más”, isto é, entre as que procuram ou não seguir às convenções e papéis impostos socialmente a elas. A mulher boa está associada à esfera privada, ela é mãe/filha/avó/esposa do lar, comedida e paciente, ao passo que a mulher má, associa-se à vida pública, ela é degenerada/desviante/amante/puta e age por impulso. Sendo associada ao polo das mulheres más, a prostituta recai uma desvalorização extrema que se manifesta por ações de violência física ou simbólica, essas últimas consistem em dispositivos que visam negar que a mulher prostituta possa exercer papéis sociais e possuir atributos associados às demais mulheres.

4.3.3 Jéssica: “não deu certo porque eles tira a gente daqui mas não confia mais...”

“Olha, o que mais me marcou foi quando um cliente meu aqui me tirou da boate, montou uma casa pra mim e me assumiu como mulher dele. Me marcou porque eu nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo. Porque geralmente os clientes nem olha pra gente fora daqui. Tipo assim quando você encontra eles na rua. E ele não importou, ele me tirou daqui e a gente morou junto um ano como marido e mulher mesmo. Ele gostava de mim mesmo. Você

me perguntou se eu gostava dele, eu gostava, me sentia bem na vida de casada. (risos). Não deu certo porque eles tira a gente daqui mas não confia mais. Acho que ele gostava de ter eu lá sempre, mas não confiava nem pra eu ir na padaria. E quando eu demorava um pouco ele ficava doido. Nem trabalhar direito ele tava conseguindo. Principalmente agora mais pro final. Aí eu cansei, a gente tava brigando demais. Peguei minhas coisas e voltei pra cá. Acho que era isso que ele queria que eu fizesse porque até hoje ele não falou nada comigo".

Jéssica relata um momento surpreendente em sua vida: seu casamento com um cliente. Em suas expressões aparecem diversos indicadores de sentido subjetivo que demonstram como ela ficou surpresa por esse acontecimento. Ela afirma que o cliente "me tirou da boate, montou uma casa pra mim e me assumiu como mulher dele". Observa-se que a saída da boate era algo desejado por ela. O fato de ter uma casa e um marido significava a possibilidade de dar outro rumo para sua história. Observa-se em sua fala "eu nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo", a surpresa diante do ocorrido, ou seja, Jéssica não tinha esperança alguma de sair da prostituição um dia.

Outros sentidos subjetivos que aparecem em seu relato demonstram o preconceito vivenciado por ser prostituta. Embora tenha se casado, o marido não confiava nela e o que parecia a solução, tornou-se o maior problema. Jéssica menciona que "não deu certo porque eles tira a gente daqui, mas não confia mais". Essa fala indica que o fato de ser prostituta torna difícil o relacionamento amoroso, pois a desconfiança prevalece, ou seja, o parceiro não acredita na mudança de comportamento, dessa forma a (ex) prostituta nunca será alguém confiável.

Deixar de ser prostituta ou "sair da vida", como muitos dizem, significa retomar a vida moralmente aceita, reconquistar a moral, tornar-se uma pessoa melhor. No entanto, observa-se que não é tão simples como parece. Jéssica se comportou conforme as expectativas da sociedade para uma boa esposa,

conforme relata em outras ocasiões na pesquisa, ou seja, gostava do marido e da vida de casada, não o traiu em momento algum e desejava inclusive ter filhos. No entanto, não foi suficiente para que ganhasse a confiança do parceiro, pois carregará consigo o estigma de prostituta, ainda que não mais trabalhe na prostituição.

4.3.4 Kelly: “mas foi bom começar assim, porque eu ainda ia ter muitos iguais a ele na vida...”

“Um fato marcante foi meu primeiro programa, quando eu me separei pela primeira vez do meu marido. A minha mãe já tinha me falado como que era pra eu fazer. Ela me deu umas dicas. Foi ela que arrumou esse cliente pra mim. Ele tava viajando com um caminhoneiro que ela saía. Aí eles chegaram e ela falou com ele de mim e ele topou. Era um cara de uns quarenta e poucos anos, casado e eu fui com ele pra o hotel que ele tava na beira da rodovia. Hotelzinho ruim. Ele era muito sério, quase não conversava. A gente chegou no quarto ele falou assim: “pode tirar a roupa e deitar aí que eu já venho”. Eu tirei a roupa e deitei e fiquei esperando. Minha mãe tinha falado que era bom conversar antes, dá uns esfregas, mas ele tava muito sério aí eu também não falei nada. Eu falei assim “você não quer pedir uma cerveja pra gente?”, aí ele falou que não bebia. Ele tava no banheiro, quando vê ele saiu de lá pelado, com o negócio duro já e deitou na cama. Antes ele falou: “Oh, eu sou casado, não tenho costume de trair minha esposa, mas já tem quase um mês que eu to fora de casa e não tô aguentando mais”. Ele veio pra cima de mim e fez o que tinha de fazer, né. Só que eu nunca tinha transado com ninguém a não ser meu marido. Eu fiquei calada igual ele, e enquanto ele mexia, parece que eu saí do meu corpo, parece que não era eu que tava ali. Foi rápido. Ele terminou, deixou o dinheiro em cima da mesa e falou que quando voltasse do banheiro não queria me ver ali mais. Eu comecei a chorar, me vesti, peguei o dinheiro e saí. Me marcou porque ele me tratou como se eu fosse um objeto e só. Mas foi bom começar assim, porque eu ainda ia ter muitos iguais a ele na vida”.

Kelly compartilha um momento chocante que marca o início de sua carreira na prostituição. Trata-se do primeiro programa que realizou. O relato é marcado por indicadores de sentidos subjetivos que se relacionam às dificuldades encontradas para tornar-se prostituta. O primeiro elemento é apontado quando ela dá detalhes sobre a maneira fria e indiferente com que foi tratada por seu primeiro cliente. Conforme relata, o homem disse "eu sou casado, não tenho costume de trair minha esposa, mas já tem quase um mês que eu tô fora de casa e não tô aguentando mais". Em sua fala ele demonstra que se tratava apenas de saciar uma necessidade fisiológica, ou seja, não se tratava de prazer ou desejo algum por ela. O fato de esse cliente falar dessa forma com Kelly demonstra seu desprezo por ela. Em outro momento ela revela que "ele terminou, deixou o dinheiro em cima da mesa e falou que quando voltasse do banheiro não queria me ver ali mais". Após ter sua necessidade satisfeita, o cliente não quer mais sua presença. Observa-se que ele demonstra repugnância por sua pessoa, o que pode ser confirmado quando ela mesma diz que "ele me tratou como se eu fosse um objeto e só".

Outro ponto interessante nesse relato é a menção que Kelly faz à mãe em dois momentos. Primeiro, ela afirma que a mãe lhe deu dicas de como deveria se comportar durante o programa e em seguida, ela diz que foi a mãe quem negociou o programa. Esse elemento pode indicar a importância que essa mãe tem na vida de Kelly, ainda que suas atitudes não sejam condizentes com o que comumente se espera de uma mãe. A forma como relata leva a crer que ela vê essa atitude da mãe como sendo uma tentativa de ajudá-la. Ao analisar a vida de Kelly no próximo capítulo, observa-se que ela foi abandonada pela mãe e que somente anos depois elas se reencontraram. Outro fato a se ressaltar é que sua mãe é prostituta. Aparece então, um sentido subjetivo que demonstra o quanto a figura da mãe é importante para ela e pode ter influenciado em sua decisão por se prostituir.

4.3.5 Camila: “é por isso que eu só faço programa em boates arrumadas igual essa, em zona rural, canto de rodovia eu não vou de jeito nenhum...”

“O que mais me marcou na prostituição foi um assassinato que aconteceu numa boate que eu tava. Eu não conhecia bem a menina, mas a gente conversava muito e ela era boa pessoa. Eu lembro do cara que matou ela até hoje. Eu até ajudei a fazer o retrato falado dele, mas nunca foi preso. Eu tava bebendo na mesa com eles. Podia ser eu no lugar dela. Ela era nova demais, bonita, cheia de plano. Ninguém sabe o que aconteceu que levou ele a matar ela daquele jeito. Coisa de psicopata mesmo. Eu vi ele saindo da boate, mas pensei que ela ainda tava no quarto se lavando, sei lá. Mas aí ela foi demorando pra voltar e o cara que tomava conta da gente foi no quarto pra pegar o dinheiro com ela. Aí ele viu e começou a gritar a gente. Quando eu cheguei, ela tava nua na cama, era só sangue... com um saco plástico na cabeça amarrado com um cadarço no pescoço, com as mãos amarradas pra trás, toda esfaqueada, cheia de buraco no corpo inteiro. Eles tiveram relação sexual, não sei se antes ou depois de matar ela. Chamamos a polícia, eles até fizeram os procedimentos de rotina, mas não deu em nada. Eu lembro que ela não tinha mãe nem pai. Aí a irmã dela falou que não ia lá buscar o corpo e a gente mesmo enterrou na cidade. As pessoas falavam que ela tinha caçado isso, que isso é o que acontece com puta safada. Foi muito ruim pra mim e eu penso nisso até hoje. É por isso que eu só faço programa em boates arrumadas igual essa, em zona rural, canto de rodovia eu não vou de jeito nenhum. Mas nada garante, né. Igual aqui tem câmera, mas dentro do quarto não tem. Se quiser matar a gente, mata”.

Camila também relata um momento de violência que presenciou em sua carreira na prostituição. Trata-se do assassinato de uma colega de boate por um cliente, o que a deixou amedrontada. Em seu relato aparecem três diferentes indicadores de sentido. O primeiro refere-se à violência e à insegurança, existentes nos ambientes em que ocorre prostituição, como já relatado por Natasha. O segundo sentido remete ao medo que Camila sente de que o mesmo aconteça com ela. O terceiro, e também já mencionado, relaciona-se com o

preconceito e descaso da sociedade por se tratar de um crime envolvendo prostitutas.

Nos trechos seguintes "ninguém sabe o que aconteceu que levou ele a matar ela daquele jeito. Coisa de psicopata mesmo"; "quando eu cheguei, ela tava nua na cama, era só sangue...", pode-se observar um indicador de sentido subjetivo que demonstra o requinte de violência com que a colega foi assassinada. O fato é que isso ocorreu dentro da boate e ninguém viu ou ouviu nada suspeito, mostrando a falta de segurança que essas profissionais muitas vezes estão sujeitas.

Diante dessa situação é aceitável que Camila sinta medo ao exercer seu trabalho, pois, conforme relata, "eu tava bebendo na mesa com eles. Podia ser eu no lugar dela". Nessa parte do relato aparece um indicador de sentido que remete à percepção que Camila tem de que poderia ter acontecido com ela e com qualquer outra prostituta. Nota-se que ela tem consciência do risco iminente a que está sujeita todos os dias em seu ambiente de trabalho, pois, conforme pondera, "igual aqui tem câmera, mas dentro do quarto não tem. Se quiser matar a gente, mata". Esse trecho indica que as boates não oferecem segurança suficiente para suas profissionais.

Camila relata ainda a reação das pessoas ao que tinha acontecido. Segundo ela "as pessoas falavam que ela (a colega) tinha caçado isso, que isso é o que acontece com puta safada". Essa fala indica todo o preconceito, discriminação e banalização de algo com tamanha gravidade somente por ter ocorrido com uma prostituta.

4.3.6 Mel: "...ser prostituta afasta as pessoas da gente e faz a gente também se afastar"

"O que me marcou foi um dia que uma colega minha, bem mais velha, hoje ela nem faz programa mais, ela me disse que ser prostituta afasta as pessoas da gente e faz a gente

também se afastar. Não fica nessa vida muito tempo, senão você vai acabar como eu: sozinha! Quando ela me disse eu pensei: Claro que não, eu vou continuar levando a minha vida normalmente... E agora eu vejo que é assim mesmo, tipo assim, as amigas que eu tinha em Cerquilhos eu quase não vejo e acho que por não poder ser sincera e verdadeira com elas e contar o que eu faço eu preferi me afastar sabe. E o mesmo acontece com namorado. Eu já tentei namorar um cara depois que eu faço programa, mas não dá. Me senti mal. E eu também evito de fazer amizades, porque as pessoas começam a participar de sua vida e é complicado esconder de todo mundo. Eu trabalho muito e vejo que isso me impede de ter uma vida social normal. Tipo final de semana eu tô trabalhando não tem jeito de sair a noite. As vezes bate uma solidão, tipo assim, no domingo a tarde, que quase não aparece programa... Mas eu escolhi isso, né, e por enquanto ainda não dá pra sair dessa. Espero não ser tarde depois".

Mel relata um conselho que recebeu de uma colega mais experiente no ramo da prostituição. No trecho em que se apresenta tal conselho emergem sentidos subjetivos que levam a considerar que a solidão é algo comum na vida das prostitutas. A colega de Mel é uma ex-prostituta, por isso ela diz "Não fica nessa vida muito tempo, senão você vai acabar como eu: sozinha!". A fala indica que a vivência dela como prostituta afastou as pessoas e levou a uma vida solitária.

Observa-se no decorrer do relato que Mel percebe que os dizeres da colega eram verdadeiros, pois, após quatro anos na prostituição ela já se sente sozinha. Ao relatar "as amigas que eu tinha em Cerquilhos eu quase não vejo e acho que por não poder ser sincera e verdadeira com elas e contar o que eu faço eu preferi me afastar", Mel explicita um sentido subjetivo que indica que o fato de ser prostituta é o motivo pelo qual ela decidiu se afastar de alguns dos amigos, pois não se sente sincera ao omitir seu verdadeiro trabalho. No restante do relato, aparecem outros elementos que apontam também para o sentimento de

solidão que ela sente por não ter namorado nem amigos para compartilhar seus momentos.

Ao final de seu relato, observa-se que Mel compreende que a solidão é fruto da escolha que fez em se tornar prostituta. Observa-se que ela pretende, no futuro, deixar essa atividade, para então retomar seus relacionamentos amorosos e suas amizades. No entanto, percebe-se que ela teme que quando esse momento chegar, assim, como a colega, ela já tenha afastado as pessoas o suficiente para permanecer sozinha.

4.3.7 Alguns sentidos subjetivos apreendidos por meio dos relatos

O relato sobre os fatos que marcaram a trajetória das participantes indicaram alguns sentidos subjetivos que puderam ser apreendidos em relação ao trabalho que essas profissionais realizam. Conforme se observou, tais relatos convergiram em alguns aspectos, já em outros abordaram temáticas diferenciadas, tendo em vista a história vivida por cada participante e a percepção que fazem de sua própria realidade.

Os fatos relatados indicaram sentidos relacionados a aspectos negativos do trabalho na prostituição: violência, aborto induzido, abandono, desconfiança, preconceito, discriminação, humilhação, medo, insegurança e solidão. Em seus relatos, as participantes conseguiram apontar importantes temáticas que merecem ser discutidas no âmbito da prostituição.

No que se refere à violência, observa-se que ela esteve presente em diversos trechos dos relatos. Em alguns momentos foi sofrida pelas próprias participantes, em outros, por colega de trabalho e os atos violentos partiram sempre de clientes. A violência contra prostitutas tem sido mostrada na mídia e relatada em estudos que abordam sua relação com a prostituição. Por estarem disponíveis a momentos de intimidade com seus clientes, as prostitutas tornam-

se alvos fáceis para homens violentos. O mais agravante, nesse sentido, é a banalização desses crimes pela sociedade, pois ainda que se fale tanto em violência contra a mulher, no caso das prostitutas, atribui-se ao trabalho que realizam a justificativa para a ocorrência de atos violentos.

O aborto induzido foi outro tema que surgiu no relato de uma das participantes. Observa-se que essa é uma prática comum na prostituição, considerando-se que algumas profissionais acabam engravidando contra sua vontade. Por se encontrarem-se em idade fértil, com vida sexual ativa e nem sempre usando métodos contraceptivos adequados, a gravidez indesejada representa uma possibilidade, porém relacionada ao trabalho, e não à vida pessoal. O estudo de Madeiro e Rufino (2012) apresenta dados que indicam que a interrupção da gravidez entre prostitutas apresenta prevalência mais elevada que a população geral em diversos países. Ainda que ilegal, reconhece-se que o aborto é uma prática bastante comum no Brasil. O problema maior em torno dessa questão é o risco de morte que se impõe às prostitutas ao realizarem o procedimento abortivo na clandestinidade, como foi o caso da participante que relatou o fato.

Outros sentidos subjetivos apreendidos relacionaram-se às muitas formas de preconceito, discriminação e humilhação a que estão sujeitas as prostitutas no exercício de seu trabalho. Trata-se do caráter imoral atribuído à prostituição pela sociedade no decorrer do tempo, o que torna seus profissionais indivíduos desmerecedores de qualquer respeito. É devido a essa concepção da prostituição pela sociedade que estigmas são atribuídos às prostitutas, como a desconfiança vivenciada por uma das participantes, que culminou no término de seu relacionamento conjugal. Ainda que "sair da vida" seja algo por algumas delas desejado, essa atitude não modifica a percepção que as pessoas têm a respeito delas.

Nos relatos, evidenciou-se também que o trabalho na prostituição não oferece segurança para as profissionais. Em tempos em que as empresas ressaltam com tanta veemência a importância da segurança no trabalho chega a ser desumana a condição a que estão expostas essas mulheres. A prostituição evoluiu como mercado no atual cenário capitalista, no entanto, continua estagnada no que diz respeito aos direitos de seus trabalhadores como seres humanos.

Esse primeiro momento empírico realizado trouxe à tona sentidos subjetivos do trabalho na prostituição que reforçam o fato de se tratar de uma atividade marginalizada na sociedade que enfrenta dificuldades e carências para se legitimar. No próximo capítulo, segue-se o segundo momento empírico que traz um pouco da trajetória das participantes buscando desvendar quais foram os caminhos que as levaram para a prostituição.

4.4 Mulher da vida nada fácil: repensando a trajetória das prostitutas

O segundo momento empírico compreendeu uma conversa com as participantes, em que foi solicitado que as mesmas contassem um pouco de sua história até a entrada para a prostituição, focando em especial os pais, a infância, a adolescência, os relacionamentos amorosos, o casamento e os filhos. Deveriam relatar também a forma como conheceram a prostituição, o momento em que decidiram ser prostitutas, o que mais influenciou essa decisão e como estavam suas vidas atualmente, após a entrada para a boate.

No que se refere aos pais, observa-se que Jéssica, Camila e Mel tiveram pais presentes em suas vidas, com quem têm ou tiveram um bom relacionamento. Apesar da pobreza que ambas relatam, os pais se esforçaram para dar o básico de que elas necessitavam.

Jéssica: “A gente era pobre demais. Meu pai trabalhava fazendo uns bico e ganhava pouco. Minha mãe teve sete filhos e ficava por conta de cuidar da gente. Meu pai morreu de problema de rins. Precisava fazer tratamento mas não tinha como. Não tinha dinheiro pra nada. Eu lembro que quando ele adoeceu, mais pro final, a gente passava até falta das coisa. Tinha dia que minha mãe não tinha nada pra fazer. Lembro de um mingau de fubá ralo que ela fazia e a gente podia comer só um pouco pra dar para todo mundo. Aí meu pai morreu. Meus irmão mais velho começou a trabalhar e minha mãe conseguia umas ajuda na prefeitura e fazia umas faxina. Aí quando eu tava com dezessete anos eu engravidei e fui morar com meu namorado. Mas perdi o bebê, eu tive gravidez na trompa e perdi também uma das trompas. Nunca mais consegui engravidar. Eu tentei muitas vezes, mas não deu. Aí eu separei do meu marido e fui morar com a minha mãe de novo. Aí logo ela ficou doente e ficou muito mal. Também não fazia exame nem nada quando descobriu já tava ruim. Eu fiquei com ela, cuidando dela, igual ela sempre cuidou de mim. Ela ficou magrinha, sentia dor demais, mas eu fiquei com ela. É isso”.

Nesse trecho aparecem elementos que demonstram que os pais de Jéssica eram cuidadosos e se preocupavam com a família. Observa-se que o pai trabalhava para mantê-los e a mãe cuidava exclusivamente do lar e dos filhos. Porém, o pai adoeceu e veio a falecer, o que tornou a situação ainda mais difícil. Nesse momento, a mãe e os irmãos de Jéssica saíram em busca de trabalho para prover meios de sustentar a família. Ao relatar que se lembra de “um mingau de fubá ralo que ela (a mãe) fazia e a gente podia comer só um pouco pra dar pra todo mundo”, Jéssica demonstra o cuidado de sua mãe para com os filhos e a situação de miséria em que viviam. No decorrer do relato, observa-se que sua mãe também ficou doente e faleceu. Jéssica menciona: "eu fiquei com ela, cuidando dela, igual ela sempre cuidou de mim". Ao mencionar os cuidados que teve com sua mãe até a morte, emergem sentidos subjetivos que demonstram o reconhecimento pelos cuidados recebidos da mãe durante sua vida.

Camila: “Eu sempre dei muito certo com a minha mãe e com meu pai. Meu pai morreu eu tinha treze anos, mas ele era um pai carinhoso, trabalhador e mesmo com as dificuldades, ele nunca deixou faltar nada pra gente. Minha mãe é uma guerreira. Criou eu e minhas irmãs trabalhando fora de casa. Ela era panhadeira de café numa fazenda. Eu lembro que bem pequena eu já tinha que cuidar das minhas irmãs. Mas a gente era muito pobre. Minha mãe não recebia quase nada pelo trabalho na panha. Ela nunca comprava roupa pra ela, só usava o que as pessoas davam. Depois que meu pai morreu ficou pior. Mas ela conseguiu. É por isso que hoje eu dou tudo pra ela, ralo pra isso também. Coloquei na auto-escola, comprei um carro financiado, pus na mão dela e não deixo faltar nada. Ela merece tudo do melhor. Fico aqui e ela cuida dos meus filhos melhor que eu, tenho certeza”.

A fala de Camila demonstra o bom relacionamento que ela tem com a mãe e teve com o pai, que faleceu quando ela era adolescente. Alguns elementos confirmam a relação existente entre pai e filha. Camila afirma que "ele era um pai carinhoso, trabalhador e mesmo com as dificuldades, ele nunca deixou faltar nada pra gente", aparecem sentidos que revelam algumas qualidades do pai e sua preocupação com o sustento da família.

Em relação à figura de sua mãe, observa-se que se trata de uma mãe zelosa, trabalhadora, que sempre colocou as filhas como prioridade em sua vida. Ao relatar que considera sua mãe uma guerreira, aparece um indicador de sentido subjetivo que demonstra a admiração que ela tem por sua mãe e o reconhecimento de todas as dificuldades que essa já enfrentou pela família.

Em determinado momento do relato, Camila conta que "ela nunca comprava roupa pra ela, só usava o que as pessoas davam". Em sua fala emergem sentidos que mostram a abdicação de sua mãe em favor das filhas. Logo em seguida, ela afirma "É por isso que hoje eu dou tudo pra ela, ralo pra isso também", "Ela merece tudo do melhor". Nesse trecho, surge um sentido que leva à compreensão de que Camila parece querer retribuir sua mãe pela

dedicação e cuidados que teve com ela no decorrer da vida. Na prostituição ela encontra a possibilidade de tornar isso real, conforme explicitará nos capítulos seguintes.

Mel: "Minha mãe trabalha com vendas. Ela vende cosméticos, peças íntimas, perfumes... Meu pai é aposentado, mas era funcionário público. Eles são bons pais, são muito religiosos, preocupados com a educação minha e dos meus irmãos. Eu dou mais certo com meu pai. Minha mãe é muito intrometida na vida da gente. Acho que foi por isso que eu quis ir pra Ribeirão, pra ficar livre dela. Meu pai é na dele, mas é carinhoso, conversa com a gente, trabalhou muito e deu uma vida boa pra gente. Ele confia muito em mim e diz pra todo mundo que eu vou virar doutora. Nem em sonho passa na cabeça dele o que eu faço. Nem pode passar. Ele é muito tradicional, preconceituoso... Minha mãe então nem se fala. Mas é isso, os coroas são bacanas".

O relato de Mel demonstra que ela foi criada em uma família estruturada, cujos pais são pessoas centradas e preocupadas com sua educação. Em sua fala surgem elementos que levam a considerar que Mel tem problemas de relacionamento com a mãe. Esse sentido aparece no momento em que ela afirma que "minha mãe é muito intrometida na vida da gente. Acho que foi por isso que eu quis ir pra Ribeirão, pra ficar livre dela". Esse trecho demonstra uma necessidade de urgência em se livrar das intromissões da mãe. No que se refere ao pai, observam-se elementos que demonstram haver um bom relacionamento entre eles. Mel esclarece que os pais não sabem que ela trabalha como prostituta. Ao dizer que "ele (o pai) confia muito em mim... Nem em sonho passa na cabeça dele o que eu faço. Nem pode passar. Ele é muito tradicional, preconceituoso", nota-se que o fato de o pai tomar consciência de sua condição de prostituta preocupa Mel, pois ela sabe que, caso isso aconteça, ela perderá a confiança dele. Diante dessa situação, observa-se um sentido subjetivo que remete ao medo que o trabalho na prostituição proporciona diante da revelação da

condição de prostituta e a consequência que tal revelação trará no relacionamento entre pais e filhas.

Jéssica, Camila e Mel foram criadas com seus pais que cuidaram delas e estiveram presentes proporcionando as necessidades básicas para sua sobrevivência. Com as demais participantes a história foi diferente: Rebeca não conheceu o pai e Natasha e Kelly foram abandonadas pela mãe, conforme se constata nos relatos abaixo:

Rebeca: “Meu pai eu não conheci ele não, mas minha mãe eu convivi com ela desde que eu nasci até 3 anos atrás, porque ela morreu tem pouco tempo. Ela era muito brava, batia muito em mim. Só pensava em trabalhar. Não me lembro de um beijo que a minha mãe me deu”.

Natasha: Ah, os meus pais, são separados. E eu não fui criada com minha mãe, fui criada por outras mãos. Entendeu? E a gente foi criado separado da mãe, e a gente toda vida foi sofrida, minhas irmãs tudo... a gente sempre foi correria... na casa de um e outro.

Kelly: “Eu nunca tive mãe, fui criada com a minha vó. Meu pai nem ligava pra mim, nem pro meu irmão. Ela me abandonou mesmo, me deu pra minha vó criar. Eu era pequenininha. Sumiu no mundo e não me levou. Ela era prostituta também, por isso foi embora da cidade e me deixou com a minha vó. Meu pai era drogado, alcoólatra. Nunca se importou comigo também. Foi até morrer há cinco anos atrás. Graças a Deus! Ele até me estuprou quando eu tinha 12 anos. Foi a tristeza da minha vó”.

Na fala de Rebeca, emerge um indicador de sentido que leva à compreensão de que sua mãe era violenta, ausente e não demonstrou carinho nem afeição por ela. Ao exemplificar a ausência desses sentimentos por parte da mãe, ela relata “não me lembro de um beijo que a minha mãe me deu”. Pode-se aprender nesse trecho um sentido de falta, como se Rebeca não tivesse lembranças as quais remetesse a alguma demonstração de sentimento de sua mãe

por ela. Já seu pai, conforme relata é alguém que ela nem ao menos conheceu, uma vez que seus pais não eram casados, sendo sua mãe, solteira.

Os pais de Natasha eram separados e abandonaram os filhos com outras famílias. Ela relata que não tinha um lar definido e ficava transitando entre uma e outra família. Em seu relato emergem sentidos que demonstram sofrimento pelo abandono e descaso dos pais e pelo fato de nunca ter encontrado uma família que a assumisse como filha legítima.

Kelly foi abandonada ainda pequena pela mãe, que a deixou com o pai e a avó paterna. Em seu relato encontram-se elementos que apontam para duas direções: o primeiro refere-se ao sofrimento provocado pelo abandono da mãe e o segundo diz respeito à mágoa que carrega pelo pai devido ao seu comportamento inadequado que culminou no estupro de sua própria filha. Kelly revela em sua fala que sua mãe também era prostituta e a deixou com a avó para ir trabalhar em outras cidades, como segue: "ela era prostituta também, por isso foi embora da cidade e me deixou com a minha vó". Ainda que a fala de Kelly evidencie um sentido subjetivo que demonstra desaprovação pela atitude da mãe, seus próximos relatos vão mostrar que ela seguiu os mesmos passos de sua mãe.

Nos relatos que abordaram as figuras do pai e da mãe das participantes, observa-se que algumas enfrentaram situações difíceis desde a infância, considerando-se a ausência dos pais e a realidade pobre e miserável na qual viveram. Para outras, apesar de a família também passar por dificuldades para se manter, as participantes relataram existir laços fortes de sentimentos entre elas e seus pais. A seguir, têm-se relatos específicos sobre a infância de cada uma delas.

Natasha: Não foi agradável, eu não gosto nem de recordar eu fui muito humilhada na casa dos outros, escutei muito

desaforo, apanhei, era mal cuidada, nunca tive brinquedo meu. Eu brincava era com brinquedo dos outros.

Rebeca: minha infância foi na roça né, porque lá no norte de Minas era uma cidade pequena, tipo Córrego fundo assim, mais eu morava um pouquinho distante da cidade, é não teve muita coisa ruim não, a gente era pobre mas eu nem percebia direito. Até os quatro anos foi no norte, depois dos quatro anos foi em Contagem, lá em Belo Horizonte, cresci normal, tive uma infância até boazinha até uns treze anos por aí foi bom.

Jéssica: Uma pobreza danada. Aquele monte de irmão. A gente morava numa casa pequenininha, dormia tudo amontoado. Eu tinha uns brinquedo velho. Lembro que meu cabelo não tinha nem jeito (risos). Preto, você já viu né, cabelo ruim demais. Minha mãe não penteava meu cabelo. Mas eu ficava no meio daquilo, lembro que eu sempre via meu pai e minha mãe preocupado. A cara deles... (choro) Era desse jeito.

Kelly: Foi sofrida demais, muita tristeza por causa da minha mãe, do meu pai... Eu lembro que eu chorava muito. Mas minha vó tinha grana, eu tinha as coisas, roupas, brinquedo, eu tinha. Minha vó era boa, estudei, tinha as coisas da escola, os materiais... Era assim.

Camila: Foi boa, mas comecei muito cedo a ter responsabilidade com minhas irmãs. Então eu tinha que cuidar delas e da casa. Não tinha dinheiro, não tinha brinquedo. Só uns que a gente ganhava. Mas minha mãe e meu pai eram carinhosos com a gente e a gente brincava muito. Foi bom.

Mel: Minha infância foi boa, foi alegre... Eu brincava na rua, jogava bola, brincava de casinha. Minha mãe gostava que a gente estivesse arrumadinha quando meu pai chegasse do trabalho e então ela colocava um vestido em mim e na minha irmã, penteava o cabelo com duas maria-chiquinha... eu lembro que a hora do meu pai chegar do trabalho era muito esperada por nós. Ele chegava e a gente sentava no colo dele e ele falava como a gente era linda. Tenho uma saudade dessa época!

O relato de Natasha é permeado por elementos que apontam para o sofrimento vivenciado por ela na infância. Ela exemplifica algumas situações que indicam os motivos pelos quais ela sofreu "eu fui muito humilhada na casa dos outros, escutei muito desaforo, apanhei, era mal cuidada". Natasha afirma que foi "na casa dos outros" que tudo de ruim aconteceu. Dessa forma, ela trás à tona novamente o abandono de seus pais, que é algo marcante em sua trajetória.

Nas falas de Rebeca, Camila e Mel, elas afirmam que tiveram uma infância boa. No entanto, trata-se de contextos diferenciados, ou seja, Rebeca e Camila passaram a infância no Norte de Minas Gerais, região pobre do Estado. Dessa forma, observa-se em seus relatos, elementos que apontam para situações de dificuldade decorrentes da pobreza. Camila menciona que "não tinha dinheiro, não tinha brinquedo". Apesar desses dissabores, ambas consideram a infância um período bom em suas trajetórias. Já Mel, viveu sua infância no interior de São Paulo, em uma família de classe média baixa. Em seu relato surgem elementos que demonstram os cuidados que a mãe tinha por ela e reforçam os laços fortes que ela tem com o pai desde a infância.

Jéssica revela de maneira descontraída a situação de miséria, desconforto e pobreza a qual presenciou em sua infância. Em seu relato aparecem alguns elementos que descrevem sua realidade: "aquele monte de irmão... A gente morava numa casa pequenininha, dormia tudo amontoado. Eu tinha uns brinquedo velho". Em outro trecho ela afirma que percebia no rosto dos pais a preocupação deles com a família, reafirmando a percepção de que se tratava de uma situação de extrema dificuldade.

Kelly, mais uma vez, ressalta o quanto o abandono de sua mãe afetou sua trajetória. Em seu relato, surgem elementos que levam a considerar que sua infância difere das demais participantes, uma vez que não foi pobre e com privações. No entanto, Kelly demonstra ter sido uma criança triste e solitária, em decorrência do abandono de sua mãe, ainda que a avó fosse boa com ela.

A adolescência das participantes foi marcada por momentos de turbulência e traumas que afetaram a trajetória das mesmas. Natasha e Kelly foram estupradas, Rebeca tornou-se usuária de drogas, Jéssica iniciou muito jovem sua vida sexual, Camila se deu conta de sua vida miserável e Mel entrou em confronto permanente com sua mãe.

Natasha: Minha adolescência foi um período muito difícil pra mim. eu fui morar na fazenda com a minha avó, mãe do meu pai. Quando ela soube que eu existia, ela mandou me buscar onde eu tava e me levou pra morar com ela na fazenda. Só que lá trabalhava muito homem e eu era bonitinha até quando eu era nova. Um dia eu tava andando pela fazenda e um deles, bem mais velho, me agarrou e me estuprou. Depois ele me estuprou mais quatro vezes. Eu não tive coragem de contar pra minha vó. Pensei que se eu contasse ela poderia me mandar embora.

Kelly: Foi muito difícil pra mim. Meu pai me molestava demais, foi até que um dia ele me estuprou. Ele começou a invocar comigo quando eu entrei na adolescência, sabe. Ele ficava tentando me passar a mão, me mostrava o pênis dele. Eu sempre contava pra minha vó, porque eu sabia que aquilo não era certo e que ele não valia nada. Ela ficava triste. Chorava muito. Falava pra ele parar que ia chamar a polícia. Mas ela não ia chamar a polícia pro filho dela né? Até que um dia eu tava sozinha em casa, ele chegou do bar e já tinha bebido umas. Aí ele me segurou dentro banheiro e me estuprou (choro). Desculpa.

Os relatos de Natasha e Kelly revelam momentos trágicos na vida delas, em que foram abusadas sexualmente. Outro ponto que as duas participantes têm em comum é o fato de terem sido abandonadas pela mãe. Em decorrência disso, Natasha foi, já na adolescência, morar com a avó paterna em uma fazenda, que é o local onde aconteceram os estupros. De acordo com ela, o agressor trabalhava na fazenda. Kelly também foi abusada na casa em que morava com a avó paterna, no entanto, seu agressor foi o próprio pai. Em um trecho de sua fala, Natasha menciona: "eu não tive coragem de contar pra minha vó. Pensei que se

eu contasse ela poderia me mandar ir embora". Em sua fala aparecem elementos que demonstram que o silêncio decorreu do temor que ela tinha de ser novamente abandonada. Em contrapartida, Kelly não se calou e revelou os abusos para a avó. No entanto, sua avó nada fez. Como Kelly mesma diz, "mas ela não ia chamar a polícia pro filho dela né?". Nesse trecho, aparecem elementos que apontam para um sentido de decepção em relação à avó, uma vez que ela não tomou nenhuma atitude sobre o que estava acontecendo, até que os abusos evoluíram para o estupro que Kelly sofreu do pai aos doze anos.

Rebeca: Ah, depois dos treze eu comecei a fumar, maconha, (risos) comecei a fumar cigarro. Namorar eu ainda não namorava não, porque se eu namorasse minha mãe me batia, mais, eu gostava assim de ir para escola, estudar, até os 17, não até os 16 por aí.

Jéssica: A adolescência foi difícil também. No lugar que a gente morava tinha muita companhia ruim. Tinha droga. Mas eu não usava não. Mas transei muito nova. Treze anos. Por influência de colega. Acho que até demorei a engravidar. Eu era desenvolvida, tinha uns peitão, chamava a atenção dos meninos e era uma loucura, cada dia eu dava pra um.

Os relatos de Rebeca e Jéssica revelam que ambas tiveram, na adolescência, o primeiro contato com entorpecentes. Rebeca tornou-se usuária de maconha aos treze anos. Já Jéssica, embora tenha tido contato com droga afirma não ter usado. No entanto, ela menciona que iniciou sua vida sexual ainda na adolescência. A forma como aborda essa questão, apresenta elementos que levam a considerar que se tratava de uma vida sexual ativa desregrada, ou seja, com vários parceiros.

Camila: Foi quando eu comecei a ver que na vida a gente pode ter muito mais que aquele pouquinho que eu tinha. Quando a gente fica mocinha né, fica mais vaidosa, gosta de

comprar cremes, shampoos, perfumes, roupas e tal. Eu era bonita na adolescência, mas muito mal cuidada. Minha mãe não ligava pra essas coisas. Aí eu comecei a pensar que pra mudar eu tinha que arrumar um emprego que eu ganhasse mais do que eu ganhava fazendo faxina, pajeando...

Mel: Minha adolescência foi o período mais crítico que eu tive. Ô fase difícil, viu! Se eu e minha mãe já não éramos muito ligadas, nessa época nós nos distanciamos por completo. Era só discussão por causa de tudo e nada. E meu pai ficava do meu lado e ela queria morrer. Minha mãe é muito controladora e eu não tolero isso. Ela queria mandar na minha vida, com quem andar, onde ir, como se comportar... Enfim, nada que eu fazia agradava ela. Era só crítica, cobrança.

Camila relata que a adolescência representou o momento em que ela percebeu que sua condição pobre lhe privava de uma série de coisas das quais sentia necessidade. De acordo com ela nessa fase surgiram desejos de adquirir bens (cosméticos, roupas, objetos de higiene pessoal) aos quais ela não tinha acesso. Diante disso, Camila constatou que para melhorar sua condição era preciso que ela arrumasse outro emprego que lhe proporcionasse uma renda superior. Como se verificou adiante, na prostituição Camila conseguiu suprir essas necessidades que surgiram na adolescência. Já Mel, revela que sua adolescência foi marcada por constantes desentendimentos entre ela e a mãe. Por isso essa fase representou a ruptura definitiva entre elas.

No que se refere aos relacionamentos amorosos observa-se que Natasha e Rebeca tentaram por algumas vezes se relacionar matrimonialmente com alguém, mas que essas tentativas não deram certo. Natasha revela que esses relacionamentos nunca estiveram acompanhados por sentimento de amor. No seguinte trecho, "eu tinha uns relacionamentos para sair da vida que eu levava", aparecem elementos que apontam para o motivo que levava Natasha a se relacionar com alguém, ou seja, ela buscava apenas uma forma de sair da prostituição. No entanto, conforme se observa, nas vezes em que ela deixou a

boate para manter uma relação conjugal acabou ocorrendo sofrimento e frustrações, além de violência praticada pelos parceiros. Rebeca também não foi feliz em suas tentativas de manter um casamento duradouro. Dos três relacionamentos conjugais que teve, o terceiro foi o que durou mais tempo, sete anos.

Natacha: Nunca amei ninguém, pode um negócio desse? Só amava para, só saía para, tipo assim, eu tinha uns relacionamentos para sair da vida que eu levava, entendeu?! As vezes eu cansava, as vezes alguém me oferecia uma vida e eu enfrentava aquilo sem conhecer a pessoa, sem nada e acabava quebrando a cara, apanhava muito dos maridos que eu arrumei, engravidava e acabava sabe.

Rebeca: É aí quando eu tinha, quando eu tinha 15 para 16 eu conheci o pai da minha filha de 12, só que aí nós dois brigava muito, ele..., foi muita briga né?! Aí tinha a mãe dele também, que era mais minha amiga do que ele, nossa, mais nós brigava muito, porrada mesmo. Aí depois dele eu tive o pai da minha filha de 9, aí depois dele eu fiquei no programa assim desde que eu conheci o pai da minha filha de 12, quando eu estava com 17 anos eu ainda estava com ele que eu comecei a fazer programa já. Aí eu conheci o da de 9 e depois conheci o pai dos meus outros 3. Eu morei com todos eles. Só que eu morei mais foi com o ultimo agora, foi 7 anos.

No relato de Jéssica, observa-se que ela foi casada duas vezes, sendo a primeira antes de entrar para a prostituição e a segunda, já relatada por ela como um fato marcante, compreende sua saída da boate para morar com um cliente. Em ambas as situações, Jéssica relata ter sido feliz e bem tratada. No primeiro casamento, a separação ocorreu por motivo de traição por parte do esposo. Já no segundo, trata-se da desconfiança que o cônjuge tinha diante do fato de estar casado com uma ex-prostituta.

Jéssica: Então quando eu tinha dezesseis anos mais ou menos eu comecei a namorar um carinha que trabalhava perto lá de casa. Aí eu engravidei dele e a gente foi morar junto na casa da mãe dele, porque minha mãe ficou uma fera. Aí eu perdi o neném e a gente começou a brigar, ele começou a arrumar rolo. Aí eu voltei pra casa da minha mãe. Aí fui morar com o Luís agora, que é esse que eu te mostrei. Olha, no início os dois foram bons. O meu primeiro queria muito o neném também e a gente ficava empolgado, mas depois que eu perdi, parece que a gente esfriou sabe. Aí ele arrumou outras e eu descobri, briguei, bati nela. Aí acabou. O Luis era o melhor marido do mundo, o problema é que ele não confiava em mim, né. Mas ele era bom. Arrumou a casinha tudo pra mim, me tratava bem. E ele assim, com ele eu já tinha ido pra boate né. Então ele podia ser diferente.

Kelly foi feliz no relacionamento com seu esposo, que era também o único namorado que ela havia tido até então e por quem demonstra ainda ser apaixonada. Após a primeira separação, observa-se que os problemas começaram e evoluíram, inclusive, para violência física contra ela, conforme aparece em seu relato abaixo.

Kelly: Olha, eu casei muito nova. Com quinze anos. Casei com meu marido mesmo assim que engravidei do primeiro filho. Fui muito feliz com ele. Assim, teve sofrimento também, a gente se separou três vezes. Mas era bom. Eu gostava muito dele. Eu não tive outro namorado, só ele. Mas depois eu sofri demais. Ainda tô sofrendo né. Porque eu gosto dele. Depois teve briga, eu apanhei. Tá vendo esse dente aqui? Foi ele que arrancou. E fora as coisas que eu escutei dele.

Camila nunca se casou, embora tenha dois filhos de um relacionamento que manteve por longo tempo. Em seu relato, surge um elemento que direciona para a dificuldade de uma prostituta manter um relacionamento amoroso. Camila afirma que "nessa vida é complicado você ter um relacionamento. É porque homem nenhum aceita isso, né". Observa-se em sua fala a percepção de que, a

atividade da prostituição em si, carrega realidades difíceis de serem aceitas, principalmente no universo masculino. Mel teve um relacionamento amoroso na adolescência, mas também não se casou e conforme já relatado, evita se relacionar com outros homens que não sejam seus clientes. No trecho seguinte "trabalho é trabalho, relacionamento tem que ser com quem a gente gosta", Mel revela um sentido que se relaciona com a distinção que ela faz entre sua vida pessoal e sua vida na prostituição, indicando que a dimensão sentimental pertence exclusivamente à esfera pessoal.

Camila: Eu nunca casei com ninguém. Meus filhos são de um caso de longa data que eu tive com um cara casado. Mas a gente nunca pôde ficar junto. Namorei algumas vezes, mas nessa vida é complicado você ter um relacionamento. É porque homem nenhum aceita isso, né.

Mel: Eu namorei dois anos e meio um carinha que estudava comigo em Cerquilha. Eu gostava dele demais. Minha mãe era implicada com ele. A gente namorava escondido. Coisa de adolescente, sabe. Aí a gente terminou e logo depois eu fui pra Ribeirão. Lá eu não tive relacionamentos, só rolo mesmo. Depois que eu faço programa, nunca mais tive nada sério. Dois clientes meus já quiseram montar apartamento pra mim e me manter. Eu não quis, trabalho é trabalho, relacionamento tem que ser com quem a gente gosta.

No que diz respeito aos filhos, observa-se que Kelly e Camila, ainda que não estejam presentes em sua criação, preocupam-se em mantê-los e proporcionar-lhes os cuidados dos quais necessitam. Natasha e Rebeca demonstraram não se preocupar nem tampouco nutrir sentimentos em relação aos filhos, que foram cuidados por outras pessoas ou estão com os avós paternos. Jéssica perdeu o único filho que teve antes de completar o período de gravidez e Mel não é mãe.

Natasha: Meus filhos eu só criei as duas mais novas porque aí eu tinha condição de pagar alguém pra ficar com elas de noite. Os outros eu dei pra outras pessoas criarem. Não dei pra adoção, dei pra pessoas que eu conhecia. Não tinha jeito de cuidar deles na vida que eu levava. Acho que eu fiz foi o bem pra eles.

Rebeca: Meus filhos estão cada um com uma família diferente. Três tão com a avó deles e o pai. Eu quase não vejo eles, mas eu ligo de vez enquanto.

Kelly: Eu me dou muito bem com eles. Morro de saudade deles, principalmente do pequeno que ainda é bebê (choro). Eu queria poder estar com eles, vendo eles crescer, participando. Vou uma vez por mês. Mas é muito pouco, né. Eles são muito bons, estudiosos, educadinhos. O meu segundo filho é muito diferente da gente sabe. Aí eu cismeiei com aquilo e fiz um DNA e descobrimos que ele não é nosso legítimo. Não, ele foi trocado mesmo. Eu percebia isso (choro). Mas aí eu e o pai dele resolvemos ficar calados e não mexer com nada porque senão a gente ia ter que destrocar, né. E eu não quero ficar sem ele de jeito nenhum. Então deixa como tá (choro). Eu amo ele demais!

Camila: Me dou muito bem com eles. Vou uma vez por mês, mando dinheiro toda semana pra pagar as coisas deles. Amo muito meus filhos. Eles são tudo na minha vida.

Em seu relato Natasha revela que dos cinco filhos, ela mesma criou apenas duas filhas. Os demais ela deixou com pessoas conhecidas que cuidaram das crianças. Natasha busca justificar, por meio de sua fala, o fato de tê-los abandonado. Ela relata "não tinha jeito de cuidar deles na vida que eu levava. Acho que eu fiz foi o bem pra eles". Em sua fala aparecem elementos que demonstram a percepção de que, na prostituição, não seria possível cuidar dos filhos da forma como deveria. Natasha parece acreditar que agiu de maneira correta como ao deixá-los com outras famílias.

Já Rebeca não ficou com nenhum de seus cinco filhos. Dois foram adotados por famílias e três estão na companhia dos avós paternos. Rebeca

demonstra em seu relato certo descaso em relação aos filhos. Ela afirma "eu quase não vejo eles, mas eu ligo de vez em quando".

Kelly e Camila demonstraram possuir fortes sentimentos em relação aos filhos que estavam no momento com as avós para que elas pudessem trabalhar. Kelly chorou muito ao falar sobre a saudade que sente deles e do quanto lamenta estar ausente. Durante seu relato, ela revelou que um de seus filhos foi trocado na maternidade. Após suas desconfiças e do marido ela fez o DNA e descobriu que não é a mãe biológica dele. O fato de esse segredo ser descoberto amedronta Kelly, pois ela teme que uma possível troca seja exigida e não quer que isso aconteça. Em outro relato de Kelly, será possível compreender o motivo pelo qual esse filho a preocupa tanto. Camila, por sua vez, também relatou sobre o bom relacionamento que tem com os filhos. Ela revelou que toda semana envia dinheiro para quitar suas despesas e que eles são a razão de sua existência.

Até o presente momento, foi possível conhecer um pouco sobre a trajetória das participantes da presente pesquisa. Procurou-se descrever momentos significativos, bem como apresentar a forma como elas lidam com importantes aspectos da vida, dentre eles a família. Resta-nos, no entanto, compreender como se deu a entrada das participantes para a prostituição. A seguir encontram-se relatos sobre esse momento crucial.

Natacha: Eu fui estuprada com 14 anos, virgem, moça e eu morava com minha vó. E como naquela época depois que a gente, depois que você perde a virgindade naquela época você não podia mais ficar com outras moças entendeu?! Seu valor acaba. Ai o que que acontece?! Você é obrigada a enfrentar o mundo sozinha, que ai nem os pais te apoiam. Eu estava grávida e meu pai não aceitava que era fruto de um estupro. Entendeu?! Não acreditou na minha estória eles me expulsaram de casa. Por isso eu saí com homem. No momento que eu comecei a passar fome na rua. O que mais me influenciou a entrar para a prostituição foi a falta de moradia, eu acho. Falta de apoio, entendeu?

O último estupro que Natasha sofreu na adolescência resultou em uma gravidez indesejada. Diante dessa situação seu pai e sua avó, com quem morava, não acreditaram em sua versão de que o filho era fruto de um estupro. Após a revelação, Natasha foi expulsa de casa. Na época em que tudo aconteceu, era bastante incomum moças solteiras ficarem grávidas. Em um trecho ela ressalta: "depois que você perde a virgindade, naquela época, você não podia mais ficar como outras moças. Seu valor acaba". Observa-se nesse relato, elementos que indicam que, perante a sociedade, Natasha sentiu que passou a não ter valor algum. Abandonada pela segunda vez e numa condição desvalorizada pelas pessoas, ela se viu sozinha e desabrigada. Natasha afirma "No momento que eu comecei a passar fome na rua. O que mais me influenciou a entrar para a prostituição foi a falta de moradia, eu acho. Falta de apoio". Essa fala contém elementos que levam ao sentido de abandono no qual Natasha se encontrava no momento em que decidiu ser prostituta. A entrada para a prostituição para ela foi a possibilidade de sanar necessidades básicas urgentes: fome e moradia.

Rebeca: Foi assim né, quando eu, quando eu era casada, amigada alias com esse pai da minha filha de 12 anos, a mãe dele fazia programa, ele me batia muito sabe? Não nego não. Aí ele fumava pedra (crack) eu comecei a fumar também, lógico, né?! Aí, aí começou a vir aquele negócio de querer dinheiro, né, para fumar. Ele já tinha morado com outras mulheres de programa que bancava ele, aí como a mãe dele já ia para os postos fazer programa, um dia ele mandou ela me levar, aí fui, aí foi onde eu conheci os caminhoneiros, aí eu comecei a fazer programa para sustentar o vício dele, aí depois eu larguei ele. O que mais me influenciou é porque eu conheci, conheci essa vida quando eu estava com ele, né?! Aí depois que eu já estava mesmo né, eu larguei dele e continuei fazendo pra continuar tendo como comprar as pedra.

Rebeca tornou-se prostituta influenciada por sua sogra, a mando de seu marido que exigiu que ela fizesse programa para manter seu vício. Nessa época

ela também havia se tornado usuária de *crack* e precisava de alguma renda para comprar droga. Rebeca revela "o que mais me influenciou é porque eu conheci, conheci essa vida quando eu estava com ele (marido). Aí depois que eu já estava mesmo né, eu larguei dele e continuei fazendo pra continuar tendo como comprar as pedra". Nesse trecho surgem elementos que indicam sentidos relacionados ao vício de Rebeca e à necessidade de buscar meios para mantê-lo. Sua entrada na prostituição está voltada tanto para as influências que sofreu da sogra que era prostituta e facilmente a inseriu no meio, quanto para a possibilidade de adquirir drogas com o dinheiro que ganhava.

Jéssica: Quando a minha mãe morreu eu fiquei perdida totalmente. E fiquei sem condição nenhuma, eu tinha só a minha casa, mas não tinha dinheiro pra nada. Meus irmão tinha a conta deles, não podia me ajudar. Então, uma amiga minha, vizinha da minha mãe, tava numa boate em uma cidade perto e me convidou pra ir. Aí eu tava na merda mesmo e sofrendo demais por causa de minha mãe. Aí eu fui pra lá com ela. Foi a necessidade de dinheiro que eu tava e não arrumava emprego. Eu nunca tinha trabalhado em nada. E a minha mãe morrer... eu perdi meu chão. Era ela que me ajudava, que eu podia contar. Foi por isso que eu vim parar aqui.

A perda da mãe representou um momento muito difícil na vida de Jéssica. Ela, por não trabalhar, ficou sem condição para sobreviver, uma vez que era dependente da mãe. Ela relata que uma vizinha que era prostituta a convidou para trabalhar na boate em que estava em uma cidade próxima. Sem outras opções de trabalho e precisando se sustentar, Jéssica decidiu se tornar prostituta. Ela revela "foi a necessidade de dinheiro que eu tava e não arrumava emprego. Eu nunca tinha trabalhado em nada. E a minha mãe morrer... eu perdi meu chão". Nesse relato aparecem elementos que indicam sentidos relacionados à necessidade de adquirir alguma renda e ao desequilíbrio emocional no qual Jéssica se encontrava em decorrência da morte de sua mãe.

Kelly: Foi minha mãe. Depois eu fui atrás da minha história e conheci ela. Como ela era prostituta ela me falou que podia ser bom pra mim. Que era um trabalho difícil, mas que dava pra ganhar um dinheiro. E eu tava precisando muito na época. Foi quando eu e meu marido separou pela segunda vez. Aí ela me indicou uns clientes, me arranjou uns sabe e eu comecei a atender em motel, não era em boate não. É porque foi assim: eu separei essa vez e meu marido sumiu. Eu precisava arrumar dinheiro para comprar as coisas pros meninos. Na época eu tinha três. E eu não arrumava nada em São João. Aí minha mãe falou e eu topei. Precisava de dinheiro. Depois eu e meu marido voltamos. Daí eu parei de fazer programa e ficava só cuidando dos meninos.

Kelly foi abandonada pela mãe e deixada com a avó paterna que a criou. Ao se tornar adulta ela buscou saber sobre sua história e acabou encontrando sua mãe. Observa-se por meio dos relatos que elas se tornaram bastante próximas. Conforme já revelado, a mãe de Kelly era prostituta e foi ela quem a influenciou e ajudou a se tornar prostituta também. Em um trecho do relato acima Kelly diz "como ela era prostituta ela me falou que podia ser bom pra mim". Nessa fala, surgem elementos que indicam que Kelly percebe como sendo boa a intenção de sua mãe. Em diversos momentos, nota-se que apesar do abandono que sofreu da mãe, ela tem necessidade de sua presença em sua vida, chegando a ser até ingênua em relação à mãe. O fato é que Kelly estava separada do marido, o qual havia desaparecido. Com três filhos para alimentar, sem condição financeira alguma e ainda recebendo "ajuda" de sua mãe, ela decidiu se prostituir. Kelly entrou para a prostituição por precisar arranjar algum dinheiro para manter seus filhos. O fato de não possuir experiência de trabalho colaborou para que ela não conseguisse outro trabalho. Tratou-se de uma questão financeira, tanto que após a volta do marido e retomada de seu casamento Kelly deixou a prostituição até que veio a próxima separação.

Camila: Olha eu tive pouca escolaridade. Minha mãe... quando eu comecei a ficar mocinha, quando eu menstruei pela primeira vez não tinha modes (absorvente) em casa. Minha mãe me deu um pano. Aí eu comecei a crescer e ver que eu tinha necessidade de um creme, né, um creme, um modes, tipo... uma roupa, né. E aí uma amiga me convidou pra vir pra cá e eu vim.

A entrada de Camila para a boate se deu também pela renda que a prostituição poderia lhe proporcionar. No entanto, no caso de Camila, observa-se que se trata de ambição, ou seja, do desejo de possuir muito além do que ela possuía anteriormente à prostituição. O momento em que Camila começa a pensar sua situação de pobreza e passa a observar tudo aquilo que ela não tem condição de possuir, passa ser essencial sua busca por algo melhor que lhe proporcione ter mais do que aquele pouco. No trecho "aí eu comecei a crescer e ver que eu tinha necessidade de um creme, né, um creme, um modes, tipo... uma roupa", emergem sentidos subjetivos que apontam para a necessidade de algo mais que Camila passa a ter. Tempos depois uma colega revela-lhe sobre a boate e seus benefícios, e ela decide então, se tornar prostituta.

Mel: A vida que eu tinha em Cerquilhos nunca me bastou. Eu não gosto daquela vida de interior pacata, onde todo mundo sabe de tudo. Então quando eu fiz 18 anos e formei no Ensino Médio eu fui pra Ribeirão fazer cursinho. Tinha uma prima minha que já tava lá e a gente morava junto. Eu comecei a trabalhar numa lotérica lá e fazia unha à tarde e nos finais de semana. Aí eu conheci a Adélia, a dona de uma casa de massagem, igual boate mesmo, e a gente ficou amiga. Um dia eu tava tão desanimada com o salário mínimo que eu ganhava e comentei com ela. Foi quando ela falou o quanto as moças que trabalhavam com ela tiravam por mês. Aí ela me falou que se eu quisesse eram só clientes top. Eu pensei bastante e resolvi ir experimentar. A grana foi tão boa que eu estou até hoje.

O relato de Mel mostra que ela também entrou para a prostituição em busca de melhores condições financeiras. Observa-se que ela é uma pessoa ambiciosa e que, apesar de ter uma condição de vida melhor em todos os aspectos, Mel não difere das demais participantes na busca de uma renda superior. No relato ela afirma "foi quando ela (Adélia) falou o quanto as moças que trabalhavam com ela tiravam por mês". Nesse trecho, aparece um elemento que indica que a possibilidade de obter uma renda superior à que tinha foi decisivo para que Mel optasse por se tornar prostituta.

Após compreender as circunstâncias em que se encontravam as participantes no momento em que decidiram trabalhar como prostitutas e algumas condições que interferiram nesse processo optaram-se por finalizar a primeira parte desse segundo momento empírico abordando a realidade que ora se apresentava. Procurou-se levá-las a refletir sobre sua condição atual.

Dessa forma, os relatos de Natasha e Camila são bastante positivos e apontam sentidos subjetivos relacionados às conquistas que tiveram após momentos difíceis vivenciados em suas carreiras como prostitutas. Natasha revela que se sente vitoriosa por ter conseguido melhorar sua condição, pois ela, que após ser abandonada pela mãe e posteriormente pelo pai e a avó, hoje tem uma casa para morar. Em seu relato surgem elementos que apontam para o reconhecimento da maneira errada como viveu. Ela diz "meus filhos são boa pessoa, não andaram errado igual eu". Nesse trecho, especificamente, pode-se observar que Natasha se dá conta de que não fez escolhas certas no decorrer de sua vida. Em determinado momento do relato, ela faz uma comparação entre o passado e a atualidade e conclui que, apesar das dificuldades que enfrenta na prostituição, sua vida está melhor agora.

Natasha: Hoje eu me considero uma vitoriosa. Pelo pouco que eu tenho, entendeu?! E as vezes mesmo se eu não tenho, eu agradeço pelo que eu vivo hoje, entendeu?! Porque eu

achava que eu não conseguia chegar no ponto que eu estou. Eu tenho uma casa pra morar, meus filhos são boa pessoa, não andaram errado igual eu. Então, apesar das dificuldades, eu já tive pior, nossa, muito pior.

Camila, ao repensar sobre sua condição atual, demonstra sentidos subjetivos relacionados aos motivos que a fazem continuar na prostituição. Ela considera que sua vida está boa, conforme relata "eu tô conseguindo comprar as coisas que eu quero, meus filhos estão bem, minha mãe tá tratando da saúde. Tá bom assim". Neste trecho emergem elementos que apontam para aquilo que Camila consegue por meio de seu trabalho como prostituta que é adquirir bens, cuidar dos filhos e da mãe. No início de seu relato pode-se observar que ela tem pretensão de no futuro deixar esse trabalho, porém relata que no momento ainda não é possível deixar a boate.

Camila: Olha, eu tento viver um dia de cada vez e pensar que é por pouco tempo e que eu preciso estar aqui. Minha vida tá boa, eu tô conseguindo comprar as coisas que eu quero, meus filhos estão bem, minha mãe tá tratando da saúde. Tá bom assim, né.

Em seu relato, Rebeca reflete sobre sua condição anterior, em que fazia programas nos postos de gasolina às margens da rodovia, e atual, em que se prostitui em boates. Após repensar, ela chega à conclusão de que atualmente sua situação está melhor. Ela afirma "mas aqui é melhor lugar que lá no posto né. De noite, altas horas, fumando todas as pedras...". Conforme já discutido anteriormente, a segurança na prostituição é praticamente inexistente. Dessa forma, principalmente aquelas que atuam nas ruas estão mais vulneráveis à violência. Rebeca tem essa percepção, e ao relembrar a época trás a tona a questão das drogas (*crack*) que consumia antes de ir para boates. Esse é outro

aspecto que a faz pensar que ela está melhor agora que antes, pois era usuária de drogas pesadas, como o *crack*, por exemplo, e na boate ela parou de se drogar.

Rebeca: Ah agora está mais tranquila, apesar de eu estar na boate aqui né... Mas aqui é melhor lugar que lá no posto né. De noite altas horas, fumando todas as pedras. Agora eu não fumo mais pedra (risos) porque não tem... (risos). Estou brincando, é porque eu não fumo mesmo, parei de fumar, fumo cigarro e bebo muito mesmo, fico doidona.

Jéssica e Kelly demonstraram uma visão totalmente negativa sobre suas realidades. Os relatos sugerem que ambas consideram que suas vidas naquele momento estavam muito ruins, conforme pode-se observar abaixo.

Jéssica: Tá sem sentido, sabe. Eu tô meio perdida. Acho que é porque tem pouco tempo que eu voltei, né. Agora eu quero ir pra Montes Claros, eu vou na semana que vem. Ficar lá um tempo com meus irmãos e ver se eu arrumo alguma coisa por lá pra fazer. Porque aqui não tá bom não. Fiquei fora, perdi os clientes fixos que eu tinha. É difícil, né.

Kelly: Tá uma merda. Eu sinto muita falta dos meus filhos, demais mesmo. Eu gosto do meu marido ainda. Eu sofro muito por ele. Eu queria minha vida de novo, de qualquer jeito. Ficar nessas boates, a gente sofre, fica muito sozinha, bebe demais. Minha vida tá muito sem sentido.

Jéssica havia voltado para a boate há poucos dias, uma vez que seu casamento havia terminado. Diante desse fato, observa-se que ela ainda estava readaptando aquele ambiente, que agora apresentava algumas dificuldades, entre elas reconquistar os antigos clientes fixos que possuía, conforme evidencia sua fala: "fiquei fora, perdi os clientes fixos que eu tinha. É difícil, né". Jéssica demonstrou também a intenção de se afastar por um tempo da prostituição. Ela pretende voltar para perto dos irmãos em Montes Claros e procurar outro tipo de trabalho.

Os motivos que levam Kelly a considerar que sua vida naquele momento estava péssima é o fato de estar distante dos filhos e separada do marido, por quem ainda nutre forte sentimento. Em determinado trecho de seu relato ela afirma "eu queria minha vida de novo, de qualquer jeito". Nesse trecho, aparecem elementos que apontam para o desejo que Kelly tem de que seu passado volte, ou seja, que ela possa estar junto à sua família e não em boates se prostituindo.

Mel parece ter naquele momento o estilo de vida que sempre desejou, recebendo o suficiente na prostituição para manter suas necessidades. Seu relato é marcado pelos bens que ela já adquiriu após ter se tornado prostituta, demonstrando a importância financeira que seu trabalho tem em sua vida. Ela revela "às vezes eu me assusto com o quanto eu consigo ganhar com isso (prostituição)". Nessa fala Mel aponta elementos que demonstram que de fato, ela é bem paga pelo que faz. Ao mencionar que se assusta, pode-se inferir que a prostituição superou suas expectativas financeiras. No entanto, Mel afirma que lhe falta algo, que se sente sozinha e amedrontada pelo fato de a família descobrir a profissional que ela se tornou. Ela conclui "é tipo assim, o que me faz feliz por um lado, me entristece por outro", ou seja, ao mesmo tempo em que se sente feliz por possuir aquilo que deseja, ela se sente também triste por estar sozinha e precisar esconder permanentemente de sua família que é prostituta.

Mel: Minha vida... Olha, eu estudo na faculdade mais cara de Ribeirão e consigo pagar, eu comprei um apartamento, financiado, mas é meu. Comprei um carro, mobiliei meu apartamento todinho, coloquei silicone, fiz aplique, fiz lipoaspiração e tudo em São Paulo com os melhores médicos. Às vezes eu me assusto com o quanto eu consigo ganhar com isso. Mas falta algo sabe, me sinto sozinha. Vivo com medo da minha família descobrir. Porque uma hora a casa cai, né. É tipo assim, o que me faz feliz por um lado, me entristece por outro.

Após apresentar brevemente a trajetória de vida das participantes observa-se que se trata de mulheres que enfrentaram desde cedo dificuldades, que acabaram influenciando as escolhas futuras que fizeram. As prostitutas são popularmente conhecidas por "mulher da vida fácil". Esse segundo momento empírico realizado demonstrou inicialmente que não se trata de uma vida fácil. Ao contrário, os relatos das participantes indicam que suas trajetórias, algumas mais do que outras, são marcadas por momentos difíceis explícitos através de sentidos subjetivos que se relacionam a: abandono, solidão, saudade, decepções, necessidades, privações, medo, dentre outros.

Dando continuidade ao segundo momento empírico, no próximo capítulo serão abordadas questões referentes ao trabalho na prostituição e os sentidos subjetivos que podem ser apreendidos por meio dos relatos das participantes em relação ao seu cotidiano como profissional nesse mercado.

4.5 O trabalho na prostituição: apreendendo alguns sentidos subjetivos

Este capítulo é uma continuidade do segundo momento empírico, em que se realizou uma conversa com as participantes buscando compreender alguns pontos centrais, nos quais se acreditou ser possível apreender sentidos subjetivos sobre o trabalho na prostituição. Após a transcrição e estruturação dos dados apresentaram-se algumas categorias que evidenciaram sentidos em relação ao trabalho na prostituição. São elas: peculiaridades sobre a atividade, aspectos positivos e negativos do trabalho, preconceitos vivenciados, prazer e sofrimento, percepção sobre a legalização da prostituição e expectativas quanto ao futuro.

Na Tabela 1, que se segue, têm-se algumas características do trabalho das participantes como prostitutas. No que se refere ao tempo de atuação nessa atividade, observa-se que Natasha é a mais experiente, estando há 19 anos na

prostituição e Kelly é a que está há menos tempo, 9 meses apenas. As demais, Rebeca, Jéssica, Camila e Mel, estão, respectivamente, há 12, 6, 10 e 6 anos atuando como prostitutas.

Tabela 1 Peculiaridades do trabalho na prostituição

	Natasha	Rebeca	Jéssica	Kelly	Camila	Mel
Tempo de atuação	19 anos	12 anos	6 anos	9 meses	10 anos	6 anos
Horário de trabalho	24 horas	20h às 5 h	20h às 5 h	24 horas	21h às 6h	24 horas
Principal local onde trabalha	Boate	Boate	Boate	Boate	Boate e hotel	Boate e Internet
Preço do programa	R\$ 80,00	R\$ 60,00	R\$ 60,00	R\$ 80,00	R\$ 100,00	R\$ 150,00
Número de programas/dia	4-5	6-9	3-4	6-9	5-8	4-6
Preço da diária/aluguel	R\$ 30,00	R\$ 10,00	R\$ 10,00	R\$ 30,00	R\$ 50,00	R\$ 50,00

Em relação ao horário em que as participantes trabalham, observou-se que existe certa diferenciação nesse aspecto. Algumas participantes atendem 24 horas por dia, ou seja, estão disponíveis em qualquer horário para os clientes na boate. Trata-se de Natasha, Kelly e Mel. Já as demais participantes atendem em horários específicos, que geralmente coincidem com o horário em que a boate está aberta. Nesse grupo estão: Rebeca, Jéssica e Camila.

A prostituição é um mercado que possui categorias diferenciadas em que se enquadram suas profissionais e os locais onde geralmente ocorre são também diferenciados. O presente estudo optou por investigar profissionais atuantes em boates. No entanto, observa-se na tabela 1 que duas das participantes, além de trabalharem em boates, atendem também em hotéis, que é o caso de Camila e pela *Internet*, que é o caso de Mel.

Nas boates visitadas nas cidades de Arcos, Córrego Fundo e Formiga a dinâmica de funcionamento ocorre da seguinte forma: o cliente chega ao local,

consome uma bebida antes de se encaminhar para o quarto com a profissional, passa no caixa adquire a chave do quarto, paga pela bebida e pela chave e está liberado então para o programa que negociará com a profissional, a quem pagará o valor cobrado. Na boate de Lagoa da Prata, o cliente vai ao local negocia a saída com a responsável, paga pela saída com a profissional e se encaminha para o local onde o serviço será prestado. Naquela boate o programa não é feito na própria dependência, ou seja, o cliente e a profissional se encaminham geralmente para motéis, hotéis, residência ou até mesmo no automóvel.

O preço cobrado pelo programa varia entre R\$60,00 e R\$150,00 entre as participantes. Mel é a que cobra o valor mais alto, sendo este de R\$150,00. Camila cobra por seus serviços um valor de R\$100,00; Natasha e Kelly cobram R\$80,00; e Rebeca e Jéssica, cobram R\$60,00. Notou-se, mediante a observação, que esses valores dependem da aparência física da profissional e da boate em que trabalha. Por exemplo, Mel e Camila são as participantes mais bonitas e também possuem os valores mais altos para seus programas; as boates da cidade de Córrego Fundo são as menos glamorosas e são também aquelas em que as profissionais cobram valor inferior pelo programa.

A boate, na figura do proprietário, também recebe pelo programa, conforme explicado nos parágrafos acima. Trata-se da aquisição da chave do quarto, ou seja, do valor cobrado para que o cliente tenha o direito de utilizar as dependências da boate onde ocorrerá o serviço sexual. Notou-se que as boates também cobram preços diferentes por essa "chave". As boates de Arcos e Lagoa da Prata cobram R\$50,00. Em Formiga, a "chave" é adquirida por R\$30,00 e em Córrego Fundo, por R\$10,00 apenas.

Outro ponto abordado com as participantes referiu-se ao número de programas que elas geralmente fazem por dia. Elas relataram que depende em grande parte da época, por exemplo, no quinto dia útil, o movimento de clientes é grande, pois se trata do dia de pagamento nas empresas. Outra variável

influyente é também o dia da semana. Elas afirmaram que quinta e sexta-feira e sábado são os dias mais movimentados da semana. Kelly e Rebeca são as que fazem o maior número de programas, de 6 a 9 por dia, em média. Camila afirmou fazer de 5 a 8; Mel, de 4 a 6; Natasha, de 4 a 5 e Jéssica de 3 a 4 programas por dia. Há que se considerar que Jéssica havia retornado para a boate nos dias que antecederam o momento da pesquisa.

Após compreender essas particularidades do trabalho na prostituição, passou-se a buscar, por meio dos relatos das participantes apreender alguns sentidos subjetivos que estivessem relacionados a este trabalho. Nesse intuito, conhecer os aspectos considerados pelas participantes como positivos e negativos da prostituição mostrou-se necessário. Abaixo, encontram-se os relatos que abordam essa temática.

Natasha: É porque às vezes, muitas vezes mesmo que seja assim por alguns momentos a gente se diverte muito, sabe?! Diverte, com as tristezas dos outros, com as alegrias dos outros, com as desgraças da gente. A gente se acostuma com tudo, acaba acostumando. Às vezes, dá uns quebra pau, mais isso aí é raro.

Rebeca: De bom? Nossa! De bom não tem nada. A não ser que chega uma pessoa que é muito sua amiga né, que você não vê a muito tempo, aí você vê, sai para passear com ela, isso, só isso só. Pode ser colega ou cliente. As vezes você fica um tempão sem encontrar... O resto, não tem mais nada.

Jéssica: A diversão, a gente ri muito aqui, brinca... e assim também, tem o dinheiro né que no caso eu não tinha quando eu tava lá em Montes Claros.

Kelly: Tem as amizades que a gente faz... Mais é com os clientes. As pessoas diferentes que a gente conhece. E assim, eu tirar daqui o dinheiro que eu mando pra minha vó cuidar dos meus filhos né. Também tem aquele negócio... tipo assim, depois de uma noite você ver que você conseguiu o dinheiro que precisava, que trabalhou e deu certo. Isso é bom também. Outra coisa também são alguns elogios que a gente ganha, sabe. É elogios dos clientes. Tipo

assim, que foi bom, que a gente é bonita e coisa e tal. Talvez nem é verdade, mas me faz me sentir bem. Aumenta a auto-estima da gente.

Camila: o aspecto positivo é o dinheiro que eu ganho aqui, que eu não ganharia em outra profissão. Esse dinheiro é que me dá condição de ter a vida que eu tenho hoje.

Mel: O que tem de positivo é a independência que eu adquiri. Tenho as minhas coisas, pago as minhas contas e tenho o suficiente. Acho que é só isso, viu.

Natasha considera como aspecto positivo em seu trabalho o clima de descontração que existe no ambiente da boate. Ela se diverte com as histórias que ouve dos clientes e consegue ver graça inclusive em suas próprias dificuldades. Ela diz "é porque às vezes, muitas vezes, mesmo que seja assim, por alguns momentos, a gente se diverte muito, sabe...". Nesse trecho aparecem elementos que apontam para a percepção que Natasha tem de que esses momentos de diversão são poucos, ainda que aconteçam frequentemente.

Inicialmente, Rebeca pensou e não encontrou nada que pudesse citar como sendo positivo em sua carreira, conforme demonstra sua fala: "de bom? Nossa! De bom não tem nada". Em seguida ela relatou que considera como sendo bom o momento em que chegam à boate pessoas conhecidas, clientes e colegas, com quem ela não se encontra há muito tempo.

Jéssica, assim como Natasha, relata que a diversão encontrada na boate é algo positivo em seu trabalho. Ao comparar sua vida antes de se tornar prostituta com a atualidade, ela revela que o dinheiro que recebe por seus serviços é também visto como aspecto positivo. Jéssica afirma "tem o dinheiro, né, que no caso eu não tinha quando eu tava lá em Montes Claros". Nesse trecho emergem elementos que demonstram que o dinheiro possui sentido subjetivo relacionado a algo positivo em seu trabalho.

Sousa (2012) demonstra em sua pesquisa que drogas como a maconha e álcool, percebidas como males sociais a serem combatidos, ganham outra significação, descortinam-se o prazer, a diversão e o alívio do *stress* que também caracterizam o uso dessas substâncias psicoativas.

Por meio do relato de Kelly, observa-se que para ela os aspectos positivos encontrados em seu trabalho são as amizades que ela faz, a renda adquirida e os elogios que recebe de seus clientes, o que aumenta sua autoestima. A renda aparece mais uma vez como um ponto positivo na prostituição. Ao se referir a isso Kelly menciona "depois de uma noite você ver que você conseguiu o dinheiro que precisava". Em sua fala há indicadores de sentidos que remetem à importância que a renda adquirida na prostituição tem para a participante. Em relação aos elogios, vistos também como aspecto positivo, Kelly explica "tipo assim, que foi bom, que a gente é bonita e coisa e tal". Nesse trecho observa-se que o reconhecimento pelo trabalho realizado configura-se outro sentido subjetivo.

Camila e Mel veem no dinheiro, ou seja, na renda que adquirem na prostituição, o aspecto positivo dessa profissão. De acordo com o relato das participantes, a possibilidade de consumir aquilo que desejam, adquirir bens, manterem a família e a si próprias, é o que elas enxergam como sendo positivo nessa atividade. Camila afirma que se trata de um ganho que ela não teria em outra profissão. Ao afirmar isso, observa-se que devido à sua trajetória, à baixa escolaridade e pouca experiência que possui em outra atividade, ela é consciente de que não conseguiria outro trabalho que proporcionasse uma renda equiparada à que tem hoje na prostituição.

Em contrapartida, considerou-se importante para essa análise buscar compreender os aspectos negativos do trabalho na prostituição. Observou-se que dentre os mais citados estão: o fato de atender qualquer tipo de cliente, as

dificuldades de relacionamento com algumas colegas na boate, o preconceito existente e a não revelação da profissão, conforme se observa nos relatos abaixo.

Natasha: Ah! De ruim tem tudo né?! A maior tristeza é quando chega um daqueles tilangos fedidos sabe? Chega aqueles homens com aqueles (...) todo ensebado todo fedido, sério, aqueles fedor de sobaco, chulé. Tem homem que quer beijar na boca, que quer bater que acha que porque a gente é garota de programa que a gente tem que tolerar. Eu já sou mais ignorante, porque eu já sou mais velha nessa área e eu falo mesmo, quem manda no meu corpo é eu.

Rebeca: Ah tem tudo. Tem gente com olho grande, que quer passar rasteira na gente, tem gente que às vezes some as coisas da gente, aqui dentro da boate. Tem quando você entra para o quarto com a pessoa, a pessoa não pagou no balcão, quando você vai reclamar, só porque ela não terminou de fazer o serviço dela ela acha que não precisa de pagar, é aonde você briga para a pessoa te pagar, isso é coisa ruim. Não gozou, não quer pagar. É por isso que eu já tenho a regra de pagar no balcão.

Jéssica: Nossa... tem uns cara que vem com aquele pinto fedorento pro seu lado, que pelo amor de Deus, você não agüenta. Tem uns também que bebe demais e aí demora par gozar e você tem que agüentar aquilo em cima da gente um tempão. Tem outros muito mal educado que chega no quarto só pede pra você tirar a roupa e já vai socando aquilo e nem olha na sua cara. tem cliente de todo tipo (risos). Tem umas colegas muito falsa. Que fura seu olho, pega seus cliente. Até conta pra eles os comentários que a gente faz entre nós. É tenso. Tem dia que você não tá muito disposta e tem que trabalhar né.

Kelly: O negativo pra mim é ficar longe dos meus filhos e também não poder contar pra eles onde eu trabalho. Ter que mentir pra eles. Eu não gosto não. Vivo com medo, principalmente do meu mais velho ficar sabendo de alguma forma. Eles vão sofrer, né. E uma mãe não quer que os filhos sofre. (choro).

Camila: Falta de respeito de alguns clientes, humilhação... Muito, muito mesmo. Acontece de gritar, falar: Vocês estão

aqui é pra isso mesmo. É puta mesmo. Então isso deixa a gente meio triste, incomoda muito.

Mel: Negativo é alguns clientes que eu atendo. Tipo assim, que você não conhece ainda. Tem uns que são de desanimar. Até que eu não atendo muito cara sem higiene assim não. Porque esse tipo tem mais em boate de BR e como eu não faço programa em lugar assim, então eu não atendo. Mas as vezes eu chego no lugar marcado e é um cara que pode ser meu avô, sabe. Tesão nenhum! Ou as vezes são boyzinhos perdendo a virgindade e tem alguns muito arrogantes. Outra coisa também é a gente sair com homem casado. Sei lá isso não devia ser problema eu acho, mas um dia a mulher de um cliente meu descobriu, foi lá no meu apartamento com os dois filhos pequenos e pediu pra eu não sair com ele mais. Eu fiquei chocada com as crianças e com ela naquela situação. Foi muito ruim. Aí eu me dei conta de como eu devo atrapalhar as famílias. E fico mal com isso. (...) Eu nunca mais saí com esse cliente. Você acredita?

O exercício da prostituição exige que suas profissionais estejam disponíveis para clientes dispostos a pagar determinado valor pelo serviço oferecido. Dessa forma, as prostitutas atendem clientes dos mais diversos tipos e estilos, ou seja, qualquer homem disposto a pagar é atendido. Os relatos demonstram que isso é visto pelas participantes como algo negativo, uma vez que se deparam com clientes em péssimas condições de higiene e dada a intimidade do serviço, a situação torna-se praticamente insuportável. Em seus relatos elas descrevem as condições de alguns desses clientes indesejáveis: "Chega aqueles homens com aqueles (...) todo enebado todo fedido, sério, aqueles fedor de sobaco, chulé"; "... tem uns cara que vem com aquele "pinto" fedorento pro seu lado, que pelo amor de Deus, você não agüenta"; "Tem uns que são de desanimar. Mas as vezes eu chego no lugar marcado e é um cara que pode ser meu avô, sabe. Tesão nenhum!". Nesses trechos evidenciam-se elementos que apontam para sentidos subjetivos relacionados ao repúdio que, em algumas ocasiões, as participantes têm pela atividade que desenvolvem como prostitutas.

Outra dificuldade encontrada na relação com os clientes refere-se à forma como são por eles tratadas. Ainda que estejam na boate, procurando pelos serviços das prostitutas, os clientes não deixam de demonstrar preconceito em relação a elas. A questão é que esse preconceito evolui para outras atitudes como humilhação, violência, maus-tratos e grosserias dirigidas às prostitutas no momento da execução do serviço. Elas relatam: "tem homem que quer beijar na boca, que quer bater que acha que porque a gente é garota de programa que a gente tem que tolerar"; "Tem outros muito mal educado que chega no quarto só pede pra você tirar a roupa e já vai socando "aquilo" e nem olha na sua cara"; "Acontece de gritar, falar: Vocês estão aqui é pra isso mesmo. É puta mesmo". Esses relatos apresentam elementos que indicam sentidos relacionados ao preconceito sofrido pelas participantes em decorrência do trabalho que realizam.

Outro aspecto negativo apontado pelas participantes foi a dificuldade de relacionamento existente entre as colegas de profissão. Apesar existir um clima descontraído nas boates, observam-se alguns pontos que indicam sentidos de desconfiança na relação entre elas. Rebeca relata que acontecem roubos frequentemente, suas coisas desaparecem e ela parece acreditar que se trata de outras colegas que estão na boate. Jéssica afirma: "tem umas colegas muito falsas. Que fura seu olho, pega seus cliente". Observa-se no trecho de Jéssica que existe certa competição entre as colegas, ou seja, elas disputam os clientes e sentem-se traídas quando perdem esse cliente para outra. Pelos dizeres de Jéssica, esse é um comportamento comum entre as prostitutas e visto por elas como um aspecto negativo da profissão.

Outros pontos foram apontados somente por uma das participantes, mas mostraram-se pertinentes para a análise e por isso foram ressaltados. Kelly mencionou que o fato de estar longe dos filhos e de ter que mentir para sua família é algo negativo. Ela diz viver com medo de sua profissão ser descoberta. Em sua fala emergem elementos que apontam para o medo que ela convive por

ser prostituta. Já Mel, demonstra em seu relato certa ponderação ética referente ao seu trabalho. No momento em que uma mãe de família a procura juntamente com os dois filhos e pede que ela deixe de sair com seu esposo, Mel repensa as consequências da atividade que exerce para as famílias dos clientes. Ela demonstra perceber como sendo incorreto o fato de atender clientes casados e aponta isso como um aspecto negativo da profissão. Ela menciona "aí eu me dei conta de como eu devo atrapalhar as famílias. E fico mal com isso". Sua fala denota um sentido relacionado a arrependimento pelo que faz em seu trabalho.

Como já demonstrado em diferentes momentos desta análise, o preconceito é algo vivenciado pelas prostitutas em decorrência de seu trabalho. Durante a conversação elas relataram momentos específicos em que perceberam o preconceito advindo de outras pessoas. Os relatos das participantes encontram-se logo abaixo:

Natasha: As vezes quando você chega numa loja, você sabe? Quando a gente chega numa loja, quando a gente chega num..., num estabelecimento assim, num restaurante, que só tem família sabe? Que sabe que você é, você sente que você é tratada com diferenças entendeu? Diferente das pessoas. Ou as vezes tem muito lugar quando, eu sei que quando as vezes eu vou num lugar que eu vejo que a pessoa está me tratando muito bem, eu já sei que ela está me tratando com falsidade. Entendeu? Ela está me tratando assim daquele jeito porque ela é obrigada a me tratar daquele jeito, a me receber daquele jeito.

Natasha relata perceber o preconceito pela forma com que é tratada em locais públicos como lojas e restaurantes em que encontra pessoas que sabem sobre sua profissão. Em sua fala ela menciona que se trata de locais "que só tem família". A sociedade julga e condena as prostitutas por questões morais. Dessa forma, elas não são bem-vindas nesses ambientes, pois sua presença pode incomodar ou constranger as famílias que lá se encontram. Natasha revela que

sente ser tratada "diferente das pessoas", ou seja, percebe que os comerciantes e funcionários a tratam de maneira inferior aos demais clientes. Seu relato demonstra que, mesmo em ocasiões em que é tratada bem, Natasha percebe falsidade naquele tratamento. Observa-se que ela, talvez por já ter enfrentado tantas situações de preconceito e discriminação, tornou-se uma pessoa desconfiada e isso faz com que duvide de qualquer boa intenção. Por exemplo, a pessoa pode estar sendo verdadeiramente agradável, mas Natasha é incapaz de perceber isso.

Rebeca: Só, só fala mal, né? Cochicha quando a gente passa na rua, principalmente para as mulheres, que aqui é uma cidade pequena, você passa né? Você entra na loja você compra, elas fica rindo para você, mais depois que você vira as costas né?! Deve falar assim “Como que elas tem coragem de fazer isso? Eu não faria. Não faria isso por dinheiro nenhum. Igual eu já falei, antes de eu fazer eu já falei que prostituta para mim não tinha valor nenhum, e hoje eu estou aqui. Olha para você ver que situação!

O relato de Rebeca demonstra percepções parecidas com as de Natasha. Ela menciona situações em que percebe comentários das pessoas sobre sua profissão. Segundo Rebeca, ela é bem tratada pelas funcionárias do comércio no momento em que está adquirindo os produtos dos quais necessita, no entanto, ao sair da loja, percebe atitudes de condenação por parte dessas funcionárias. A percepção de Rebeca é embasada em atitudes de julgamento que ela mesma já teve em relação às prostitutas antes de se tornar uma delas, conforme relata.

Jéssica: Sofro demais da conta. Só do Luís ter me largado porque eu era prostituta já mostra, né. E oh, vou te falar, eu nunca traí ele nesse tempo que a gente ficou junto. E a mãe dele nunca aceitou, a família dele não deixava eu ir na casa deles, não iam lá em casa. Os amigos dele falava que ele tava doido, que metade do Córrego Fundo já tinha deitado comigo. Foi feio, menina.

Jéssica relata o preconceito que sofreu no tempo em que esteve casada. Ela afirma que mesmo respeitando seu marido, nem as pessoas, nem ele confiaram nela pelo fato de já ter sido uma prostituta. Jéssica revela que não se relacionava com a família do esposo. Era proibida de frequentar suas casas e eles também não a visitavam. Observa-se que os amigos de seu esposo também não aprovavam o relacionamento e frequentemente davam conselhos para que ele a deixasse, embasados na prostituição que ela exercia antes de se casar. O próprio esposo, embora a amasse, era também preconceituoso e foi incapaz de suportar tamanha pressão. A desconfiança gerada pelo passado condenador na prostituição foi o motivo da separação. O relato de Jéssica possui elementos que apontam sentidos relacionados à desconfiança que torna a prostituta uma pessoa em quem não se deve confiar.

Kelly: As pessoas me olham diferente. Eu vejo. Algumas primas minhas mudaram comigo depois que eu contei pra elas. Sei lá, as pessoas sabem, acho que por causa das roupas que a gente usa, não sei. Os homens acham que podem falar o que quiserem com a gente. Eu mesma tenho preconceito comigo. Porque eu não concordo com o que eu faço. Eu não tenho nem coragem de falar o que eu faço pros outros. Eu tenho pavor de ficarem sabendo. Não sei como eu ia encarar minha vó, meus filhos.

Kelly também percebe o preconceito pela forma como as pessoas se comportam em relação a ela. De acordo com Kelly, após revelar para algumas primas que era prostituta, foi tratada de maneira diferente. Outro indicador de preconceito apontado foi o desrespeito de alguns homens que sabem de seu trabalho. Kelly revela que ela mesma tem preconceito em relação ao que faz, caso contrário seria capaz de revelar à sua família sobre seu trabalho. Ao final do relato de Kelly, surgem elementos que indicam sentidos subjetivos que demonstram vergonha, ou seja, ao que parece ela sente-se envergonhada, principalmente perante a família, pelo trabalho que realiza. Observa-se que o

estigma vem também das próprias prostitutas ao não reconhecerem sua profissão como algo justo.

Camila: meu trabalho nunca vai ter o valor que o seu tem pras pessoas. Pra todo mundo a gente é um bando de vagabundas sem-vergonha. Ninguém vê isso aqui como trabalho. Eu vejo o preconceito sempre que estou em algum lugar que não é aqui. Por exemplo, quando eu tô no ônibus vindo pra cá, as pessoas olham, comentam. Porque todo mundo sabe que a gente é prostituta, parece que encarna na gente, menina (risos). Quando eu vou no supermercado eu vejo os olhares também. Tipo assim, os homens todos que sabem que eu sou ficam fazendo piadinhas, cantando a gente o tempo todo. Ninguém tem respeito, confiança, admiração. Assim, se você fala pra alguém: "Nossa, hoje eu fiz vinte entrevistas. Todo mundo fala: Você é trabalhadeira demais!. Agora se eu falo que atendi vinte clientes, eles falam: Meu Deus, é uma safada mesmo. Entendeu? A gente não tem valor.

Camila relata que o preconceito vivenciado na prostituição é decorrente da desvalorização que a profissão tem na sociedade por não ser considerado um trabalho. Ela revela que o preconceito é percebido na forma como as pessoas a olham e nos comentários que fazem de desaprovação. Citou também o desrespeito masculino pela categoria, evidenciado por meio de dizeres e atitudes desrespeitosas que eles não teriam com mulheres de outra profissão. Ao final do relato, Camila faz um comentário interessante. Ela diz que trabalhar muito para outras profissões é motivo de orgulho, admiração. No entanto, para prostitutas torna-se sinônimo de safadeza, ou seja, as pessoas não valorizam o trabalho delas, justamente porque, para a maioria, não se trata de um trabalho.

Mel: O preconceito existe realmente. Quando eu comecei eu morava em um apartamento e a senhora que era minha vizinha ficou sabendo que eu era prostituta e espalhou pra todo mundo do prédio. De uma hora pra outra a maioria das vizinhas que conversavam comigo, iam lá em casa, pararam

de ir e me cortaram aos poucos. O porteiro que era evangélico até pregou pra mim falando sobre a condenação da Bíblia às prostitutas. Logo eu me mudei de lá. Aqui em Lagoa mesmo, quando eu vou fazer compras as pessoas ficam comentando, julgando a gente. Eu percebo isso claramente.

Mel percebe situações de preconceito parecidas com aquelas já mencionadas. Ela relata uma passagem em que seus vizinhos de prédio descobriram que ela era prostituta e mudaram completamente, passaram a isolá-la aos poucos e quase não falavam com ela. Mel menciona que o porteiro, que era evangélico, começou a mostrar-lhe as condenações da Bíblia à prostituição. Atitudes como a dele são bastante comuns pela questão moral que envolve a prostituição, ou seja, a necessidade de salvar as prostitutas do pecado carnal em que vivem. Ainda que dotada de boas intenções, não se pode desconsiderar o caráter preconceituoso por trás dessa atitude.

Apesar das dificuldades vivenciadas pelas participantes, reconhece-se que o trabalho possui diferentes dimensões para os indivíduos, ou seja, pode significar prazer e/ou sofrimento. Diante disso, julgou-se pertinente discutir com as participantes sobre essas duas dimensões no trabalho que realizam. Iniciou-se buscando levantar o que existe de prazeroso na prostituição.

Os relatos apontaram elementos que conduzem a três possíveis direções no que se refere ao prazer no trabalho: a primeira relaciona-se ao clima de descontração existente nas boates, ou seja, as participantes consomem bebidas alcoólicas, dançam, conversam, enfim, se divertem na noite. A segunda direção aponta para a renda adquirida com o trabalho. O valor recebido pela prestação do serviço é algo visto por algumas como prazeroso. E a terceira direção diz respeito à flexibilidade que esse trabalho proporciona, ou seja, o horário de trabalho, as folgas, as férias, podem ser programadas por elas mesmas, não se reportando a nenhum subordinado.

Natasha: Beber para mim não ver a cara dos homens direito e ouvir musica (risos) danço muito bebo muito, pra não ver a cara desses homens e eu te juro você acredita que eu esqueço no outro dia os cara chega aqui “Oi Natasha” e eu quem é esse cara? Da onde que eu conheço esse cara? Eu esqueci.. “Você esqueceu de mim?” você acredita que eu não lembro mais? “Nossa eu tive aqui ontem” você teve? Nossa tava doida demais eu nem lembro.

Rebeca: Eu gosto de beber. Beber ficar tonta, divertir com os outros, entendeu? É isso aí.

Jéssica: Olha, é só o dinheiro que eu ganho mesmo. Assim... saber que eu consegui me virar sozinha. Porque quando a minha mãe morreu eu achei que eu não ia conseguir. Achei que eu ia ter que ficar dependendo dos meus irmão. E agora, não, né. Olha pra você ver, semana que vem eu vou pra lá aí eu já fui em Formiga e comprei um monte de presente pra eles. Chega lá eu faço uma compra boa de supermercado, compro tudo que é bobagem pros meus sobrinhos. Compro cerveja, carne pra fazer churrasco. Aí é uma festa. Isso é que me faz agüentar muita coisa aqui.

Kelly: Prazer de prazer de sexo, nenhum. Ah tá. Do dinheiro. Só do dinheiro. Eu falei do prazer, porque as vezes as pessoas acham que a gente gosta, que a gente sente alguma coisa. Mas eu nunca senti, não tem nada de prazer. É só um papel que você faz.

Camila: Olha, vou te explicar. O que acontece antes e depois de você ter que ir pro quarto com o cliente é legal, sabe. Tipo assim, se arrumar pra noite, beber, dançar, conversar, isso é prazeroso. Ou mesmo quando tem um cliente legal que faz seu tipo. É descontraído. Então, eu gosto disso aqui. Você já viu, a gente vive confortável, come bem, tem a área de lazer, a gente faz churrasco no domingo... Não é um trabalho de tudo ruim.

Mel: Eu gosto da independência que meu trabalho me dá. Eu trabalho o dia que eu quero, a hora que eu quero. Não tem patrão te cobrando, né. Tem a proprietária da boate, mas é uma relação diferente. E eu ganho muito mais, igual eu já te falei.

Posteriormente, discutiu-se com as participantes sobre a dimensão do sofrimento no trabalho, ou seja, quais fatores influenciavam o trabalho de modo a levá-las a sofrer em decorrência daquela atividade. Diversos pontos foram abordados, dentre eles: os vícios adquiridos, a dificuldade de encontrar clientes, as privações que a prostituição trás, a saudade da família, o trabalho árduo e a solidão.

Natasha: Em zona você aprende tudo ruim, quer ver em zona sou obrigada aprender até, até mexer com droga para você pensar bem. Por isso que eu choro todos os dias, todos os dias eu choro. Fica mais fácil, mas eu não mexo com droga pesada não sabe?! Eu fumo só baseado só mais é uma coisa sabe, uma coisa que só, uma coisa que não me faz bem, é uma coisa que na hora que eu deito eu fico arrependida do dia inteiro, porque eu fiz aquilo, mais no outro dia eu levanto e faço tudo de novo.

Natasha relata que na prostituição se tem acesso a coisas muito ruins, dentre elas as drogas. Ela revela que se tornou usuária de maconha após entrar para a prostituição. Segundo Natasha, a maconha torna a atividade mais fácil de ser desempenhada, ou seja, desinibe as profissionais. Ela revela que no dia seguinte ao que consumiu drogas, ela se sente arrependida do que fez, no entanto repete os mesmos erros todos os dias. Em seu relato evidenciam-se elementos que apontam para sentidos subjetivos relacionados a arrependimento pelas coisas erradas que faz em seu trabalho.

Rebeca: Ah quando eu, por exemplo, quando eu estou aqui no salão as vezes não tem cliente, aí todo mundo está fazendo programa, aí parece que a noite não é minha, eu tô precisando de, é o que mais me dá tortura, é quando eu estou precisando, a hora que eu mais preciso de dinheiro e não chega nenhum cliente meu ou então um para fazer programa comigo, e é a hora que eu mais estou precisando, aí eu fico torturada.

O relato de Rebeca demonstra que, assim como outras profissões, a prostituição tem seus altos e baixos, ou seja, em alguns dias é difícil conseguir clientes para programa. Sem trabalhar ela não consegue a renda que necessita para sobreviver. Rebeca relata que os dias em que ela mais necessita de dinheiro, muitas vezes não consegue clientes e isso lhe causa sofrimento. Estar na boate não oferece garantia alguma para as profissionais, ou seja, tem renda apenas aquelas que trabalharem na noite.

Jéssica: Ah... uma coisa que me causa muito sofrimento é que eu quero muito ter meu filho, né. Eu preciso fazer um tratamento de fertilização pra conseguir. Aí eu fico pensando que eu nunca vou poder fazer isso. Porque nesse trabalho não tem jeito. Eu quero tanto ele, eu que quero cuidar dele. Então eu sofro com isso sabe, de pensar que o que eu mais quero não pode acontecer por causa da minha situação.

Conforme se tem observado a prostituição priva as profissionais de alguns papéis desempenhados naturalmente permitidos a mulheres em outras profissões. Entre esses papéis destaca-se o de esposa e de mãe. É o que acontece com Jéssica ao relatar que seu sofrimento relaciona-se ao fato de seu trabalho impedir que ela se ausente para fazer um tratamento de fertilização para que tenha chances de engravidar do filho que tanto deseja. Porém, ela é consciente de que enquanto estiver trabalhando como prostituta, não poderá realizar o tratamento e caso engravide não poderá cuidar do filho como gostaria. Em seu relato aparecem elementos que demonstram sentidos subjetivos relacionados a privações que ela tem por ser prostituta.

Kelly: A saudade dos meus filhos, a vontade de tá com meu ex-marido do jeito que agente era. E esse desespero de não saber até quando vai ter que ser desse jeito, sabe. Tem meu filho também, que eu te falei que não é meu legítimo. Eu sofro de pensar que um dia a família dele queira fazer a

troca dos meninos. Eu tenho medo de perder ele por ser prostituta. Tenho medo de ficar sem ele, porque do mesmo jeito que eu notei as diferença nele, né, a outra família pode notar também e querer trocar. (choro) Aí o que eu vou fazer? Não posso ficar sem ele. Eu agüentei tudo na minha vida, todo esse sofrimento que você ta vendo, mas acho que perder ele eu não ia agüentar, sabe.

Durante todos os momentos empíricos Kelly mostrou-se uma mãe zelosa e preocupada com os filhos. Ao discutir sobre possíveis motivos que a levavam a sofrer em seu trabalho, ela direcionou aos filhos seu relato. Afirmou que um dos motivos é a saudade que sente deles e de seu ex-marido. Observa-se que Kelly está continuamente presa ao seu passado. Conforme relatado, Kelly tem um filho que não é seu biologicamente, uma vez que foi trocado na maternidade. Ela vive amedrontada pelo fato de algum dia a verdadeira família requerer a troca dos filhos. Kelly sofre por pensar que pode vir a perder a guarda de seu filho por ser prostituta. Nesse momento da entrevista principalmente ela se emocionou e demonstrou realmente sofrer muito pelo medo que sente de que um dia tudo se concretize. Em seu relato surgem elementos que se relacionam à culpa que carrega por ser prostituta e poder fazer com que sua família sofra em decorrência disso. Nota-se que ela sofre por antecipação.

Camila: A gente trabalha muito, sabe. Tipo assim, fica a noite toda acordada, bebe demais, acorda de ressaca quase todo dia. Tem que se cuidar demais pra não pegar doença (DST), né. É um trabalho instável também, hoje eu tô aqui, amanhã posso ter que viajar pra outra cidade. Eu sinto saudade demais dos meus filhos e da minha mãe, queria poder morar com eles.

Camila relata que o trabalho na prostituição é cansativo e exige esforço por parte das profissionais, pois se trata de uma atividade geralmente noturna, em que se consome grande quantidade de bebidas alcoólicas. Além disso, devido ao caráter desta atividade, serviço sexual, existe a preocupação com as doenças

transmitidas sexualmente. Por isso exige-se cuidado por parte das profissionais com a prevenção de tais doenças, dentre elas a AIDS. Camila menciona que a prostituição é também um trabalho instável, pois o tempo todo elas estão se locomovendo entre uma e outra boate, uma vez que a maioria dos clientes aprecia a diversificação. Todos esses fatores relacionados à prostituição, atrelados à falta que sente de sua família, configuram-se em motivos pelos quais seu trabalho lhe causa sofrimento.

Mel: O que me faz sofrer é a solidão que eu sinto, como já comentei com você. Morar sozinha, estar em boate que as vezes você não conhece ninguém. Eu sinto falta de alguém pra conversar, uma amiga, sei lá. Minha família eu vejo muito pouco. As vezes acontece alguma coisa desagradável com algum cliente, alguma discussão, e aí eu fico querendo desabafar com alguém, mas não tem, né.

A solidão novamente aparece nos relatos de Mel. Ela relata que seu trabalho como prostituta lhe afasta das pessoas. O fato de morar sozinha e de visitar pouco a família faz com que ela não tenha com quem compartilhar seus sentimentos.

Após discutir com as participantes sobre as dimensões do prazer e do sofrimento, questionou-se qual o sentido do trabalho na vida delas. Elas foram unânimes ao afirmar que se trata de um sentido subjetivo voltado para a renda que adquirem como prostitutas. Em alguns casos, essa renda representa a sobrevivência delas mesmas e de sua família. Já em outros, observa-se que se trata da possibilidade de consumirem aquilo que desejam e de melhorarem de vida.

Natasha: No momento ele (o trabalho) para mim tá significando tudo, né? Possibilidade de manter a família. Exatamente, porque se eu tivesse uma oportunidade bem hoje, nó minha filha, eu saía da zona em estado de grito.

Rebeca: Eu trabalho porque eu preciso do dinheiro. Mas valor eu acho que não tem nenhum, porque assim, valor você ganha R\$ 60,00 hoje vamos supor até R\$ 100,00 as vezes chega um aqui que te dá mais, mas depois quando ele vira as costas ele está ali comentando com todo mundo o que ele fez com você, aí já é ruim né? Então valor não tem nenhum, para mim não tem nenhum, eu não faço porque eu gosto não, eu faço porque eu preciso do dinheiro. Mas eu não estou roubando nem matando né?

Jéssica: Significa uma forma de eu viver melhor do que eu vivia lá em Montes Claros. Assim, com meu dinheiro eu posso comprar minhas coisas, eu até guardo um pouquinho pra comprar uma casinha lá pra quando eu ficar velha. Aqui eu consigo dinheiro, porque é difícil pra mim trabalhar com outra coisa. Eu nunca consegui arrumar emprego.

Kelly: Significa que eu posso fazer alguma coisa pra manter meus filhos lá. Que eu não preciso dar eles pra ninguém criar, que eu posso cuidar deles, dá uma vida descente pra eles, mesmo que seja o básico, né. É isso...

Camila: É o que mais me deu dinheiro até hoje. Antes eu não tirava nem o salário mínimo lá no Norte. Meu trabalho é a forma que eu tenho de manter minha família, comprar as coisas para meus filhos, garantir um futuro pra gente. Se não fosse isso aqui eu não sei como a gente estaria, viu.

Mel: Meu trabalho me dá condições de ter o que eu sempre sonhei pra mim: meu apartamento, meu carro, minhas viagens, minhas plásticas, enfim, tudo que eu quero comprar é por ele que eu consigo. Eu sou prostituta porque eu vejo nessa profissão a possibilidade de melhorar de vida. A gente é bem paga, se trabalhar muito dá pra ter uma vida tranquila. Enquanto eu não arrumar outra que eu consiga manter meu padrão de vida, vou continuar.

Natasha relata que seu trabalho representa para ela a possibilidade de manter sua família. Dessa forma, observa-se que o sentido subjetivo que se pode apreender volta-se para a sobrevivência de Natasha e de seus filhos que dependem da renda advinda de seu trabalho. Natasha afirma ainda que se tivesse outra oportunidade de trabalho que lhe proporcionasse renda semelhante,

deixaria a boate imediatamente. Evidencia-se nesse trecho que ela realmente necessita desse trabalho.

O relato de Rebeca também aponta elementos que levam a sentidos subjetivos relacionados à sobrevivência. Ela relata que trabalha pelo dinheiro que adquire nessa atividade. No entanto, faz uma ponderação interessante ao afirmar que mesmo conseguindo o dinheiro do qual necessita, ela não percebe valor naquilo que faz, pois os clientes pagam e fazem comentários desagradáveis sobre o que aconteceu no programa e ela considera isso ruim. O relato de Rebeca demonstra que tudo o que as prostitutas enfrentam em decorrência de seu trabalho tem um preço superior àquele pago pelos clientes.

Jéssica também vê na prostituição a possibilidade de sobreviver em melhores condições do que aquelas que viveu em sua terra natal. Ela afirma que nunca conseguiu outro emprego por lá e que a prostituição lhe possibilita, inclusive, guardar algum dinheiro para as necessidades futuras.

Kelly, assim como Natasha e Camila, também aponta em seu relato elementos que indicam sentidos subjetivos relacionados à sobrevivência de seus filhos que estão com sua avó. Ela menciona que seu trabalho possui um sentido voltado para a possibilidade de criar seus filhos e de não precisar encaminhá-los para a adoção por não poder cuidar deles. Nesse trecho, observa-se que o trabalho tem para Kelly um sentido subjetivo que remete ao seu papel de mãe cuidadora que se sacrifica no trabalho em prol dos filhos.

Camila é outra participante que atribui sentidos ao seu trabalho voltados para a renda que garante a sobrevivência de sua família. Ela relata que a prostituição foi o trabalho mais lucrativo que já teve e que trabalha para garantir o futuro de seus filhos e dar-lhes uma vida confortável. Em outros relatos, observou-se que Camila é uma pessoa ambiciosa. Com o dinheiro ganho em seu trabalho ela já adquiriu bens em sua cidade e ainda pretende adquirir outros. Diferente de Natasha e Kelly, a sobrevivência para ela não se relaciona

meramente ao sustento de sua família, mas também à aquisição de bens que garantirão seu futuro quando deixar a prostituição.

Nesse aspecto ela se aproxima bastante de Mel, que também viu na prostituição a possibilidade de obter renda suficiente para lhe garantir uma vida de conforto e consumo. Ela mesma afirma "eu sou prostituta porque eu vejo nessa profissão a possibilidade de melhorar de vida". O sentido subjetivo do trabalho apreendido pelo relato de Mel relaciona-se à possibilidade de adquirir aquilo que ela tem vontade, de financiar a sua "outra" profissão de advogada e de viver uma vida tranquila financeiramente.

Finalmente, discutiu-se com as participantes sobre as perspectivas que tinham em relação ao futuro. Observou-se que a maioria deseja no futuro abandonar a profissão e voltar a morar junto aos seus familiares. Não se sabe ao certo, até que ponto elas mesmas acreditavam nesse futuro.

Natasha: Eu não espero muito. Eu já pensei em abrir uma boate pra mim daqui uns anos quando eu não tiver fazendo mais programa. Acho que vai dar certo. Eu quero arrumar bem arrumadinho, colocar um bar com tira-gosto gostoso e trazer umas meninas pra trabalhar. É o que puta faz depois que fica velha, menina (risos).

Rebeca: Eu quero pegar meus filhos para morar comigo. Não sei se eles ainda vão estar gostando de mim... Aí meus filhos vai estar comigo, né? Aí vou estar dando beijinho neles todo dia, dormindo de conchinha... Aí assim quero uma coisa boa. Minha família vai tá gostando de eu estar saindo né que eu vou ter saído, porque por mais que eles não acha ruim, bom também eles não acha, né?

Jéssica: Eu agora vou pra Montes Claros visitar minha família. Vou procurar emprego lá e ver se consigo. Eu queria trabalhar numa creche, numa escola. Aí se der certo eu vou juntar um dinheiro pra pagar a fertilização in vitro, meus irmãos falaram que me ajudam. Aí se Deus abençoar e me der meu filho eu quero esquecer isso aqui e começar uma vida nova com ele.

Kelly: Eu espero que a minha vida melhore, que eu tenha jeito de ficar perto dos meus filhos e da minha vó. Que eu arrume um emprego que meus filhos vão saber e gostar que eu trabalho lá e minha vó também. Quando a justiça achar meu ex-marido e ele começar a pagar pensão vai ser mais fácil. Eu quero ver meus filhos feliz. Não vou te falar que eu vou ser feliz não, porque eu acho que pelas coisas que eu já passei na vida, não tem jeito de ser feliz. Ah, menina, a alegria da gente vai acabando. É muitos anos sofrendo desse jeito. Agora eu só quero que eles tem uma vida diferente da minha. E eu vou fazer tudo que eu puder pra isso. (choro).

Camila: Terminar de pagar meu terreno, construir minha casa e parar. Não vou ter outra profissão. Eu tenho 30 anos, né, não tenho escolaridade, não tenho cabeça pra sala de aula. Então é construir o que eu já comecei e parar.

Mel: Como eu te falei eu quero me formar e passar em um concurso pra delegada. Então eu vou continuar com meu trabalho até me formar, fazer um cursinho e depois vou tentar concurso bem longe lá pro Amapá, Rondônia, Piauí.

Natasha tem expectativas realistas em relação ao seu futuro. Ela relata que pretende tornar-se proprietária de uma boate quando deixar de trabalhar como prostituta. De acordo com Natasha, geralmente é isso que as prostitutas fazem quando abandonam a profissão.

Rebeca relata uma visão de futuro nada condizente com sua realidade. Ela diz que pretende retomar a guarda de seus três filhos que estão com o pai e viver com eles e seus irmãos. No entanto, os relatos de Rebeca mostram que ela não vê seus filhos há quase um ano e nem tampouco se preocupa com a sobrevivência deles. Ela afirma "não sei se eles ainda vão estar gostando de mim...". Nesse trecho, observa-se que Rebeca tem consciência da possibilidade de não mais ser amada por seus filhos. Ainda assim, ela pretende no futuro estar com eles. Não foi possível compreender até que ponto ela própria acredita que esse futuro possa um dia se tornar real.

Jéssica encontrava-se em um período de transição em sua vida, pois estava separada e voltado para a boate há poucos dias. Ela estava com a viagem agendada para Montes Claros onde reveria seus irmãos. O futuro pra ela começa no momento em que pretende deixar a prostituição e recomeçar sua vida lá.

Kelly espera no futuro voltar a morar com seus quatro filhos e a avó. Ela pretende conseguir um emprego em sua cidade e conseguir renda suficiente para cuidar dos filhos. Kelly espera ansiosa pelo pagamento de pensão alimentícia de seu ex-marido, pois segundo ela, com o dinheiro da pensão não será necessário que ela trabalhe como prostituta, pois uma renda menor já será suficiente. Ela não espera ser feliz no futuro, pois não acredita mais em sua felicidade após todas as dificuldades que enfrentou nos últimos tempos.

Camila pretende concluir algumas coisas que já iniciou e depois deseja também deixar a prostituição. Porém, relata que não pretende atuar em outra profissão, pois considera que seu tempo já passou e agora não é mais possível recomeçar outra carreira.

Mel tem pretensões ambiciosas para o futuro. Ela deseja terminar o curso de graduação em Direito, fazer cursinho e tentar passar em um concurso público para delegada. Embora, esteja em seus planos abandonar a profissão de prostituta, enquanto não tiver concretizado o sonho de ser delegada, continuará nessa atividade.

No próximo capítulo buscou-se evidenciar sentidos de uma maneira bastante descontraída: por meio de desenhos realizados pelas participantes, em que elas deveriam buscar expressar algo relativo ao seu trabalho. Alguns desenhos surpreenderam!

4.6 Sentidos subjetivos do trabalho expressos através de desenhos

Este capítulo apresenta os dados coletados no terceiro e último momento empírico realizado nesta pesquisa. Nesse momento, foi solicitado que as participantes criassem um desenho que representasse algo sobre seu trabalho. Após concluírem o desenho, as participantes explicaram seu significado, demonstrando o que objetivaram expressar. A seguir encontram-se os desenhos juntamente com as respectivas significações.

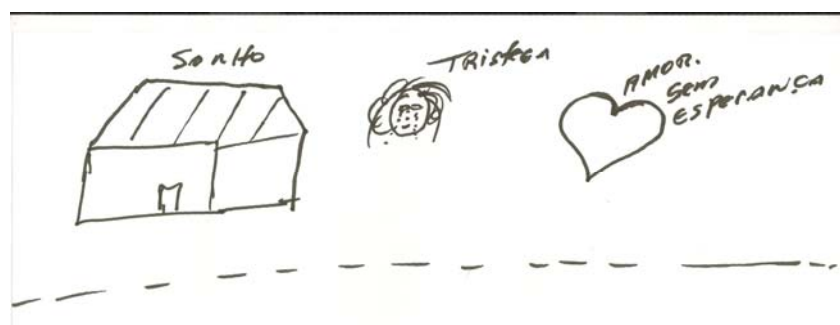


Figura 1 Sonho e realidade

Fonte: Desenho feito por Natasha

Natasha: Bem... eu desenhei uma casa porque é um grande sonho que eu tenho, né, de ter uma casa própria e não ter que pagar aluguel. Eu nunca tive uma casa pra falar que era minha. Igual eu te falei minha mãe foi embora e eu fiquei morando cada época numa casa diferente. Então eu tenho muita vontade de ter uma casa. E eu trabalho também pra ter condições de construir uma, né. Eu já comprei o lote e agora quero ver se consigo começar a casa, mas pagando aluguel é muito difícil. Essa mulher chorando é eu, porque minha vida inteira foi sofrendo, chorando, correndo atrás, eu nunca tive ninguém pra fazer nada pra mim. E vou te falar, a gente sofre nessa vida (prostituição), viu. É muito humilhante ser garota de programa. O coração é porque eu quis muito, a vida inteira, encontrar uma pessoa, me apaixonar e ser feliz com ela, mas nunca aconteceu. Sempre que eu pensava que ia dar certo, não dava. E assim... eu fui desanimando, né.

Agora eu não tenho mais esperança nenhuma. Tem um tempão que eu nem invoco com ninguém. Desisti desse amor que as pessoa fala. Isso não deve ser pra mim.

Natasha expressou em seu desenho sentidos subjetivos do trabalho relacionados às possibilidades que esse trabalho pode proporcionar. A aquisição da casa própria é uma das coisas que o trabalho torna possível, mas ela representa também outros sonhos que podem ser concretizados por meio desse trabalho. O sofrimento é algo presente, expresso através da mulher que chora e explicado por Natasha como sendo decorrente de todas as dificuldades pelas quais ela já passou em sua vida. A presença do coração no desenho representa o amor que ela nunca teve e do qual se diz sem esperança de encontrar. Natasha afirma, ao falar sobre o amor, que "isso não deve ser pra mim". Amor e prostituição parecem ser incompatíveis, ou seja, um atrapalha o outro e por isso não podem estar juntos na vida dessas profissionais.

O desenho de Natasha evidencia a relação de prazer-sofrimento com o trabalho, onde estão ambas relacionadas à vida pessoal e não ao trabalho em si. Esse aspecto remete à ideia de Rey (2005) que revela a interação existente entre os espaços sociais ao qual pertence o indivíduo, na medida em que constrói esses espaços e é por eles construído. Assim, não há como negar os aspectos da vida pessoal de Natasha interferindo em seu trabalho e vice-versa.



Figura 2 Tempestade de sangue
Fonte Desenho feito por Rebeca

Rebeca: Bem, eu desenhei uma nuvem escura e uma chuva de sangue. É... a nuvem é porque aqui a gente vive numa tempestade. É tudo muito louco, muito sem sossego. A chuva representa também lágrima. Porque eu posso até parecer feliz, mas no fundo eu não sou não. A gente tenta ser, né. Tenta esquecer as coisas, mas é complicado. Eu coloquei uma chuva de sangue, porque eu tenho comigo que vou morrer cedo. Porque minha vida é muito louca, muita droga, muita bebida, muito cigarro. Acho que vou morrer com um câncer de pulmão ou de Aids. Eu acho que posso pegar, né. Tantas pegam. Eu tenho isso comigo. Ou alguém pode me matar né, igual já tentaram que eu te contei. A gente nunca sabe. É isso que significa o desenho.

Rebeca apresenta um desenho obscuro e triste: uma chuva de lágrimas de sangue decorrentes de uma tempestade. Sua explicação para o desenho aponta elementos que indicam sentidos subjetivos do trabalho voltados para a destruição, ou seja, para o mal que esse trabalho pode lhe causar. Ela revela que vive em uma constante tempestade, pois a boate é um local "muito louco e sem sossego". Nesse trecho, Rebeca se refere ao consumo de drogas e bebidas ao qual tem acesso nas boates. E é justamente por essa vida desregrada,

acompanhada de vícios, que ela acredita que vai morrer brevemente. Por fumar muito e pela vida sexual ativa com vários parceiros, ela menciona a possibilidade de morrer com câncer, AIDS ou ser assassinada por um cliente. Nessa expressão de Rebeca, surgem sentidos subjetivos do trabalho que se relacionam ao medo que acompanha algumas profissionais. Tal medo decorre da possibilidade de contrair uma doença, da violência comumente percebida nas boates e da insegurança existente nesses locais.



Figura 3 Menina triste
Fonte Desenho feito por Jéssica

Jéssica: Olha... eu desenhei essa menina chorando porque acho que não tem um dia aqui na boate que eu não choro. Eu fico lembrando das coisas, da minha mãe, do meu filho que eu perdi, pensando se um dia eu vou conseguir ter outro, sabe. Eu fico pensando se um dia eu vou conseguir realizar os sonhos que eu te falei. Se eu vou arrumar uma pessoa que me aceite com meu passado e alguém que eu goste também, né. É isso... Essa menina chorando sou eu.

O desenho trata de uma menina que chora e suas lágrimas vão formando uma poça. Ela relata ser essa menina, que chora ao lembrar daquilo que já perdeu. Jéssica diz chorar todos os dias. Há que se considerar o momento pelo qual ela estava passando, em que havia se separado do esposo e voltado para a boate. O fato é que essa perda, tanto do esposo quanto de sua casa, de seu conforto, do sonho de ser mãe, se deu devido a não aceitação de seu passado como prostituta. Ao analisar dessa forma, aparecem sentidos subjetivos do trabalho que remetem à perda, ou seja, por ser prostituta Jéssica perdeu coisas valiosas em sua vida, as quais ela não sabe se um dia poderá reencontrar.



Figura 4 Importância da família
Fonte: Desenho feito por Kelly

Kelly: Eu desenhei meus filhos aqui. Amor no coração, porque eu amo eles demais. Minha família né. E o futuro que eu penso pra eles: felicidade, né. Quero que eles seja feliz. Por que tudo que eu faço aqui é direcionado a eles. Se não fosse por eles eu não estaria aqui. Porque tudo que eu faço é por eles. Pra ver eles bem.

No desenho de Kelly novamente aparece o sentido subjetivo voltado para o núcleo familiar. Ela expressa o amor que sente pelos filhos e o futuro que

sonha pra eles. Como em outros momentos, Kelly ressalta que os filhos são o motivo pelo qual ela está na prostituição, uma vez que a sobrevivência deles depende desse trabalho. O coração ferido no desenho pode estar relacionado ao sofrimento pelo qual Kelly já passou no decorrer de sua trajetória, principalmente por estar longe de seus filhos.

No que se refere às questões que envolvem a maternidade na prostituição, Silva (2002) destaca que a maternidade e os problemas financeiros são, frequentemente, apontados pelas prostitutas como justificativa para o ingresso na atividade sexual. E essa opção, em vez de indicar abandono ou recusa de suas funções enquanto mães, geralmente, afirma essa condição, pois entendem que a boa mãe é aquela que se doa em prol de seus filhos. Destarte, assim como as demais mulheres, as prostitutas vivenciam a experiência da maternidade por um anglo diferente, ou seja, por meio da figura da mãe idealizada que se sacrifica em nome dos filhos, tornando o próprio ingresso nessa ocupação uma maneira de doar-se em função dos filhos.

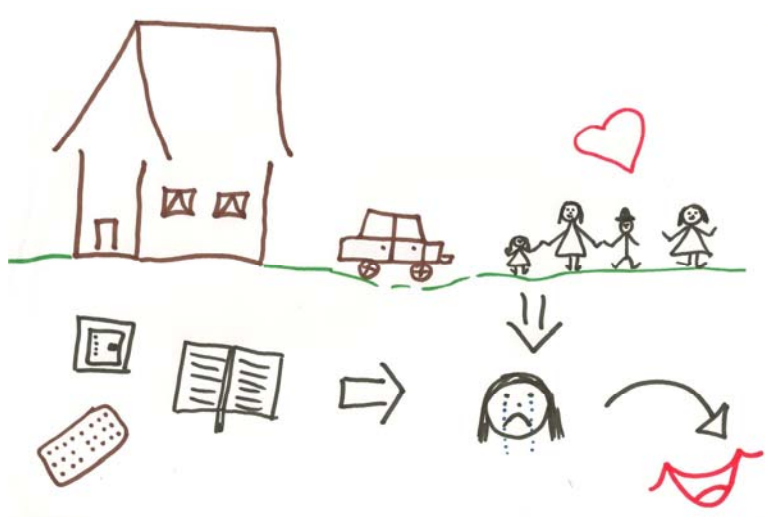


Figura 5 Causa e efeito
Fonte: Desenho feito por Camila

Camila: Meu desenho... Vamos lá, então, né. Essa casa aqui, o carro que eu te falei que eu comprei... Eu desenhei porque só foi possível comprar porque eu tava aqui trabalhando né. então não foi em vão meu esforço. Os bonequinhos são eu e meus filhos e minha mãe, que é pra quem eu luto aqui pra melhorar a vida deles. Isso aqui é um cofre e eu desenhei porque tô guardando um dinheiro pra montar alguma coisa no futuro. O livro é a educação, né, a escola que agora eu posso pagar pros meus filhos, os cursos que eles querem fazer. E isso aqui não aparece mas é uma cartela de remédio. Minha mãe tem problema de saúde e eu pago o tratamento dela e os remédios que fica caro pra ela pagar com a aposentadoria. Tudo isso eu consegui depois que eu faço programa. As setas indicando pra mim é porque pra conseguir isso tudo eu sofro muito aqui, mas eu sei que vai passar esse tempo e eu vou poder ser feliz junto com eles, se Deus quiser.

Camila faz um desenho interessante que expressa claramente o sentido do trabalho para ela. Ela apresenta inicialmente as coisas que já conseguiu por meio de seu trabalho como prostituta: casa, carro, escola dos filhos, tratamento de saúde de sua mãe e a poupança que faz para o futuro. A menininha chorando representa ela, pois foi à custa de seu sofrimento na prostituição que tudo isso foi possível. Quando ela puder deixar esse trabalho, então poderá ser plenamente feliz. Em seu desenho existem sentidos subjetivos do trabalho que se relacionam à renda que essa atividade proporciona.

Observa-se, pelo desenho, que Camila faz um balanço entre as coisas boas que o trabalho torna possível, tanto para ela quanto para sua família e as dificuldades que enfrenta no exercício da atividade. Ela reflete que a felicidade e o conforto advindos da renda adquirida na prostituição são mais importantes que o sofrimento gerado. Assim, ela vive na expectativa de um dia poder deixar seu trabalho e pode ser então, feliz.



Figura 6 A solidão da rosa
Fonte: Desenho feito por Mel

Mel: O dinheiro é porque é por ele que eu trabalho, igual todo mundo. É com esse dinheiro que eu pago a minha faculdade e comprei meu apartamento e tô pagando as prestações. No trabalho que eu tinha antes, nunca que eu ia conseguir comprar e mal dava pra pagar a faculdade. Então, eu trabalho pra viver melhor do que eu vivia antes. Só que meu trabalho também me afastou demais da minha família. Essa rodovia é por causa da distância entre a gente, não só distância de quilômetro mas também de ser próximo, sabe. E isso aqui é a rosa do Pequeno Príncipe. Porque ela é minha referência de solidão. Sei lá, ela fica sozinha naquele planeta dela. Acho que não tem ninguém mais solitário que ela. Eu desenhei porque eu me sinto sozinha, como já te falei e acho que depois que faço programa essa solidão aumentou muito porque eu me afastei de algumas pessoas.

Mel deixa explícito em seu desenho que o trabalho está relacionado ao dinheiro, ou seja, à renda gerada por meio dele. Assim como Camila, ela apresenta algumas coisas que já conseguiu através de seu trabalho na prostituição, como é o caso de seu apartamento e das mensalidades da faculdade. Nos demais momentos empíricos, Mel não apresentou sentidos subjetivos

voltados para o núcleo familiar, no entanto, em seu desenho surgiu esse sentido. Acima da representação da família no desenho, Mel colocou um coração, indicando amor por eles. Ela revelou que seu trabalho a distanciou ainda mais de sua família. Novamente ela falou sobre solidão e expressou esse sentimento através da "Rosa do Pequeno Príncipe". Considerou-se essa relação entre Mel e a "Rosa" propícia, uma vez que ela demonstra em diversos momentos da pesquisa, ter se fechado para o mundo após tornar-se prostituta. Talvez seja isso que faça com que ela se sinta sozinha. Não se sabe ao certo os motivos que levam a esse isolamento, o fato é que Mel parece ter se distanciado de familiares e amigos. Acredita-se que um desses motivos, como mencionado por ela, esteja relacionado ao fato de mentir sobre sua realidade e deriva também do medo de que essa realidade seja descoberta e ela tenha que enfrentar os julgamentos, principalmente de sua família.

Os desenhos evidenciaram interessantes sentidos subjetivos do trabalho na prostituição e serviram também para confirmar algumas hipóteses que haviam sido construídas nos demais momentos empíricos. Considerou-se que a utilização dos desenhos como uma possibilidade a mais de apreensão de sentidos foi essencial para esta pesquisa. Diferentemente do primeiro e segundo momentos empíricos, em que as participantes tiveram pouco tempo para elaborar suas respostas, esse último momento possibilitou a reflexão sobre a temática, uma vez que foi preciso pensar para, então, desenhar.

4.7 O trabalho das prostitutas: alguns sentidos subjetivos apreendidos

Os relatos das participantes revelaram importantes sentidos subjetivos que possibilitaram o entendimento de alguns aspectos referentes ao trabalho das prostitutas. Esse foi um momento considerado como fundamental para esta

pesquisa, uma vez que tornou possível conhecer um pouco sobre o trabalho das participantes.

Assim como as demais profissões, a prostituição possui aspectos positivos e negativos. Ainda que as concepções já existentes sobre essa profissão tendam a mostrar os aspectos negativos com mais veemência, apareceram também aspectos positivos que revelaram muito sobre essa atividade. Os relatos apontaram sentidos subjetivos do trabalho que remetem à amizade existente entre algumas profissionais. Esse sentido subjetivo evidenciou-se principalmente nas falas de Natasha, Rebeca e Jéssica.

Outro sentido subjetivo apreendido relaciona-se com a renda adquirida na prostituição e na maioria das vezes, se revelou acompanhado do sentido subjetivo do núcleo familiar, uma vez que essa renda torna possível a sobrevivência de filhos, pais, avós, enfim, os familiares das participantes. Tais sentidos tornaram-se evidentes principalmente nos relatos de Kelly, que demonstrou forte apego aos filhos. Observa-se que para ela o sentido do trabalho volta-se basicamente para o núcleo familiar, que vai influenciar todo o tempo suas escolhas.

O sentido subjetivo do trabalho relacionado à renda aparece em outros momentos atrelado a outro sentido ainda, sendo esse um sentido subjetivo voltado à ambição ou desejo de posse. Principalmente Camila e Mel, apresentaram esses dois sentidos subjetivos em seus relatos. Trabalhar por sobrevivência é algo que implica determinado nível de necessidade. No caso dessas participantes, observa-se que a renda adquirida é direcionada para o consumo de bens materiais que lhes garantem uma vida relativamente equilibrada. É importante ressaltar que em outra atividade, dado o grau de experiência e a escolaridade das participantes, dificilmente elas teriam a mesma renda.

Um fato curioso que se evidenciou nessa análise refere-se àquilo que as participantes relataram ser o aspecto mais negativo de seu trabalho: a relação sexual com o cliente. A prostituição se caracteriza basicamente pela troca de dinheiro por serviço sexual, no entanto as participantes demonstram verdadeira repulsa por esse momento. Os motivos que explicam esse comportamento dizem respeito às péssimas condições de higiene que alguns clientes possuem e a maneira desagradável e desrespeitosa com que tratam essas profissionais. Dado o grau de intimidade que o serviço sexual exige, considera-se que não se trata de algo agradável de fato. Durante esta pesquisa ouviu-se de várias pessoas que as prostitutas deviam estar nessa atividade porque gostavam do sexo. Não foi isso que se evidenciou.

Outro sentido subjetivo do trabalho apreendido relaciona-se ao preconceito vivenciado nessa profissão. O trabalho na prostituição lida constantemente com a questão do preconceito e da discriminação sofridos por suas profissionais. A sociedade condena a profissão e externaliza isso na forma de olhares, comentários, maus-tratos, desconfiança, enfim, das mais diversas formas existentes para se tratar alguém que se encontra fora do padrão comumente aceito.

O trabalho na prostituição possui também duas dimensões de análise, sendo estas a dimensão do prazer e do sofrimento. Observou-se que, apesar das dificuldades enfrentadas, as prostitutas são capazes de sentir prazer por aquilo que fazem. Nessa dimensão apareceram elementos que apontam para sentidos subjetivos do trabalho relacionados à descontração existente na noite, o que as fazem se sentir constantemente em uma festa. Mais uma vez o sentido subjetivo relacionado à renda adquirida mostrou-se fonte de prazer para as participantes. Já na dimensão do sofrimento, emergiram elementos que remetem a sentidos subjetivos voltados para o núcleo familiar, para sentimentos como

arrependimento e solidão e para dificuldades vivenciadas no cotidiano das boates.

Em se tratando dos desenhos feitos, observa-se que possuem alguns pontos comuns: expressam tristeza e demonstram a intenção de no futuro deixar a prostituição. Todas as imagens mostram lágrimas ou rosto triste. Dessa forma, evidencia-se que o trabalho das prostitutas possui sentidos subjetivos relacionados a sentimentos negativos como sofrimento, tristeza, saudade, desesperança e medo. A impressão que se tem é que não é possível ser feliz sendo prostituta. Especificamente o desenho de Camila, refere-se à felicidade, no entanto, ela explica que essa felicidade só será possível no momento em que ela deixar de ser prostituta.

A família foi algo que apareceu fortemente nos desenhos, principalmente os filhos. O sentido subjetivo do núcleo familiar é algo que permeou toda a análise e que se mostrou presente também nas imagens criadas pelas participantes. Kelly, Camila e Mel representaram suas famílias no desenho e demonstraram a importância que a esfera familiar tem na vida delas. Além disso, expressaram também a maneira como o trabalho influencia a relação que estabelecem com seus familiares, seja pela distância, uma vez que todas trabalharam em boates localizadas em outras cidades, ou pela omissão da verdade, tendo em vista que não revelam à família sua profissão.

Principalmente no desenho de Rebeca, evidenciou-se algumas nuances do trabalho na prostituição. Em seu relato ela revelou um pouco de sua vida na boate e disse se tratar de uma tempestade. Observou-se que drogas, bebidas alcoólicas e noites em claro podem colocar a saúde das prostitutas em risco. Em relação a esses riscos, as doenças sexualmente transmissíveis são outro ponto a se tocar, tendo em vista que a vida sexual ativa das prostitutas com diversos clientes as coloca como grupo de risco. Dessa forma, observa-se que esses

elementos apontam para sentidos subjetivos do trabalho relacionados às inseguranças que a atividade produz.

A análise dos dados empíricos permitiu levantar elementos peculiares a cada uma das participantes pesquisadas, elementos que analisados de forma integral levaram à construção teórica de sentidos subjetivos preponderantes em cada uma, no tocante ao trabalho na prostituição. Esses sentidos demonstraram que a prostituição, assim como as demais profissões, tem seus altos e baixos, mas que por ser trabalho, possui uma dimensão repleta de significados para suas profissionais.

Essa análise permitiu compreender o espaço de trabalho das prostitutas como um ambiente permanentemente gerador de subjetividade. A análise dos sentidos subjetivos das prostitutas frente ao trabalho que realizam mostrou-se oportuna para o entendimento de aspectos importantes da relação entre as participantes da pesquisa e os sentidos que atribuem ao seu trabalho e possibilitou evidenciar que as relações no espaço do trabalho estão permeadas por inúmeras outras que ocorrem em outros espaços sociais de atuação dos sujeitos.

Nas expressões das participantes, observa-se a cada momento a relação intrínseca entre a subjetividade individual e a social, numa pressão recíproca, constante e sem fim. Nesse processo, a divisão entre o social e o individual inexiste, assim como a dicotomia entre o social e o subjetivo, como elucidado por Rey (2003).

Dessa forma, as interpretações foram de encontro à visão histórico-cultural de Rey (2003) de subjetividade, que rompe com a acepção tradicional de que a subjetividade se restringe ao interior do indivíduo e com a opinião de que a subjetividade é um fenômeno individual. Para o autor, a subjetividade é um sistema complexo formado simultaneamente nos planos individual e social, em que o indivíduo é ao mesmo tempo constituinte e constituído (REY, 2003). Os

resultados da pesquisa mostraram-se condizentes com a perspectiva teórica adotada, de que o sujeito é um indivíduo consciente, intencional, interativo e emotivo, que se constrói pelos espaços sociais em que atua, da mesma forma com que influencia também esses espaços.

O trabalho na prostituição não é meramente o ato de prostituir-se em si, envolto nesse ato estão muitas outras esferas que se tocam todo o tempo. Por exemplo, a família, principalmente na figura dos filhos; os amigos; as colegas de trabalho; os clientes; a sociedade, representada por pessoas que elas nem conhecem, mas que, de alguma forma encontram-se nessa relação; e elas próprias, pois as participantes não deixam de ser elas mesmas ao se tornarem prostitutas e com isso carregam consigo sentimentos, lembranças, valores que muitas vezes interferem naquilo que fazem no trabalho produzindo constantemente novos sentidos subjetivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo apreender os sentidos subjetivos produzidos por prostitutas de cidades do interior de Minas Gerais acerca de seu trabalho. Utilizou-se a epistemologia qualitativa de Rey (2005) que enfatiza as questões histórico-culturais, rompendo com a dicotomia entre o social e o individual e passa a entender a subjetividade como produção permanente de sentidos subjetivos na pressão recíproca entre a subjetividade social e a individual.

A pesquisa foi qualitativa e compreendeu três momentos empíricos utilizados para coletar os dados: relato de um fato marcante vivenciado na prostituição, conversações sobre a trajetória e a atividade de se prostituir e por fim, a criação de um desenho que expressasse sentidos em relação ao trabalho. Os sujeitos pesquisados foram seis prostitutas atuantes em boates nas cidades de Arcos, Lagoa da Prata, Formiga e Córrego Fundo.

O conceito de sentidos subjetivos possibilitou a produção de conhecimentos sobre o trabalho na prostituição que dificilmente seriam acessíveis por meio de métodos empíricos tradicionais. Considera-se que a atenção dada a cada uma das participantes, bem como aos significados e às emoções contidas nos relatos da pesquisa permitiram a identificação de elementos que integrados conduziram à descoberta de sentidos subjetivos que estruturam a vivência dessas mulheres enquanto prostitutas e demonstram importantes aspectos relacionados ao seu trabalho.

Observou-se que os sentidos subjetivos produzidos em um dado espaço social afeta consideravelmente os demais espaços sociais dos quais o sujeito participa, sendo esse sujeito também afetado pela subjetividade existente nesses espaços sociais. Dessa forma, tem-se o entendimento de Rey (2003) ao afirmar que a subjetividade é um sistema complexo, que se forma de maneira simultânea

nos planos individual e social. A subjetividade das prostitutas enquanto trabalhadoras, é influenciada por sentidos subjetivos relacionados a outros espaços sociais, sendo estes, principalmente, a família e a sociedade. Em contrapartida, esses espaços sociais afetados também influenciam o espaço social do trabalho. Nesse sentido acredita-se existir uma inter-relação constante entre os diversos espaços sociais dos quais as prostitutas são participantes, o que evidencia-se nos relatos que demonstram, por exemplo, que a distância da família é vista como algo negativo do trabalho na prostituição.

O estudo revelou a importância do sujeito individual para se compreender determinada realidade social. Por meio dos relatos individuais das participantes foi possível elucidar sentidos subjetivos essenciais para o entendimento do trabalho na prostituição como um todo. Em alguns momentos, por meio de uma única percepção ou história vivida foi possível se produzir conhecimento sobre o trabalho das prostitutas, como é o caso das experiências vivenciadas por Kelly, Mel e Jéssica.

Por analisar individualmente os relatos das participantes, bem como os sentidos subjetivos por eles produzidos, foi possível levantar elementos peculiares a cada uma delas. Por exemplo, os sentidos subjetivos destacados em Kelly voltam-se continuamente para a família, principalmente aos filhos; e a tendência de justificar sua condição de prostituta pela necessidade de sobrevivência de seus filhos e de sua avó. Já Mel, por meio de seus relatos, aponta sentidos subjetivos do trabalho que se relacionam ao desejo que ela possui de melhorar sua situação financeira e de possuir bens através da prostituição.

O trabalho para essas mulheres está de alguma forma relacionado à trajetória pela qual passaram. A realidade a que pertenciam juntamente com as escolhas que fizeram no decorrer do tempo, as levaram para essa atividade. Não se trata de uma justificativa para a entrada para a prostituição, mas de condições

econômicas, sociais e psicológicas que colaboraram para que os passos dessas mulheres chegassem até as boates. Ao tratar essas condições, refere-se ao abandono pelos pais, pertencimento às classes baixas da sociedade, maus-tratos, violência sexual causada pelo pai, baixa escolaridade, inexperiência profissional, mau relacionamento com os pais, dentre outras atrocidades vivenciadas pelas participantes. Por conceber o indivíduo como fruto do espaço social ao qual pertence e também como influenciador desse espaço, acredita-se que a realidade social das participantes não tenha colaborado para a percepção de outras oportunidades que não a prostituição.

No que se refere ao trabalho na prostituição, observou-se que é permeado por dificuldades enfrentadas diariamente por suas profissionais, mas também é uma atividade que possibilita uma renda superior e a criação de laços afetivos, além de proporcionar diversão. Assim como as demais atividades, a prostituição possui aspectos positivos e negativos e revela momentos de prazer e sofrimento no trabalho.

Dentre as dificuldades enfrentadas na prostituição, pode-se citar a relação sexual com clientes indesejados, além de viverem, como já apontado, uma situação permanente de marginalização, o que produz altas doses de sofrimento decorrente do preconceito vivenciado. De fato, nos depoimentos recolhidos nota-se forte presença de queixas relacionadas à impossibilidade de estar próximas à família, à violência física e maus-tratos por parte dos clientes e ao fato de omitir a profissão de amigos e familiares, dentre outros. Encontrou-se também indícios de uso abusivo de álcool, cigarros e drogas e forte tendência à depressão.

Embora existam as dificuldades citadas acima, um fator em especial parece fazer com que as prostitutas enfrentem tais dificuldades: a renda conseguida por meio dos serviços prestados. A possibilidade de consumir aquilo que desejam e prover a sobrevivência delas próprias e da família, faz com que

permaneçam na prostituição. Outra variável influente acredita-se ser a dificuldade de atuar em outra atividade, tendo em vista a baixa escolaridade e a inexperience, além do preconceito existente em relação às ex-prostitutas. As amizades feitas com colegas de trabalho e alguns clientes são vistos como um aspecto positivo do trabalho. O clima de diversão das boates regado à música, dança, bebidas alcoólicas e em alguns casos drogas, é também mencionado como algo que torna o trabalho agradável.

A prostituição mostrou-se uma atividade que influencia de maneira negativa as outras esferas da vida de suas profissionais. Nesse sentido, as esferas familiar, sentimental e social, parecem ser as mais afetadas. As prostitutas de boate dificilmente podem estar próximas à família, pois devido à locomoção constante de uma boate para outra, isso se torna praticamente impossível, como é o caso de Rebeca, Kelly e Camila. Todas as participantes se encontravam solteiras no momento da pesquisa. Os relacionamentos amorosos tornam-se complicados tendo em vista o serviço prestado, como demonstra a história de Jéssica e Mel. A convivência em sociedade é abalada, pois o preconceito e a discriminação, devido às questões morais, que condenam o trabalho dessas profissionais as excluem enquanto categoria profissional, conforme mostram muitos relatos desta pesquisa.

Considera-se que a pesquisa contribuiu academicamente ao tratar do tema da prostituição no âmbito da Administração. Trata-se de uma abordagem inédita, uma vez que não encontrou-se trabalhos publicados em eventos e revistas científicas em Administração que trouxessem essa temática. Ademais, as pesquisas realizadas sobre prostituição pertencem em sua maioria à área da Sociologia, Psicologia, Enfermagem e Direito, não estando presentes em estudos da Administração. Entende-se que isso se deve ao fato de a prostituição não ser reconhecida socialmente como uma profissão, estando seu mercado, bem como o que a ele se relaciona, afastados das pesquisas que envolvem a gestão. Diante

disso considera-se que esta pesquisa contribui com a academia por analisar sobre a perspectiva da Administração, um mercado rentável e em expansão, no entanto, com profissionais marginalizadas e discriminadas pela sociedade que não as reconhece como categoria. Refletir academicamente essas condições é o primeiro passo para que mudanças aconteçam.

Epistemologicamente, considera-se relevante a aplicação da epistemologia qualitativa (REY, 2005) e da teoria da subjetividade sob o enfoque histórico-cultural (REY, 2003) em pesquisas no campo da Administração, enfatizando o sentido do trabalho. A concepção de subjetividade desenvolvida pelo autor confirmou-se promissora para a realização de pesquisas que envolvem o trabalho. Evidenciou-se que a prostituição concebida neste estudo como atividade profissional, influencia a subjetividade de suas trabalhadoras e sofre também influência da subjetividade delas na medida em que se constituem como prostitutas.

Considera-se que a utilização de momentos empíricos específicos foi positiva para esta pesquisa, pois possibilitou a apreensão de sentidos subjetivos de diferentes maneiras. A forma como esses momentos foram conduzidos possibilitou reflexão e naturalidade para que as participantes expressassem seus sentidos à medida que retratavam um pouco de sua história. Em especial os desenhos, mostraram-se uma forma eficiente que leva à reflexão por parte delas, além de reafirmar hipóteses construídas nos demais momentos.

Por mais que se queira aperfeiçoar um trabalho, sempre existem limitações. A limitação deste estudo refere-se ao fato de se ter trabalhado apenas a prostituição de boate e por ter-se investigado boates apenas em algumas cidades do interior. Considera-se que os resultados aproximaram-se da realidade, no entanto, é importante mencionar que trata-se das interpretações da pesquisadora e tanto as expressões como as interpretação podem ser

influenciadas pela história de vida e pelos sentidos subjetivos das profissionais envolvidas na pesquisa e da própria pesquisadora.

O estudo deixa ainda algumas perguntas importantes que poderão se tornar objeto de investigação em pesquisas futuras, como, por exemplo: quais sentidos subjetivos do trabalho podem ser apreendidos pelos demais tipos de prostituição (de rua, de luxo, de hotéis, de pista)? Quais sentidos subjetivos podem ser apreendidos por profissionais do sexo homens? Qual a importância da legalização da prostituição para seus profissionais? Qual a percepção das prostitutas em relação à prostituição: estranhamento ou naturalização?

Adentrar o mundo da prostituição foi um desafio que se tornou gratificante. O "frio na barriga" a cada boate visitada foi preenchido por um sentimento nutrido por aquelas mulheres. Não trata-se de amizade ou algo parecido, trata-se de respeito. Respeito por mulheres tão comuns em suas trajetórias, experiências, dificuldades. Mães, filhas, senhoras, chefes de família, seres humanos que levam uma vida como outra pessoa qualquer e que trabalham, porém, numa atividade marginalizada pela sociedade.

A hipocrisia está em não aceitar a prostituição como um trabalho e não enxergar que o fato de mantê-la ilegal não impede que a atividade continue sendo exercida. Não é objetivo deste estudo fazer apologia à prostituição, nem tampouco defender os direitos humanos dessas profissionais. Trata-se de compreender a prostituição tal qual ela se apresenta, entendendo que, assim como os demais, elas devem ser vistas como trabalhadoras, independente das escolhas que fazem.

REFERÊNCIAS

ABEL, G. M. Different stage, different performance: The protective strategy of role play on emotional health in sex work. **Social Science and Medicine**, Oxford, v. 72, p. 1177-1184, 2011.

ALBERTON, D. M.; PICCININI, V.C. O sentido do trabalho em agências de publicidade. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2009. 1 CD ROM.

ALBORNOS, S. **O que é trabalho?** São Paulo: Brasiliense, 1994.

ALVAREZ, G.; RODRIGUES, M. T. Prostitutas cidadãs: movimentos sociais e políticas de saúde na área da saúde (HIV/Aids). **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 32, n. 1/2, p. 53-68, 2009.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.

ARANGUREN, M. N. Mirada nueva: problemas viejos. In: LUNA, L. G. **Mujeres y sociedad**: nuevos enfoques teóricos y metodológicos. Barcelona: Promociones e Publicaciones Universitarias S.A, 1991.

ARAÚJO, E. **A arte da sedução**: sexualidade feminina na colônia. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/>>. Acesso em: 17 abr. 2012.

ASSIS, D. T. F.; MACEDO, K. B. Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. **Revista Psicologia e Sociedade**, São Paulo, v. 20, p. 117-124, 2008.

BARRETO, L. C.; PRADO, M. A. M. Identidade das prostitutas em Belo Horizonte: as representações, as regras e os espaços. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v. 5, p. 193-205, 2010.

BORGES, L. O.; TAMAYO, Á. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 11-44, 2001.

BRAGA, J. M. F. Prostituição e moral: evangelização libertadora versus pecado social. In: ÂNGELO, A. et al. **A prostituição em debate**. São Paulo: Paulinas, 1982.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Classificação brasileira de ocupações**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

CAMPANTE, F. R.; CRESPO, A. R. V.; LEITE, P. G. P. G. Desigualdade salarial entre raças no mercado de trabalho urbano brasileiro: aspectos regionais. **Revista Brasileira de Engenharia - Caderno de Engenharia Biomédica**, Rio de Janeiro v. 58, n. 2, p. 185-210, 2004.

CAPPELLE, M. C. A. **O trabalho feminino no policiamento operacional: subjetividade, relações de poder e gênero na oitava região da Polícia Militar de Minas Gerais**. 2006. 378 p. Dissertação (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v. 2, 344 p.

CHAGAS, T. **Deputado Jean Wyllys prepara projeto de lei para legalizar a prostituição no Brasil**. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/jean-wyllys-projeto-legalizar-prostituicao-brasil-31783.html>>. Acesso em: 3 abr. 2012.

CHO, S. Y.; DREHER, A.; NEUMAYER, E. Does legalized prostitution increase human trafficking? **World Development**, Ann Arbor, v. 41, p. 67–82, 2013.

COBBINA, J. E.; OSELIN, S. S. It's Not Only for the Money: An Analysis of Adolescent versus Adult Entry into Street Prostitution. **Sociological Inquiry**, v. 81, n. 3, p. 310–332, 2011.

CODO, W. et al. **O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho**. Petropolis: Vozes, 2004.

CORSO, C. Desde dentro: los clientes vistos por una prostituta. In. OSBORNE, R.(Ed.). **Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI**. Barcelona: Bellaterra, 2004. p. 121-131.

COSTA, D. B.; SILVA, E. F.; NASCIMENTO, J. U. **O trabalho das profissionais do sexo em Campina Grande: a batalha da vida.** Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/141.%20o%20trabalho%20das%20profissionais%20do%20sexo%20em%20campina%20grande.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2012.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

DIOGO, M. F.; MAHEIRIE, K. Alguns sentidos atribuídos ao trabalho doméstico por serventes de limpeza. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v11n2/a09v11n2.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

DODSWORTH, J. Pathways through sex work: childhood experiences and adult identities. **British Journal of Social Work**, Oxford, v. 42, p. 519–536, 2012.

DOURADO, D. P. et al. Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, 2009.

EAGLETON, T. **Literary theory: an introduction.** Minneapolis: University of Minnesota, 1983.

FERREIRA FILHO, B. R. **Zona de batalha: os sentidos da prostituição.** 2009. Disponível em: <www.profiscientia.ifmt.edu.br/index.php?option=com>. Acesso em: 25 mar. 2012.

FIGUEIREDO, L. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2001.

FRANÇA, G. V. Prostituição: um enfoque político-social. **Femina**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 145-148, fev. 1994.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental [1911]. In: EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.

GASPAR, M. D. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1984.

GODELIER, M. Trabalho. In: _____. **Modo de produção, desenvolvimento e subdesenvolvimento.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. v. 7.

GORRY, J.; ROEN, K.; REILLY, J. Selling your self? The psychological impact of street sex work and factors affecting support seeking. **Health and Social Care in the Community**, Oxford, v. 18, n. 5, p. 492–499, 2010.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

JULIANO, D. El peso de la discriminación: debates teóricos e fundamentaciones. In. OSBORNE, R. (Ed.). **Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI**. Barcelona: Bellaterra, 2004. p. 43-55.

LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 6, p. 79-90, 2003.

LEITE, G. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LONCLE, F. **Os números da indústria do sexo**. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=294&PHPSESSID=e982d772e136b75d3fac6b3715d1e5c5>>. Acesso em: 3 abr. 2012.

LONG, S. L.; MOLLEN, D.; SMITH, N. G. College women's attitudes toward sex workers. **Sex Roles**, Pittsburgh, v. 66, p. 117-127, 2011.

LOPES, C. S.; RABELO, I. V. M.; PIMENTA, R. P. B. A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. **Revista Psicologia Social**, Madrid, v. 19, p. 69-76, 2007.

MADEIRO, A.; RUFINO, A. Aborto induzido entre prostitutas: um levantamento pela técnica de urna em Teresina - Piauí. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 7, p. 1735-1743, 2012.

MAHER, J. M.; PICKERING, S.; GERARD, A. Privileging work not sex: flexibility and employment in the sexual services industry. **The Sociological Review**, Keele, v. 60, p. 654–675, 2012.

MAIA, M. B.; CHACHAM, A. S.; LOPES, A. F. C. Profissionais do sexo e saúde. **Jornal da Rede Feminista de Saúde**, Florianópolis, n. 25, p. 13-17, 2002.

MEANING OF WORKING. 1997. Disponível em: <<http://allserv.rug.ac.be/~rclaes/MOW/>>. Acesso em: 2 mar. 2012.

MELLOR, R.; LOVELL, A. The lived experience of UK street-based sex workers and the health consequences: an exploratory study. **Health Promotion International**, Eynsham, v. 27. n. 3, p. 311-322, 2011.

MENDES, A. M. B. **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método, pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MORAES, A. F. **Mulheres da vila**: prostituição, identidade social e movimento associativo. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOREIRA, I. C. C. C.; MONTEIRO, C. F. S. Vivência da entrevista fenomenológica com prostitutas: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, p. 789-792, 2009.

MORIN, E. Le sens du travail pour des gestionnaires francophones. **Revue Psychologie du Travail e des Organizations**, Grenoble, v. 3, p. 26-45, 1997.

MORIN, E. Os sentidos do trabalho. In: WOOD, T. **Gestão empresarial**: o fator humano. São Paulo: Atlas, 2002. p. 13-34.

MORIN, E. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, jul./set. 2001.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 47-56, 2007.

NEVES, M.; BITTAR, P. **CCJ rejeita projeto que legaliza a prostituição**. 2007. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/internet/homeagencia/materias.html?pk=113297>>. Acesso em: 13 abr. 2012.

NOVO, M. La mujer como sujeto, ¿utopia o realidad? **Revista Polis**, Santiago, v. 2, n. 6, p. 1-15, 2003.

NUSSBAUM, M. Pela razão ou preconceito: ganhar dinheiro com o uso do corpo. In: THEMIS Direitos sexuais. Porto Alegre: Themis, 2002.

OLIVEIRA, M. Q. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte**: o trabalho da vida nada fácil. 2008. 179 p. Dissertação (Mestrado em

Psicologia Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

OSBORNE, R. **Las prostitutas**: una voz propia (crónica de un encuentro). Barcelona: Icaria, 1991.

PASINI, E. Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 25, p. 185-216, 2005.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHO, E. B. M. No amor e na batalha: memórias afetivas de mulheres prostitutas. **OPIS Revista do NIESC**, Catalão, v. 6, p. 108-119, 2006.

RAGO, M. R. **Os Prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REY, G. F. L. **O social na psicologia e a psicologia social**: a emergência do sujeito. Petrópolis: Pioneira Thomson, 2004.

REY, G. F. L. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZALEZ REY, F. L. (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

REY, G. F. L. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning, 2003.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

RODRIGUES, M. T. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Revista Kátalys**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 68-76, 2009.

ROSA, G. **Prostituição globalizada**. Disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=10610&cd_canal=42>. Acesso em: 2 abr. 2012.

ROSSIAUD, J. **A Prostituição na idade média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero e patriarcado: violência contra mulheres. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (Org.) **A mulher brasileira**

nos espaços público e privado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 43-59.

SCHREINER, L. et al. Prevalência de sintomas depressivos em uma amostra de prostitutas de Porto Alegre. **Revista de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 13-20, 2004.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1989.

SILVA, A. P ; BLANCHETTE, T. G. **“Amor um real por minuto”.** 2008. Disponível em: <<http://www.sxpolitics.org/pt/wpcontent/uploads/2009/10/sexualidade-e-economia-thaddeus-blanchette-e-ana-paula-da-silva.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

SILVA, C. P. **A construção da identidade feminina nas trabalhadoras do sexo:** relatório final bolsa PIBIC/CNPQ. São Carlos: UFSCar, 2002.

SILVA, K. A. T. “O lixo pode ser mais que lixo”: o sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 35., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2011. 1 CD ROM.

SOIHET, R. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: _____. **Gênero e ciências humanas:** história, mulheres, gênero: contribuições para um debate. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 94-114.

SOUSA, F. R. **A noite também educa:** compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição. 2012. 291 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. 1 CD ROM.

STEARNS, P. N. **História das relações de gênero.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-40, 235-251.

STEIL, A. V. Organizações, gênero e posição hierárquica – compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 62-69, jul./set. 1997.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Sobreviver ao trabalho.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

TOURAINÉ, A. **O mundo das mulheres.** Petrópolis: Vozes, 2007. 207 p.

TRINDADE, W. R.; FERREIRA, M. A. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, p. 417-426, 2008.

VÁRZEA, M. O feminismo no Brasil. In: PINTO, C. R. J. **Uma História do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas II**: problemas de psicología general. Madrid: Visor, 1991.

ZEFERINO, R. Feminilidade e castração: seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 128-151, 2002.

ANEXOS

ANEXO A Pontos que orientaram o momento de conversação**1) Perfil**

Nome (pode ser real, de batalha ou outro):

Idade:

Estado civil:

Filhos (quantos e idade):

Naturalidade e cidade em que reside:

Com quem mora:

Escolaridade:

Ocupação (principal e secundárias):

Renda mensal aproximada:

2) Trajetória

Conte-me sobre sua vida:

Pais;

Infância;

Adolescência;

Relacionamentos amorosos;

Casamento;

Filhos;

Como você conheceu a prostituição?

Em que momento você decidiu ser prostituta?

O que mais a influenciou a entrar para a prostituição?

Como está sua vida atualmente?

3) Trabalho

Há quanto tempo trabalha como prostituta:

Principal local em que trabalha:

Horário de trabalho:

Preço médio do programa:

Número de programas por dia:

Você mora na boate?

Preço da diária / aluguel do quarto:

Do valor que você recebe pelo seu programa, quanto você repassa ao proprietário da boate?

Você acha esse valor justo?

Qual sua opinião em relação às suas condições de trabalho? (instalações, alimentação, conforto, descanso)?

Como funciona a boate?

Já trabalhou como prostituta em outros lugares? Quais? Principais diferenças?

Profissão declarada:

Já possuiu outra profissão? Qual?

Em quais situações e para quais pessoas declara que é prostituta?

Qual a reação mais comum quando faz isso?

Para você, o que é prostituição?

Para você, o que é ser prostituta?

O que significa seu trabalho pra você?

Quais são os maiores desafios encontrados por você ao desempenhar seu trabalho?

Qual imagem, você acha que as pessoas têm do seu trabalho?

Você sofre preconceito por ser prostituta? Em que situações você percebe isso?

Como você se relaciona com seus clientes?

Você já sofreu algum tipo de violência por ser prostituta?

Como você se relaciona com suas colegas de trabalho?

Você está satisfeita com o que faz?

Você gostaria de trabalhar em outra atividade? Qual?

Se sim na questão anterior, o que a impede de procurar outro trabalho?

O que mais lhe dá prazer em seu trabalho?

O que mais lhe causa sofrimento em seu trabalho?

Quais são suas perspectivas em relação ao seu trabalho?

A legalização da prostituição é algo importante pra você?

O que mudaria em seu trabalho com a legalização?

O que você espera do futuro?

ANEXO B Esclarecimentos sobre a Pesquisa

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Pode decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte à responsável pelo estudo, Késia Aparecida Teixeira Silva, qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizada de forma alguma. Se tiver dúvidas você pode entrar em contato com Késia Aparecida Teixeira Silva pelo telefone ou *email* informados abaixo.

Universidade Federal de Lavras

Título do projeto: A Luz “Vermelha” no Fim do Túnel: sentidos subjetivos do trabalho na prostituição

Orientadora: Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle

Pesquisadora: Késia Aparecida Teixeira Silva

Telefone: (37) 9186-4870/(37) 3351-4577

E-mail: kesia.atsilva@yahoo.com.br

O estudo tem como objetivo principal apreender os sentidos produzidos por prostitutas do interior de Minas Gerais acerca de seu trabalho. Buscamos compreender o sentido que o trabalho tem na vida dessas profissionais, partindo do pressuposto de que a prostituição está consolidada como profissão na atualidade.

Caso decida fazer parte desta pesquisa, você deverá responder a algumas perguntas, de acordo com o roteiro elaborado pela pesquisadora. Se sentir constrangimento ao responder alguma das perguntas pode negar-se a fazê-lo ou

pode resolver terminar a entrevista. O tempo da entrevista é variável e pode ser necessário que seja feita em mais de um dia, para reduzir os desconfortos dos entrevistados. A entrevista será gravada e transcrita e o material será usado para auxiliar na elaboração de uma dissertação de mestrado. A participação nesta pesquisa não produzirá benefícios diretos ao participante.

O texto produzido a partir das informações coletadas será publicado e ficará disponível para consultas. Parte da entrevista poderá ser usada para posterior publicação na dissertação de mestrado da pesquisadora e em artigos científicos, mas você não terá seu nome revelado.

A qualquer momento da pesquisa você poderá procurar a pesquisadora responsável para esclarecer possíveis dúvidas através dos contatos oferecidos acima.

Késia Aparecida Teixeira Silva

ANEXO C Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar como sujeito da pesquisa “A Luz “Vermelha” no Fim do Túnel: sentidos subjetivos do trabalho na prostituição”. Fui suficientemente informada a respeito dos objetivos da pesquisa, que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo e discuti com Késia Aparecida Teixeira Silva sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo. Declaro ainda que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Local e data: _____.

Assinatura da entrevistada: _____.